UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

PERCEPÇÕES DOS ALUNOS DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA SOBRE A GRADE CURRICULAR, OS DOCENTES, AS COMPETÊNCIAS E O MERCADO DE TRABALHO

Lityz Ravel Hendrix

Orientadora: Profª. Dra. Maria Tereza Machado Teles Walter

Brasília
2015

LITYZ RAVEL HENDRIX

PERCEPÇÕES DOS ALUNOS DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA SOBRE A GRADE CURRICULAR, OS DOCENTES, AS COMPETÊNCIAS E O MERCADO DE TRABALHO

Trabalho final do curso de Biblioteconomia da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Tereza Machado Teles Walter

Brasília
2015

Catalogação na Fonte

H498p

Hendrix, Lityz Ravel. 1994-

Percepções dos alunos do curso de Biblioteconomia da Universidade de Brasília sobre a grade curricular, os docentes, as competências e o mercado de trabalho. [manuscrito] / Lityz Ravel Hendrix.

107 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, 2015.

Orientadora: Dra. Maria Tereza Machado Teles Walter.

1. Bibliotecário. 2. Biblioteconomia - Currículo. 3. Universidade de Brasília. 4. Competência profissional. 5. Formação profissional. I. Título.

CDU: 023.4:331 (817.3)

Titulo: "Percepções dos alunos do curso de Biblioteconomia da Universidade de Brasília sobre a grade curricular, os docentes, as competências e o mercado de trabalho.

Aluno: Lityz Ravel Hendrix Brasil Siqueira Mendes.

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Brasília, 01 de dezembro de 2015.

Maria Tereza Machado Teles Walter - Orientadora
Bibliotecária do Supremo Tribunal Federal - STF
Doutora em Ciência da Informação

Edilenice Jovelina Lima Passos – Membro externo
Bibliotecária do Senado Federal
Mestre em Biblioteconomia e Documentação

Fernando César Lima Leite – Membro
Professor na Universidade de Brasília (UnB)
Doutor em Ciência da Informação

Dedicatória

- ✓ À minha família, sempre ao meu lado nos momentos mais importantes da minha vida, sejam estes alegres, ou tristes;

- ✓ À professora Dra. Rita de Cássia do Vale Caribé, que foi a primeira a me dar a oportunidade de tratar deste tema, mas que por um problema de saúde não pode ser minha Orientadora. Por todas as aulas ministradas, onde além de ensinar, instigava os alunos a perceberem a importância de serem mais participativos nos ambientes de trabalho e pelo exemplo positivo que ela e a prof. Dra. Maria Alice representaram da profissão de bibliotecário;

- ✓ Aos meus amigos recentes e antigos:
  - ☐ Da época de Ensino Fundamental e Médio;
  - ☐ Da Universidade Católica de Brasília;
  - ☐ Da Arquivologia, Museologia e outros cursos da UnB;
  - ☐ Da Biblioteconomia UnB e de todas as regiões do País.

- ✓ À professora Dra. Maria Tereza Machado Teles Walter.

Agradecimentos

- ✓ *À Deus, por iluminar a minha mente nos momentos mais difíceis da produção deste TCC*;

- ✓ À minha querida e amada irmã, Taysa Brasil, por ajudar a escrever meu texto e decifrar ideias desconexas, em meio à preparação de aula aos meninos onde trabalha junto com a produção da sua especialização;

- ✓ Aos amigos que tive o prazer de conviver junto, tanto no Centro Acadêmico de Biblioteconomia, quanto na Representação Discente da Universidade de Brasília, por me proporcionar uma rica experiência na militância e também, por mudar o meu modo de ver o curso, fazendo com que eu criasse um sentimento de sempre querer ajudar, fato que me motivou a elaborar este trabalho;

- ✓ Aos professores marcantes com quem tive o prazer de ter aulas, conversar, ou até mesmo trabalhar em alguns momentos no curso;

- ✓ Ao grande Reginaldo e Jeová, pessoas únicas na Faculdade de Ciência da Informação, por me atender sempre com presteza e atenção, mesmo em momentos em que os dois estavam muito atarefados;

- ✓ Às bibliotecárias e bibliotecários, com quem tive o prazer de conhecer e conviver nas várias instituições: Câmara, CLDF, MJ, Senado, STM, STF, TCDF, TST e àqueles com quem trabalhei nos estágios extracurriculares (Biblioteca Central da UnB, PGDF), que foram exemplos positivos para mim e me mostraram a importância da profissão;

- ✓ Aos meus colegas de Biblioteconomia, que a cada ideia conversada, me proporcionou escrever este tema;

- ✓ À oportunidade dada pelo prof. Márcio Bezerra, como membro organizador do Encontro Nacional de Estudantes de Biblioteconomia e Documentação e aos colegas com quem tive a satisfação em trabalhar com eles, que me fizeram perceber que a pesquisa acadêmica é um registro importante para o desenvolvimento de um campo do conhecimento e que proporciona a discussão em busca de um currículo melhor;

- ✓ À Ms. Edilenice Passos, e o Dr. Fernando Leite pelas ricas contribuições dadas, que enriqueceram ainda mais este trabalho;

- ✓ Aos meus colegas de curso, potenciais formandos do segundo semestre de 2015 e do primeiro semestre de 2016, que se dispuseram a responder o questionário;

- ✓ *À professora Dra. Maria Tereza Machado Teles Walter, por ser mais que uma orientadora para mim neste trabalho: primeiro, por me acolher mesmo me conhecendo pouco; segundo, por me ajudar a transformar uma ideia em uma monografia; terceiro, pela paciência, sempre me mostrando o caminho mais correto para expressar minhas ideias; por último, pela dedicação e esforço demonstrado durante esse período. Espero muito que você enriqueça o quadro de professores da FCI com sua experiência e, principalmente, sabedoria!*

RESUMO

Este trabalho verificou a percepção dos potenciais egressos do curso de Biblioteconomia da Universidade de Brasília-UnB, do segundo semestre de 2015 e do primeiro semestre de 2016, em relação à própria competência para ingresso no mercado de trabalho, à atualidade da grade curricular, à sua visão sobre os colegas e sobre eles mesmos e também a opinião acerca das práticas pedagógicas dos docentes. O interesse pela temática se deu em decorrência do debate ocorrido durante o XXXVII Encontro Nacional de Estudantes de Biblioteconomia e Documentação - ENEBD 2014, em Brasília, acerca da percepção de alguns alunos de haver defasagem da grade curricular do curso de Biblioteconomia UnB, em relação ao que o mercado de trabalho requer do profissional. A abordagem da pesquisa foi embasada nos pilares: formação profissional e competências profissionais do bibliotecário. A pesquisa se caracteriza como estudo de caso de natureza descritiva e utiliza a abordagem mista, uma vez que foram utilizados métodos quantitativos e qualitativos para tratamento dos dados. Para o grupo participante desta pesquisa, foi possível constatar que é formado por uma maioria de mulheres, jovens, com faixa etária entre 21 e 25 anos, e ano de ingresso em 2012. A maioria não tinha Biblioteconomia como primeira opção de carreira, mas se entusiasmou com o curso e recomendaria a outros jovens que estivessem em fase de escolha de profissão. Quase todos fizeram estágios extra-curriculares, que consideram os ter influenciado na formação profissional e pelos exemplos positivos de bibliotecários com os quais puderam conviver nesse período. Conforme este grupo de respondentes, as práticas pedagógicas dos professores os desmotivam a assistir as aulas, mas reconhecem que os docentes trazem informações atuais para as disciplinas. Assinalaram que percebem que seus colegas de curso estão mais interessados em prestar algum concurso público, que são desmotivados, mas parte deles se percebe como desmotivada também. De acordo com esses alunos, faltam disciplinas de todas áreas relacionadas à Biblioteconomia, com ênfase nas áreas social, aplicadas e tecnológicas. No que tange às competências profissionais que serviram de base para a pesquisa, além das propostas por Valentim (2002), eles se avaliaram bons nas competências de comunicação e expressão, técnico-científicas, social e políticas e gerenciais, mas se assinalaram como regulares na elaboração de produtos de informação e nas competências gerenciais em geral, além do planejamento de políticas de conservação e preservação documental. O grupo pesquisado acrescentou, ainda, que o bibliotecário tem que ser proativo e cooperativo, lidar com a informação em diversos meios, fazendo o tratamento e a organização desta informação.

Palavras-chave: Bibliotecário. Biblioteconomia - Currículo. Universidade de Brasília. Competência profissional. Formação profissional.

ABSTRACT

This study investigated the perception of potential graduates of the course in Librarianship at University of Brasilia-UnB, second semester of 2015 and first semester of 2016, in relation to their competence for entering the labor market, their opinion about the curriculum of the course, their opinion about their classmates anda about themselves, and about the pedagogical practice of their professors. The interest to study these questions began because of the debate conducted by some students on the XXXVII National Conference of Library and Documentation Student 2014, in Brasília, about the gap of the curriculum of the Librarianship ~~Science~~ course of UnB, related to market demands. The research approach was based on the pillars: education and professional skills of the librarian. This research is characterized as descriptive, case study and uses the mixed approach and for data processing were used quantitative and qualitative methods. The majority of the future librarians of this research is young, ages from 21 to 25 years old, female, and bean the course in 2012. The first choice for a career was not Librarianship for the majority of the students, but they became enthusiastic and would recommend the course to other young people which have to choose a career. Almost all the students participated in extracurricular internship, what they considered that influenced their professional formation, and where they were able to have positive examples of good librarians. According to these group, the professors adopt pedagogical practices that do not motivate them, but recognize that the content of the disciplines are updated. The students think that their colleagues are not motivated, but a part of them think that themselves are not motivated as well. About the curriculum, they consider that there should have more disciplines related to Librariaship, emphasizing the social and applied sciences, and information technology. Related to the professional competences, they considered themselves good in communication, scientific and social competences, but analysed themselves as regular in management competences and about their skills to propose information products. This group considered, also, that the librarian must be proactive and cooperative, and deal with information no matter what is the platform.

Keywords: Librarian. Library Science - Curriculum. University of Brasilia. Professional competence. Professional qualification.

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

Figura 1: As três dimensões da competência.....24

Gráfico 1: Faixa Etária.....47

Gráfico 2: Biblioteconomia foi sua primeira opção de carreira profissional.....49

Gráfico 3: Me entusiasmei com a profissão.....50

Gráfico 4: Setor de trabalho da biblioteca.....51

Gráfico 5: A grade curricular do curso é suficiente para minha preparação e ingresso no mercado de trabalho.....52

Gráfico 6: As disciplinas que estou cursando durante a faculdade são muito aplicadas (teóricas), o que dificultará a minha atuação profissional.....53

Gráfico 7: Devido ao leque de disciplinas optativas ofertadas, pude escolher qual área das ciências que tenho mais afinidade.....55

Gráfico 8: O perfil profissional é constituído a partir da formação acadêmica recebida na graduação.....61

Gráfico 9: As associações profissionais contribuem para a formação do perfil profissional do bibliotecário.....62

Gráfico 10: A participação do aluno no Centro Acadêmico, DCE ou conselhos da Faculdade contribuem para a formação do perfil profissional do bibliotecário.....63

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Disciplinas dos currículos mínimos dos cursos de Biblioteconomia no Brasil.....12

Quadro 2: Disciplinas obrigatórias do curso de Biblioteconomia UnB.....15

Quadro 3: Cadeia 1 - Línguas estrangeiras.....16

Quadro 4: Cadeia 6 - Cultura e sociedade brasileira.....16

Quadro 5: Cadeia 7 – Filosofia.....16

Quadro 6: Cadeia 8 – Linguagens.....17

Quadro 7: Cadeia 9 – Comunicação.....17

Quadro 8: Resumo do histórico dos conceitos de competência.....23

Quadro 9: Comparação entre os perfis e as atitudes dos tradicionais e dos modernos profissionais da informação.....33

Quadro 10: Questões e objetivos da pesquisa.....46

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Motivo de ingresso no curso.....48

Tabela 2: Razões de escolha de Biblioteconomia como carreira profissional 49

Tabela 3: Afirmações acerca da falta das disciplinas na grade curricular do curso de Biblioteconomia da UnB.....55

Tabela 4: Opinião sobre a prática pedagógica dos professores.....57

Tabela 5: Postura dos alunos em sala de aula.....63

Tabela 6: Competências de comunicação e expressão do bibliotecário.....69

Tabela 7: Competências técnico-científicas do bibliotecário.....68

Tabela 8: Competências gerenciais do bibliotecário.....69

Tabela 9: Competências sociais e políticas do bibliotecário.....71

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABDF – Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal

BN – Biblioteca Nacional

CABiblio – Centro Acadêmico de Biblioteconomia e Documentação

CFB – Conselho Federal de Biblioteconomia

CI – Ciência da Informação

CRB – Conselho Regional de Biblioteconomia

DCE – Diretório Central dos Estudantes

DF – Distrito Federal

FCI – Faculdade de Ciência da Informação

INL – Instituto Nacional do Livro

MEC – Ministério da Educação e Cultura

MPI – Moderno Profissional da Informação

PPC – Projeto Pedagógico do Curso

SAA – Secretaria de Administração Acadêmica

SLA – Special Libraries Association

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFScar – Universidade Federal de São Carlos

UnB – Universidade de Brasília

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Sumário

1 Introdução 1
1.1 Apresentação do tema 2
1.2 Problema de pesquisa 5
2 Objetivos da pesquisa 5
2.1 Objetivo geral 5
2.2 Objetivos específicos 5
3 Embasamento teórico 6
3.1 Ensino de Biblioteconomia no Brasil 6
3.1.1 Aspectos curriculares: os currículos mínimos de Biblioteconomia 9
3.1.2 Currículo de Biblioteconomia na UnB 12
3.2 A formação do bibliotecário 17
3.3 Sobre a noção de competência 20
3.3.1 Competências do bibliotecário 23
3.4 Perfil do Bibliotecário: o moderno profissional da informação 28
3.5 A relação entre a formação profissional e o ensino da UnB 35
3.6 A relação entre a formação profissional e o mercado de trabalho 37
4 Metodologia 39
4.1 Caracterização da pesquisa 39
4.2 Universo da pesquisa 42
4.3 Instrumento de coleta de dados 43
5 Análise de dados 45
5.1 Identificação 46
5.2 Formação profissional 48
5.3 Perfil profissional do bibliotecário 59
5.4 Competências 66
6 Considerações finais 73
REFERÊNCIAS 76
APÊNDICE 86

1 Introdução

As tecnologias de informação e de comunicação agilizaram o processo de guarda, organização, disponibilização e acesso à informação registrada. Devido à internet e aos catálogos *on-line*, os usuários se tornaram mais independentes na busca do conhecimento, determinando uma mudança no modo de trabalho do bibliotecário.

Nesse sentido, Cunha (2009, p. 101) indica que o futuro do bibliotecário está ligado à sua capacidade de se adaptar a novas demandas e requisitos dos usuários e do mercado de trabalho. “Além disso, esta diversidade de formas de lidar com a informação evidenciam uma tendência de trabalho interdisciplinar”.

O perfil do bibliotecário se alterou frente a esse novo usuário, muitas vezes apressado, e necessitando urgentemente da informação correta, naquele momento (CASTRO, 2000b; GUIMARÃES, 2002; VALENTIM, 2002).

De todo modo, mesmo considerando a época em que foi publicado, quando a internet e a informação em meio eletrônico ainda estavam em processo de consolidação, pode-se considerar que os conhecimentos tradicionais de Biblioteconomia continuam tendo importância e espaço, pois independente do suporte, a informação precisa estar tratada e acessível. Conforme Barbosa (1998, p. 59):

> A aplicação do conhecimento tradicional da biblioteconomia em novos ambientes e contextos não apenas irá ajudar a desenvolver novas oportunidades de mercado para os profissionais, mas também irá contribuir decisivamente para o efetivo gerenciamento do acervo de conhecimentos da sociedade (BARBOSA, 1998, p. 59).

Os desafios impostos pelas tecnologias da informação, fazem com que as escolas e departamentos adotem novas medidas e estratégias em seus programas educacionais direcionados para a formação de profissionais da informação (BARBOSA, 1998). Cunha (2009, p. 102) concorda que:

> As mudanças tecnológicas e estruturais da Sociedade de Informação estão obrigando os profissionais da informação a redefinir seu lugar no mercado de trabalho. Ao mesmo tempo que as funções informacionais se tornam mais complexas e específicas esta tendência à especificidade não resultou no fortalecimento das profissões clássicas da informação – mas abriu possibilidades para especialistas de outras disciplinas.

Para que não se formem bibliotecários com educação defasada do ponto de vista ao mercado de trabalho é necessária uma discussão em relação à reformulação dos conteúdos dos cursos.

Francisco Souza, em palestra proferida no XXXVII Encontro Nacional de Estudantes de Biblioteconomia e Documentação (ENEBD), em 2014, explica que pelas discussões acerca de implantação de novas diretrizes curriculares nacionais e pela regularidade temporal pela qual foram criados os antigos currículos de

Biblioteconomia (1962, primeiro currículo mínimo; 1982, segundo currículo mínimo; 2002, diretrizes curriculares nacionais), há o potencial de em 2022:

> [...] implantar-se no Brasil uma nova estratégia de organização do ensino superior de Biblioteconomia. É olhando para esse movimento histórico e para essa regularidade temporal da "atualização" estrutural do ensino de biblioteconomia no Brasil que pretendo refletir sobre o sentido da responsabilidade política a ser assumida pelo estudante de biblioteconomia no que tange ao futuro (SOUZA, 2014, informação verbal[1]).

Com isso, as perguntas que ficam são: Como estão sendo formados os novos bibliotecários frente a esses desafios? Qual é o novo perfil do bibliotecário?

Para responder esses questionamentos, a população estudada foi composta pelos potenciais formandos em Biblioteconomia na Universidade de Brasília no período compreendido entre o segundo semestre de 2015 e primeiro de 2016. Por estarem na fase final do curso, pressupõe-se terem mais maturidade e propriedade para avaliarem suas próprias competências, a grade curricular e os métodos de ensino utilizados pelos professores.

Pelas suas experiências nas disciplinas, bem como por saberem as práticas pedagógicas adotadas pelos professores, bem como suas metodologias de trabalho e de ensino, e nos estágios, estes estudantes podem explanar suas críticas e percepções, que podem ser levadas a uma discussão maior, com todos os alunos e os professores da Faculdade de Ciência da Informação da UnB.

Assim, este trabalho se propõe a mostrar a visão dos discentes, em contraponto ao que os autores disseram sobre mudança de perfil do bibliotecário e sobre a relação das competências profissionais com os requisitos dos diferentes tipos de trabalhos relacionados à informação. Para situar as discussões, fez-se um breve percurso da história do ensino de Biblioteconomia no Brasil, desde o primeiro curso instaurado, na Biblioteca Nacional em 1915, passando pelo advento dos currículos mínimos até a grade curricular da UnB em vigência em 2015, tendo sido implantado em 2011. Por fim, são discutidos os textos que tratam de perfil, mercado de trabalho e formação acadêmica.

1.1 Apresentação do tema

O debate sobre currículo para a formação profissional dos bibliotecários tem sido realizado ao longo dos anos (ALMEIDA; BAPTISTA, 2013; MILANESI, 2002; SOUZA, 2006; VIEIRA, 1983; WALTER; BAPTISTA, 2008). Questões como conhecimento técnico, formação humanística, uso competente de tecnologias da

---

[1] SOUZA, Francisco das Chagas de. A construção do bibliotecário brasileiro formado em nível superior: projeto do ano 2022. Palestra proferida no XXXVII Encontro Nacional de Estudantes de Biblioteconomia e Documentação (ENEBD), Brasília, Universidade de Brasília, 2014. Disponível em: <http://bibli-etica.blogspot.com.br/2014/07/aconstrucao-do-bibliotecario.html>. Acesso em 14 nov. 2015.

informação são pontos de discussão, aliadas ao acompanhamento da atualidade ou defasagem dos currículos.

Na literatura técnica da área são comuns textos que tratam das novas tendências de mercado e de que os bibliotecários devem estar preparados para enfrentar mudanças, com implantação e desenvolvimento de novas tecnologias de informação que causam impacto na forma como trabalham (CASTRO, 2002b; GUIMARÃES, 2000; VALENTIM, 2000; VALENTIM, 2002). Ainda que se possa considerar que os currículos dos cursos deveriam estar aptos a formar pessoal qualificado e que os professores teriam, por força de suas atividades de pesquisa, ensino e extensão, que ser os mediadores dessas informações sobre essas novas tendências, parece interessante verificar, junto aos alunos, como percebem essa relação currículo x realidade de mercado x formação profissional x atuação docente.

Diante desse fato e pelo que se discute na literatura técnica sobre os bibliotecários, pesquisar a percepção desses futuros profissionais sobre diversos aspectos como currículo, competências e mercados, parece relevante.

Esta pesquisa, então, se propôs a ouvir os discentes que potencialmente se formarão entre segundo semestre de 2015 e o primeiro de 2016, tentando compreender sua visão acerca da própria formação, de como percebem as práticas de ensino propostas pelos professores, como está a receptividade dos alunos quanto à metodologia em sala de aula, e se o que aprenderam no curso está sendo aplicado nos estágios que fazem, se constituindo de uma complementação de seu estudo no curso... ou não.

Embora algumas pesquisas (BAPTISTA, 1998; FARIA, 2015; OLIVEIRA, 1980; WALTER, 2008) tentem levantar a opinião dos bibliotecários sobre as disciplinas estudadas, não foram identificados trabalhos que tratam da visão dos alunos, ainda em processo de formação, sobre as matérias que estão estudando. Eles não estão no mercado de trabalho - até porque não podem, pela a Lei nº 4.084/62, porém, pelos estágios, pode-se ter uma ideia do que se espera desses alunos, no que tange competências, habilidades e atitudes que devem possuir. Os textos que embasaram este estudo, foram as pesquisas de BAPTISTA (1998), MILANESI (2002), WALTER (2008) e FARIA (2015), que trabalharam com os egressos, mostrando suas visões sobre o curso, delineando um perfil da profissão.

A fim de verificar a percepção sobre o curso de Biblioteconomia na Universidade de Brasília e sua grade curricular, é importante pesquisar junto aos futuros egressos quais são seus medos, impressões, opiniões e se realmente estão confiantes para ingressar no mercado de trabalho, com o estudo e o conhecimento acumulados durante os quatro anos da graduação. O que se apreende a partir da leitura sobre os bibliotecários é que é possível exercer as atividades em diferentes ambientes e com variadas fontes e suportes de informação.

Nesta pesquisa, então, buscou-se coletar opiniões de alunos em relação às competências adquiridas no processo de formação e como se sentem em relação ao ingresso no mercado de trabalho. Em algumas disciplinas, houve debates acerca de

como está estruturado o curso, porém, nada foi documentado. Apesar de serem alunos, em processo de formação, pode-se considerar que essas informações podem ser utilizadas para contribuir na elaboração, definição ou revisão do Plano Político Pedagógico do Curso (PPC) de Biblioteconomia da Universidade de Brasília, que em um de seus itens, deve traçar qual é o perfil de bibliotecários que a Universidade deve formar.

> Isso não significa, como uma linha de único sentido, que no âmbito da formação acadêmica em Biblioteconomia se evite realizar reflexões com o envolvimento dos discentes nos atos de pensar e, inversamente, que a preparação para o fazer científico em Ciência da Informação não careça de algumas ações práticas em que se insere a própria atividade de busca documental e bibliográfica, bem como o envolvimento em um campo investigativo, com a definição de técnicas de busca de dados, com o desenvolvimento de instrumentos para a coleta e a coleta de dados em si (SOUZA, 2006, p. 23-24).

As disciplinas cursadas na faculdade são provavelmente um fator de interferência no modo como os alunos se veem como profissionais. É certo que a universidade deveria preparar o aluno a ser um pesquisador, uma mente pensante, e não um "concurseiro"[2]. Um dos objetivos da pesquisa foi verificar se os alunos se sentem confiantes a disputar um espaço no mercado de trabalho de acordo com os estudos adquiridos.

A formação dos alunos é, então, baseada tanto na vida acadêmica, com suas práticas de ensino e conteúdo, quanto nos estágios curriculares e extracurriculares, supondo-se que quase todos participam dessa atividade.

Segundo Gondim (2002) "[...] a organização universitária, como qualquer outra esfera da educação formal, está sendo convocada a assumir um duplo papel, o de educar – que se distingue da mera instrução – e o de preparar profissionais para atender às novas demandas do mercado de trabalho".

Considerando que Brasília concentra órgãos públicos federais e distritais nas três esferas de Poder, Legislativo, Executivo e Judiciário, parece que o concurso público é o caminho natural dos formados na Capital. Como não se dispõe de dados oficiais sobre oferta de empregos para bibliotecários nas diferentes regiões, pode-se supor, com base nos dados de pesquisas anteriores (BAPTISTA, 1998; FARIA, 2015; WALTER, 2008), em que a maioria dos bibliotecários respondentes informaram atuar no segmento público, que, em Brasília, a empregabilidade nessa esfera pode ser maior que em outras regiões do País.

Ressalte-se, ainda, que para a Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal (ABDF) em 2013, o salário para o bibliotecário recém-formado com uma

---

[2] NA: Concurseiro é aquela pessoa que se dedica integralmente ao estudo de matérias específicas em editais de concursos públicos.

carga horária de 40 horas semanais era de R$ 2.295,00[3]. Em alguns concursos públicos[4], o salário chega na faixa de quatro a cinco salários mínimos[5], bastante mais elevado que o mínimo sugerido pela Associação, tornando ainda mais atrativo o ingresso nas vagas públicas.

1.2 Problema de pesquisa

Segundo Gil (2010), toda pesquisa se inicia com algum tipo de problema ou indagação. Portanto, o problema desta pesquisa foi: qual é a percepção dos potenciais egressos do curso de Biblioteconomia da Universidade de Brasília, no período compreendido entre o segundo semestre de 2015 e o primeiro semestre de 2016, em relação à própria competência para ingresso no mercado de trabalho?

2 Objetivos da pesquisa

Neste capítulo, foram definidos os objetivos geral e específicos da pesquisa.

2.1 Objetivo geral

Verificar a percepção dos potenciais egressos do curso de Biblioteconomia da UnB, no período compreendido entre o segundo semestre de 2015 e o primeiro semestre de 2016, em relação à própria competência para ingresso no mercado de trabalho.

2.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos da pesquisa foram:

a) identificar o perfil dos estudantes em fase de conclusão do curso no período compreendido entre o segundo semestre de 2015 e primeiro semestre de 2016;

---

[3] ASSOCIAÇÃO DE BIBLIOTECÁRIOS DO DISTRITO FEDERAL (ABDF). Resolução salarial 2013. Disponível em: <http://www.abdf.org.br/images/documentos/ABDF_-_Resolu%C3%A7%C3%A3o_salarial_2013.pdf>. Acesso em 28 set. 2015.

[4] Concursos do Ministério Público da União (MPU), salário de R$ 7.506,54 e do Tribunal de Contas da União (TCDF), R$ 12.401,38, aplicados no ano de 2013: Fonte: CESPE/UnB. Disponível em: <http://www.cespe.unb.br/concursos/mpu_13_2/>. Acesso em: 28 set. 2015. Fonte: CESPE/UnB. Disponível em: <http://www.cespe.unb.br/concursos/TC_DF_13_ANALISTA/arquivos/TCDF_EDITAL_ANAP_EDITAL_ABERTURA.PDF>. Acesso em: 28 set. 2015.

[5] O salário mínimo no Brasil, em 2013, era de R$ 678,00. Disponível em: <http://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2013/01/01/novo-salario-minimo-de-r-678-entra-em-vigorhoje.htm>. Acesso em 28 set. 2015.

b) identificar os fatores de influência, de acordo com os estudantes, acerca de sua formação profissional: universidade, estágios extracurriculares, professores, profissionais do mercado;

c) levantar as opiniões dos estudantes, sobre a grade curricular do curso de Biblioteconomia da UnB;

d) levantar as opiniões dos estudantes sobre as próprias competências de comunicação e expressão, técnico-científicas, gerenciais, social e política.

3 Embasamento teórico

Esta pesquisa pretendeu mapear a percepção dos prováveis egressos de Biblioteconomia da UnB, no período compreendido entre o segundo semestre de 2015 e o primeiro semestre de 2016, sobre o curso. Na primeira parte do trabalho foi mostrada a história do currículo no Brasil e na Universidade de Brasília, campo de estudo do trabalho. Além do demonstrativo, com quadros, das disciplinas oferecidas no último currículo do curso de Biblioteconomia, com vigência a partir do segundo semestre de 2011.

Após, foi estudada a formação do bibliotecário ao longo dos anos, trazendo, para a discussão, o pensamento de Mueller (1989), que ainda é pertinente nesta segunda década do século XXI, acerca das funções exercidas pelos bibliotecários, para delinear um perfil para cada função.

Adiante no trabalho, passando pelo conceito de competência em geral, fez-se o recorte da definição na Biblioteconomia à luz do que os autores na área escreveram sobre as competências básicas para exercer a profissão de bibliotecário, além do conceito acerca do Moderno Profissional da Informação (MIP) (CASTRO, 2000b; VALENTIM, 2000).

Por último, foram feitas algumas reflexões e discussões da literatura estudada com o que foi apresentado nos currículos e a relação com o mercado de trabalho, delimitado de acordo com Cunha (1999) e Valentim (2002).

3.1 Ensino de Biblioteconomia no Brasil

> *"[...] o ensino educativo deve buscar não a mera transmissão do saber acumulado, mas uma cultura que possibilite a compreensão da condição humana e nos ajude a viver, e que favoreça um modo de pensar aberto e livre" (*MORIN, 2000 apud SILVA; CUNHA, 2002, p.82*).*

Dinah Población, citada por Castro (2000a), reconhece quatro fases distintas do ensino de Biblioteconomia no Brasil: a formação humanista (1915-1928); o

pragmatismo americano (1929-1969); ufanismo nacionalista caracterizado pelo crescimento das escolas no País (1970-1985); e o período de reflexão e avaliação qualitativa dos cursos (1986-), período em que houve uma estabilização do crescimento quantitativo das escolas de graduação.

O Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB) considera que a Biblioteconomia, como área do conhecimento, só passou a existir a partir de 1911, quando Manuel Cícero Peregrino da Silva, oficializou a criação do primeiro curso no Brasil, vinculado à Biblioteca Nacional (BN). De acordo com Castro (2000a, p.53), o curso "[...] tinha como objetivo sanar as dificuldades existentes na Biblioteca há gerações, quanto à qualificação de pessoal [...]" e começou a funcionar somente em 1915 (RUSSO, 2010), devido à desistência dos inscritos que eram os próprios funcionários da biblioteca e também porque não havia professores suficientes para cada disciplina (Peregrino da Silva apud CASTRO, 2000a).

As aulas eram ministradas pelos diretores das diferentes seções da Biblioteca: Bibliografia, Paleografia e Diplomática, Iconografia e Numismática (WEITZEL, 2009). "A duração do curso era prevista para os meses de abril a novembro, e as aulas de uma hora por semana para cada matéria, devendo ser o conteúdo teórico e prático" (OLIVEIRA; CARVALHO; SOUZA, 2009, p. 14). Para a aprovação desses candidatos, era necessária a submissão de provas escrita e oral, junto com a frequência mínima de 50% das aulas.

A formação ocorreu de forma regular até 1920. Em 1922, cessaram suas atividades, sendo retomado em 1931, por determinação do Decreto nº 20.673, de 17 de novembro de 1931 e o período do curso passou para dois anos (CASTRO, 2000a). As disciplinas incluídas: Bibliografia, Paleografia Diplomática, História Literária, com aplicação à Bibliografia, Iconografia e Cartografia alteraram pouco o caráter do curso e refletiam os aspectos humanísticos (CASTRO, 2000a, p. 60). Até o início da década de 1930, a Biblioteconomia brasileira sofreu "[...] a influência do modelo humanista da École Nationale des Chartes, contando com profissionais escritores, historiadores, literatos, pessoas cultas, em geral" (RUSSO, 2010, p. 60).

Segundo Oliveira, Carvalho e Souza (2009), em 1944, o curso oferecido pela a BN se desdobrou em três níveis, sendo denominado "Cursos da Biblioteca Nacional", a saber:

a) o Curso Fundamental de Biblioteconomia, responsável por formar pessoal habilitado a executar serviços técnicos, sob a orientação dos bibliotecários, necessários para o funcionamento da biblioteca;

b) o Curso Superior de Biblioteconomia objetivava formar pessoal habilitado a administrar bibliotecas e a organizar ou dirigir serviços técnicos de bibliotecas;
c) os Cursos Avulsos tinham como finalidade atualizar os conhecimentos dos bibliotecários e auxiliares, além da divulgação de conhecimentos sobre Biblioteconomia, promovendo a unidade básica dos serviços da biblioteca.

O pragmatismo americano pôde ser observado no primeiro curso de Biblioteconomia de São Paulo, que foi criado em 1929 no Mackenzie College. Orientado pela bibliotecária americana Dorothy Muriel Gedds Gropp, “[...] era voltado para os funcionários da biblioteca, professores e bibliotecários de outras instituições” (ALMEIDA, 2012, p. 44).

Segundo Souza (1990 apud OLIVEIRA; CARVALHO; SOUZA, 2009, p. 17) esse modelo “[...] embriagava os intelectuais brasileiros que visitavam ou estudavam naquele País. Mesmo os indivíduos mais nacionalistas ou de sólida formação [europeia] submetiam-se aos encantos da América”. Estes encantos que convenciam os homens daquela época pelos seus ideais de progresso científico, dos quais se espelharam no modelo ilustrado na Europa e aplicaram no Brasil.

Em 1936, Rubens Borba de Moraes, fundamentado no curso oferecido no Mackenzie, criou a primeira escola de Biblioteconomia, funcionando primeiramente junto ao Departamento de Cultura de São Paulo, sendo depois incorporada à Escola de Sociologia e Política. (RUSSO, 2010). Era mais voltado para as técnicas biblioteconômicas, tinha por finalidade atualizar os próprios funcionários e as disciplinas eram essencialmente técnicas com influência norte-americana (CASTRO, 2000a). Este curso foi transferido, em 1940, para a Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (OLIVEIRA; CARVALHO; SOUZA, 2009).

O período caracterizado pela explosão de escolas de Biblioteconomia no Brasil, deu-se a partir da década de 1940. Um órgão relevante para a expansão e criação dos cursos pelo País foi o Instituto Nacional do Livro (INL), que contribuiu com a promoção de cursos regulares de técnicas biblioteconômicas, e em alguns lugares, acabaram por ser tornar cursos permanentes.

Durante os anos de 1943 a 1948, o curso de Biblioteconomia, sediado na Escola Livre de Sociologia e Política em São Paulo, tem suas atividades aumentadas, devido à subvenção da Rockfeller Foundation, que concede nove bolsas de estudo a interessados de outros estados. “Tais concessões tornam-se importantes para a difusão do modelo norte-americano” (OLIVEIRA; CARVALHO; SOUZA, 2009, p. 18).

As nove pessoas contempladas são, em grande parte, responsáveis pela expansão das escolas de Biblioteconomia no País.

> Mas, nota-se a ausência de uma normalização do seu ensino, dificultando a transferência de alunos para outra escola de Biblioteconomia. O que acaba por tornar indispensável uma postura desses profissionais frente à busca de uma uniformidade dos conteúdos ministrados, culminando assim, nas discussões em torno de um currículo mínimo (OLIVEIRA; CARVALHO; SOUZA, 2009, p. 18).

Souza (1990 apud OLIVEIRA; CARVALHO; SOUZA, 2009) ainda destaca outros fatores motivadores para a ampliação do número de escolas de Biblioteconomia no Brasil. O primeiro, foi o reconhecimento da profissão pelo Ministério do Trabalho, pela Portaria nº 162, de 07 de outubro de 1958 (CONSELHO

REGIONAL DE BIBLIOTECONOMIA, 201?). Em segundo, a sanção da Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962, que dispõe sobre a regulamentação da profissão de bibliotecário. E em terceiro, a criação do currículo mínimo em 1962.

3.1.1 Aspectos curriculares: os currículos mínimos de Biblioteconomia

Na década de 1960, alguns professores da área defenderam a implantação de um currículo mínimo de Biblioteconomia, porque com o curso tendo se espalhado pelo País, houve uma ausência da normatização do ensino, dificultando a transferência de alunos de um estado para outro (CASTRO, 2000a).

Para Guimarães (2002) cumpre destacar três conceitos no âmbito operacional: Currículo Mínimo, Currículo Pleno e Estrutura Curricular. Por currículo mínimo compreende-se a relação de matérias (descritas por ementas), cujos conteúdos constituirão o núcleo da formação do profissional almejado. Originário das estruturas governamentais, no âmbito educacional, visa garantir um patamar mínimo para uma dada formação profissional. A concretização da realidade curricular dá-se por meio do currículo pleno, em que se leva em consideração o contexto institucional, social, regional de cada escola. As estruturas curriculares em si, referem-se às grades curriculares, que constituem o meio pelo qual o currículo pleno se operacionaliza em cada escola.

O primeiro currículo mínimo foi aprovado pelo Conselho Federal de Educação, em 16 de dezembro de 1962, tinha as seguintes disciplinas: História do livro e das Bibliotecas, História da Literatura, História da Arte, Introdução aos Estudos Históricos e Sociais, Evolução do pensamento Filosófico e Científico, Organização e Administração de Bibliotecas, Catalogação e Classificação, Bibliografia e Referência, Documentação e Paleografia (OLIVEIRA; CARVALHO; SOUZA, 2009, p. 18).

Ressalta-se que as escolas poderiam incluir outras disciplinas além das preconizadas no currículo mínimo. Essa liberdade é advinda da Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, configurando o currículo pleno, composto de disciplinas obrigatórias e seletivas, bem como a definição de um prazo mínimo e máximo para um aluno se formar.

Nos anos 1970, as áreas dedicadas à ciência e tecnologia eram fundamentais para a formação do bibliotecário, por causa da época no País, com vários projetos desenvolvimentistas. Mas sem a base educacional sólida, “[...] o reflexo dessa política nas instituições formadoras foi a valorização da biblioteca especializada e a despreocupação com a biblioteca escolar, vista como menor e incapaz de garantir um bom emprego” (MILANESI, 2002, p. 9).

Dessa época, destaca-se o texto de Lemos (1973), que também faz uma crítica a este tipo de ensino dado nas escolas de Biblioteconomia. Segundo o autor

há a predominância do ensino prático em detrimento do estudo dos aspectos teóricos e fundamentais dos problemas biblioteconômicos. Não obstante, ele aponta a fidelidade – como um dogma – a códigos, normas e sistemas de documentação e classificação, em face da dinâmica da informação documental, do avanço da tecnologia da informação e a psicologia dos usuários.

Para Vieira (1983, p. 82), as escolas de Biblioteconomia falham:

> [...] quando se fecham dentro dos estreitos limites de uma técnica desvinculada do contexto social, falha cada um de nós bibliotecários que, ao se conscientizar de seu despreparo teórico face ao universo do conhecimento e de sua miopia social no exercício da atividade bibliotecária, não elabora seu projeto de reeducação pessoal e profissional.

Souza (2001) complementa que "[...] por falta de uma visão clara que articule à profissão os múltiplos papéis que o bibliotecário pode exercer na sociedade, o discurso da Escola visa formar um bibliotecário, na maioria das vezes, para uma biblioteca universal abstrata".

O momento dos anos 1980 era de transformação, no que tange à avaliação dos cursos já existentes, às matérias dadas e à visão da área como ciência. Este fato foi impulsionado principalmente pela criação dos cursos de pós-graduação. Desta forma, o segundo currículo mínimo da Biblioteconomia foi criado em 1982, pela Associação Brasileira de Ensino de Biblioteconomia e Documentação – ABEBD (SANTOS, 1998, p.5). A partir deste currículo mínimo, no mesmo ano, foi aprovado um novo currículo mínimo pelo Conselho Federal de Educação por meio da Resolução n. 08, de 29 de outubro de 1982 que "[...] fixa os mínimos conteúdos e duração do Curso de Biblioteconomia [...]" (SANTOS, 1998, p.5). Esse novo currículo (1982) tinha uma proposta multidisciplinar, com uma formação voltada para a satisfação dos usuários de unidades de informação, e três eixos principais: matérias de fundamentação geral, matérias instrumentais e matérias de formação profissional.

As matérias de fundamentação geral compreendiam: a) a comunicação; b) aspectos sociais, políticos e econômicos do Brasil contemporâneo; c) história da cultura. Já as matérias instrumentais eram: a) lógica; b) língua portuguesa e literatura da língua portuguesa; c) língua estrangeira e moderna; d) métodos e técnicas de pesquisa. As matérias de formação profissional abrangiam: a) informação aplicada à Biblioteconomia; b) produção dos registros do conhecimento; c) formação e desenvolvimento de coleções; d) controle bibliográfico dos registros do conhecimento; e) disseminação da informação; f) administração de bibliotecas (OLIVEIRA; CARVALHO; SOUZA, 2009).

De acordo com Marcos Miranda (2011)[6],

---

[6] Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda é Professor Associado da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). A citação do texto foi retirada da entrevista à Revista Biblioo, cuja reportagem foi publicada

> [...] esse currículo mínimo, vamos dizer assim, foi uma diretriz do governo, especificamente do Ministério da Educação e da Cultura, utilizada em todos os cursos superiores do nosso País. É muito interessante porque o MEC estabeleceu um currículo mínimo, e cada curso tinha seu currículo pleno.

Pode-se observar, no quadro 1, adaptado de Castro (2000a), a evolução do currículo mínimo de 1962 para o de 1982:

Quadro 1: Disciplinas dos currículos mínimos dos cursos de Biblioteconomia no Brasil

Currículo Mínimo (1962)	Currículo Mínimo (1982)
História do Livro e das Bibliotecas √ História da Literatura √ História da Arte √ Introdução aos Estudos Históricos e Sociais √ Evolução do Pensamento Filosófico e Científico √ Organização e Administração de Bibliotecas √ Catalogação e Classificação √ Bibliografia e Referência √ Documentação √ Paleografia	→ **Matérias de Fundamentação Geral** √ Comunicação √ Aspectos Sociais, Políticos e Econômicos do Brasil Contemporâneo √ História da Cultura → **Matérias Instrumentais** √ Lógica √ Língua e Literatura Portuguesa √ Língua Estrangeira Moderna → **Matérias de Formação Profissional** √ Métodos e Técnicas de Pesquisa √ Informação Aplicada à Biblioteconomia √ Produção de Registros do Conhecimento √ Formação e Desenvolvimento de Coleções √ Controle Bibliográfico dos Registros do Conhecimento √ Disseminação da Informação √ Administração de Bibliotecas

Fonte: Adaptado de CASTRO (2002, p. 46).

Para Souza (1990 apud OLIVEIRA; CARVALHO; SOUZA, 2009) o currículo de 1982 recebeu críticas no âmbito da formação do bibliotecário por ser generalista, não ter focos específicos em determinadas linhas e por ser tecnicista pela falta de

---

por Emília Sandrinelli. Disponível em: <http://biblioo.info/100-anos-de-biblioteconomia-no-brasil/>. Acesso em: 04 set. 2015.

matérias que relacionassem o trato social, psicológico com o usuário e o ambiente onde o bibliotecário atua.

Desse modo, houve uma necessidade de traçar as possíveis características e habilidades que os graduados deveriam ter ao concluírem o seu curso. Assim, para solucionar essas lacunas, o Ministério da Educação (MEC) definiu as Diretrizes Curriculares Nacionais.

Em 2001, com a publicação das Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Biblioteconomia, o currículo foi reformulado, passando a ser fundamentado nas competências e habilidades profissionais. Como Mueller (1989) demonstrou, era necessário compreender qual era o objeto de trabalho da profissão, daí a necessidade de delinear as funções exercidas pelos bibliotecários.

Nesse sentido, as Diretrizes Curriculares definiram o objeto de estudo da Biblioteconomia, que pode ser entendido também como o fundamento do trabalho dos bibliotecários que é:

> [...] a informação registrada, acatadas as respectivas formas de vê-la, processá-la e utilizá-la, consoante diferentes tradições e marcos teóricos e, como disciplinas instituidoras de ambientes de mediação entre acervos ('estoques' informacionais) e necessidades do usuário (BRASIL, 2001).

O que se observa, porém, é que o documento abarca as competências, habilidades e atitudes dos bibliotecários, junto às de museólogos e arquivistas, com o argumento de que como os três fazem parte da ciência da informação e trabalham com o mesmo objeto, então seriam tratados como um só grupo.

Essas Diretrizes tornaram o currículo ainda mais generalista, sendo difícil conseguir traçar um perfil específico para o bibliotecário, talvez reforçando a crítica de Lemos (1973) acerca da predominância do ensino prático em detrimento do estudo dos aspectos teóricos e fundamentais dos problemas biblioteconômicos.

3.1.2 Currículo de Biblioteconomia na UnB

O curso de Biblioteconomia da UnB está inserido na Faculdade de Ciência da Informação (FCI), que abriga, também, os cursos de Arquivologia e de Museologia. Este trabalho discutirá apenas o curso de Biblioteconomia, não contemplando os demais. “O curso de Biblioteconomia da UnB é reconhecido pela portaria nº 064745 de 30 de junho de 1969” (ALMEIDA, 2012, p. 113).

Segundo o *site* da Universidade de Brasília[7], o estudo em Biblioteconomia é dividido em quatro etapas:

---

[7] Disponível em: <http://www.unb.br/aluno_de_graduacao/cursos/biblioteconomia>. Acesso em: 4 set. 2015.

> A primeira diz respeito a conceitos teóricos de ciência da informação e comunicação. Em outra fase, o aluno aprende noções de gerência, fundamentais para a correta administração de fontes de conhecimento. A terceira parte se concentra na técnica especializada, voltada ao trabalho prático dos bibliotecários. É quando os estudantes aprendem a catalogação, a classificação e indexação dos recursos. Em uma última etapa, os professores aprofundam o ensino no aspecto social da Biblioteconomia. Assim, os alunos preparam-se para criar novas formas de acesso à informação e ampliar as já existentes (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 201?).

Não consta, no *site*, nenhuma indicação de projeto pedagógico do curso (PPC). De todo modo, de acordo com uma reunião do conselho do curso[8], a Faculdade de Ciência da Informação da UnB está em fase de discussão da elaboração de um PPC, que dentre seus objetivos, está o estudo do perfil do profissional de Biblioteconomia do Distrito Federal (DF), e o levantamento de modelos de PPC nacional na área. Como não é o objetivo do trabalho propor um modelo, serão analisadas as disciplinas em relação às ementas e metodologias já existentes e localizados no *site* da UnB[9]. O currículo utilizado para a análise deste trabalho, foi o vigente a partir do segundo semestre de 2011, que rege o curso de Biblioteconomia UnB desde então.

De acordo com o *site* da UnB, o curso é diurno, é exigido o mínimo de 180 créditos para um aluno se tornar um bibliotecário, sendo 90 créditos obrigatórios e os outros 90 podendo ser cursados entre as disciplinas complementares e módulo livre[10], o que dá liberdade ao aluno de delinear o seu próprio caminho na Universidade. O limite máximo e mínimo de permanência – conceito apresentado pelo currículo mínimo de 1982 –, é de 8 e 14 semestres, respectivamente.

As disciplinas na UnB são ofertadas por faculdade, de acordo com a área de conhecimento, então, caso o aluno tenha ou queria cursar alguma disciplina de alguma outra área, por exemplo, de Administração, ministrada pela Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia, ele precisa se deslocar até a faculdade correspondente (ALMEIDA, 2012).

O quadro 2 apresenta as disciplinas obrigatórias do curso de Biblioteconomia da UnB.

---

[8] NA: O autor foi representante discente junto ao Comitê Gestor do novo PPC, nos anos de 2013-2014.

[9] Disponível em: <http://www.biblioteconomia.fci.unb.br/index.php/curso.html>. Acesso em: 5 set. 2015.

[10] O aluno do curso regular de graduação compõe o seu programa de estudos com disciplinas do Módulo Integrante e do Módulo Livre. As disciplinas do Módulo Livre correspondem a 24 (vinte e quatro) créditos, pelo menos, para os cursos regulares de duração plena (ALMEIDA, 2012).

Quadro 2: Disciplinas obrigatórias do curso de Biblioteconomia UnB

Depto/Disciplina	Créditos	Área
182401 - ANALISE DE INFORMACAO	002 002 000 004	AC
182036 - BIBLIOGRAFIA GERAL	002 002 000 004	AC
182052 - CATALOGACAO 1	002 002 000 004	AC
182079 - CLASSIFICACAO	002 002 000 004	AC
182648 - ESTAGIO SUPERVISIONADO 1	000 008 000 000	AC
182613 - ESTAGIO SUPERVISIONADO 2	000 010 000 000	AC
115011 - ESTATISTICA APLICADA	004 002 000 006	DC
182532 - ESTUDO DE USUARIOS	002 002 000 004	AC
182591 - FORMACAO E DESENV DE COLECOES	002 002 000 004	AC
182630 - INDEXACAO	002 002 000 004	AC
182508 - INFORMATICA DOCUMENTARIA	002 002 000 004	AC
182541 - INTRO AO CONT BIBLIOGRAFICO	002 002 000 004	AC
182010 - INTRO BIB CIEN INFORMACAO	004 000 000 004	AC
181013 - INTRODUCAO A ADMINISTRACAO	004 000 000 004	DC
116793 - INTRODUCAO A MICROINFORMATICA	002 002 000 004	DC
182885 - MONOGR BIB E CIEN INFORMACAO	002 002 000 010	AC
182125 - ORGANIZACAO ADM DE BIBLIOTECAS	004 000 000 004	AC
182877 - PLANEJ E ELAB DE BASES DADOS	002 002 000 004	AC
182524 - PLANEJAMENTO BIBLIOTECÁRIO	002 002 000 004	AC
182869 - REDES INF E TRANSF DE DADOS	002 002 000 004	AC
182583 - SERVICOS DE INFORMACAO 1	002 002 000 004	AC
145084 - TECNICAS DE EDITORACAO	002 002 000 004	AC

Fonte: Matrícula Web, Universidade de Brasília, [201?]

As disciplinas obrigatórias incluem, em sua maior quantidade, técnicas biblioteconômicas e de planejamento.

Além das disciplinas obrigatórias e optativas, existem as disciplinas complementares, que são outro conjunto de matérias que o aluno tem a opção de escolher qual cursar.

As disciplinas complementares do curso de Biblioteconomia UnB são divididas em cadeias específicas. Os nomes dos quadros não constam no *site* e foram colocados apenas para ilustrar a área do grupo de disciplinas.

Quadro 3: Cadeia 1 - Línguas estrangeiras

Depto/Disciplina		Créditos	Área
142000 - FRANCES INSTRUMENTAL 1	**OU**	002 002 000 004	DC
142204 - LÍNGUA ALEMÃ 1	**OU**	004 000 000 004	DC
145971 - INGLÊS INSTRUMENTAL 1	**OU**	002 002 000 004	DC
142328 - LÍNGUA ESPANHOLA 1	**OU**	002 002 000 004	DC
145955 - PRAT.FRANCES ORAL E ESCRITO 1	**OU**	002 004 000 006	DC
205877 - FRANCÊS 1	**OU**	004 000 000 004	DC
145726 - TEO E PRAT ESP ORAL E ESCR 1	**OU**	002 004 000 004	DC
146021 - LINGUA ITALIANA 1	**OU**	002 002 000 000	DC
141950 - JAPONES 1		003 001 000 004	DC

Nota: O aluno deverá cursar no mínimo 4 créditos ou uma disciplina desse grupo.

Fonte: Matrícula Web, Universidade de Brasília, [201?].

Quadro 4: Cadeia 6 - Cultura e sociedade brasileira

Depto/Disciplina		Créditos	Área
139416 - CULTURA BRASILEIRA 1	**OU**	004 000 000 000	AC
139203 - HIST SOC E POL DO BRASIL	**OU**	004 000 000 004	AC
182494 - BIBL E SOCIEDADE BRASILEIRA		004 000 000 004	AC

Nota: O aluno deverá cursar no mínimo 4 créditos ou uma disciplina desse grupo.

Fonte: Matrícula Web, Universidade de Brasília, [201?].

Quadro 5: Cadeia 7 – Filosofia

Depto/Disciplina		Créditos	Área
137413 - EVOL PENS FILOS E CIENTIFICO	**OU**	004 000 000 004	DC
137553 - INTRODUCAO A FILOSOFIA	**OU**	004 000 000 004	DC
139653 - IDEIAS FIL EM FORMA LITERARIA	**OU**	004 000 000 004	DC
141208 - FUND DE HISTORIA LITERARIA		004 000 000 004	DC

Nota: O aluno deverá cursar no mínimo 4 créditos ou uma disciplina desse grupo.

Fonte: Matrícula Web, Universidade de Brasília, [201?].

Quadro 6: Cadeia 8 - Linguagens

Depto/Disciplina		Créditos	Área
140481 - LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS	**OU**	002 002 000 004	AC
182567 - LINGUAGENS DOCUMENTARIAS		002 002 000 004	AC

Nota: O aluno deverá cursar no mínimo 4 créditos ou uma disciplina desse grupo.

Fonte: Matrícula Web, Universidade de Brasília, [201?].

Quadro 7: Cadeia 9 - Comunicação

Depto/Disciplina		Créditos	Área
145017 - TEORIAS DA COMUNICAÇÃO 1	**OU**	004 000 000 004	DC
146480 - INTRODUÇÃO A COMUNICAÇÃO		004 000 000 004	DC

Nota: O aluno deverá cursar no mínimo 4 créditos ou uma disciplina desse grupo.

Fonte: Matrícula Web, Universidade de Brasília, [201?].

As disciplinas optativas são das mais variadas áreas, como por exemplo, Ciência da Informação, Administração, Psicologia, Antropologia, entre outras. Mas alguns pontos devem ser destacados:

- São 36 disciplinas de introdução ao todo dentro desse grupo;
- A opção de disciplinas optativas na área de linguística é maior que na área de Biblioteconomia;
- Existem disciplinas "fantasmas" entre as optativas, por exemplo, que embora possuam ementa, em quatro anos no curso (2012 e 2015), nunca foram ofertadas. Este fato ocorre também com algumas matérias da FCI (Paleografia, Métodos e Procedimentos Administrativos, Bibliotecas Brasileiras, Bibliografia Especializada 1 e 2);
- Existem disciplinas que embora contenham a ementa, não são regularmente ofertadas, caso de Organização e Tratamento de Materiais Especiais (OTME), Biblioteconomia e Sociedade, no âmbito da Faculdade de Ciência da Informação;
- O que se percebe é a falta de disciplinas com maior especificidade, como se observa no currículo da Universidade Federal da Bahia (UFBA), que oferece Biblioteca Escolar, Biblioteca Pública, como disciplinas optativas[11];
- Há outras que poderiam ter uma reserva de ofertas para os alunos de Biblioteconomia em outros departamentos, o que não ocorre – como é o caso

[11] Lista de disciplinas optativas – Biblioteconomia e Documentação, UFBA. Disponível em: < https://alunoweb.ufba.br/SiacWWW/ConsultarDisciplinasOptativasPublico.do;jsessionid=C55AAB1C036A7656C2580298BF52752B>. Acesso em: 19 set. 2015.

da disciplina de Direitos Autorais oferecida na Faculdade de Direito, o que dificulta a matrícula, pela prioridade de matrícula aos alunos do Direito em detrimento de interessados de outros cursos;

- Outro detalhe é o nome da matéria ser divergente da ementa da disciplina, como Estatística Documentária (cód. 115118)[12], por exemplo. Ao verificar a ementa, percebeu-se a mudança de nome da disciplina para Estatística Exploratória, de mesmo código.

Há, ainda, a questão das disputas pelas vagas por disciplinas que apesar de aparecerem como optativas ou complementares, por serem muito concorridas, dificilmente se consegue efetivar a matrícula, como por exemplo: Introdução ao Direito, Introdução as Ciências Sociais, Introdução à Psicologia, entre outros. Os conteúdos dessas matérias, na percepção dos alunos[13], seriam importantes para complementação dos seus conhecimentos e aplicáveis no mercado de trabalho. Entretanto, como a Universidade tem mais de 43 mil alunos[14] a possibilidade de efetivação da matrícula se reduz. Logo, o aluno para obter os créditos para se formar, pode buscar disciplinas cujos conteúdos tenham uma aplicabilidade mais remota na sua vida profissional.

Por fim, a estrutura curricular do curso de Biblioteconomia da UnB compreende disciplinas obrigatórias, optativas, de cadeia e as de módulo livre. Este último grupo compreende disciplinas que podem não ter qualquer relação com a área da Ciência da Informação, e que, geralmente, são oferecidas ao aluno que queira conhecer mais a universidade, indicadas àqueles que queiram diversificar sua formação.

3.2 A formação do bibliotecário

O mundo globalizado do conhecimento trouxe significativas mudanças no que tange ao agir do bibliotecário e quanto à sua formação acadêmica. O avanço das tecnologias requereu que a formação dos profissionais fosse adequada para enfrentar os desafios da profissão. Segundo Guedes (1985), pela grande variedade de campos de trabalho, o Brasil necessita de bibliotecários criativos e adaptáveis para que sejam provedores da informação para qualquer finalidade. Em concordância com a autora, Silva e Cunha (2002), enfatizam que a criatividade e a disposição para capacitação permanente são requeridas e valorizadas, até porque

---

[12] Informação disponível em: < https://www.matriculaweb.unb.br/matriculaweb/graduacao/disciplina.aspx?cod=115118>. Acesso em: 19 set. 2015.

[13] NA: Informação em conversas informais dos alunos ao longo do curso de Biblioteconomia da UnB.

[14] Dados referentes ao ano de 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2014/03/com-43mil-alunos-unb-volta-aulas-nesta-segunda.html>. Acesso em 19 set. 2015.

um bibliotecário deve estar sempre se capacitando, face às várias mudanças que ocorrem na sociedade.

Segundo as autoras, os bibliotecários:

> [...] são levados cada vez mais a participar ativamente do fluxo internacional de informações por meio da prestação de serviços a usuários virtuais que podem estar localizados em qualquer local do planeta. Em contrapartida, estes mesmos profissionais se beneficiam e utilizam serviços provenientes deste fluxo internacional. É essencial que estes profissionais sejam formados no sentido de compartilhar serviços colaborando, desta forma, em um sistema global de informações. Seu fazer é, portanto, essencialmente um fazer de trocar, de pôr à disposição informações a partir de um contexto local – o da instituição e da unidade de informação – para um contexto planetário e deste contexto planetário para o individual (SILVA; CUNHA, 2002, p. 81).

Apesar do texto ter sido escrito há mais de uma década, pode-se ponderar que o bibliotecário ainda é um profissional importante para facilitar o acesso à informação para aqueles que dela necessitem. Portanto, é fundamental que tenham em mente a relevância da disseminação do conhecimento e da informação que ele leva ao usuário. Até porque,

> O bibliotecário é o profissional que capta, seleciona, reúne, organiza e dissemina o conhecimento - registrado em materiais bibliográficos e multimeios, e a informação não processada - com vistas a facilitar o acesso do usuário à informação adequada às suas necessidades e gostos, por sistemas estruturados e/ou informais (GUEDES, 1985, p. 160).

Para Walter (2005) a evolução da área passou de Biblioteconomia e trabalho fundamentalmente ligado aos suportes em papel, para Ciência de Informação ligada às tecnologias da informação, o que foi outro aspecto determinante na formação dos bibliotecários.

Há mais de 30 anos, a autora Anna da Soledade Vieira (1983) pensava que apesar das mudanças de nomenclaturas em relação à profissão, o que se percebeu foi uma fossilização no ensino, e que não havia mais lugar para novos conhecimentos, novas atitudes. Conforme a autora,

> No seu conteúdo tradicional e "avançado", Biblioteconomia tem sido considerada uma técnica social, voltada para o tratamento dos suportes materiais da informação. (O social, entretanto, qualifica a técnica apenas na teoria e não de fato) (VIEIRA, 1983, p. 82).

Apesar de tanto tempo decorrido de seu texto, parece que suas afirmações ainda podem ser consideradas relevantes e espelham, de alguma forma, o que se debate sobre o ensino de Biblioteconomia (SOUZA, 2014).

Não obstante, a discussão sobre a formação que possa preparar o aluno para o mercado de trabalho perpassa pela definição de funções básicas que o bibliotecário deve exercer dentro de sua profissão. Ou seja, uma espinha dorsal do que o bibliotecário faz, que permita traçar perfis específicos para cada função.

Nesse sentido, em 1989, Suzana Mueller definiu as funções que os bibliotecários exerciam à época para mapear seu perfil profissional que incluíam: de preservação, de educação, de suporte ao estudo e à pesquisa, de planejamento racional de recursos informacionais.

A função de preservação é uma função secular, que tem por objetivo a salvaguarda de materiais que contenham o conhecimento produzido pelo homem. Esta é uma função perene, na medida em que uma das funções básicas do bibliotecário é manter e organizar a informação, em qualquer suporte físico para disponibilizar ao usuário.

A função de educação, para Mueller (1989, p. 65), é "[...] a atividade de suporte à educação formal [...]" ao usuário, no que tange à utilização do acervo, mas também ao reforço do aprendizado (em casos de bibliotecas escolares, públicas ou universitárias). Segundo a autora, é bastante aceita dentro da profissão.

O suporte ao estudo e à pesquisa é a função pela qual o bibliotecário responde as indagações dos usuários: suprir sua falta de informação e outras atividades de suporte[15]. Para Mueller (1989, p. 66-67), "[...] o perfil desse profissional deve ser semelhante ao de seus usuários, na medida em que é indispensável que conheça o projeto para o qual trabalha, a literatura da área de interesse, e a linguagem própria dessa área".

A autora explica que a preparação profissional para o nível de atuação à função de suporte ao estudo e à pesquisa é mais complexa que as duas anteriores, indo além dos conhecimentos técnicos e, em muitos casos, além das áreas humanas e sociais (MUELLER, 1989). Em complementação, Milanesi (2002) cita que este profissional presta informações profissionalmente, é o sujeito que junta e organiza as respostas em vista das prováveis indagações, sendo um informador. "Quanto mais informação [...] recebia, mais as combinava, produzindo novos conhecimentos" (MILANESI, 2002, p. 11).

Para Mueller (1989, p. 68), tratando da função de planejamento e administração de recursos informacionais

> O planejamento racional e a administração eficiente de serviços de informação são, hoje reconhecidos como condição indispensável para tornar os serviços da unidade de informação viáveis, como também o desenvolvimento e a disseminação do conhecimento em todo mundo, envolvendo instituições de vários tipos e níveis, independentemente do local.

Segundo a autora, a "[...] preparação profissional para os diversos níveis de planejamento, e de administração e gerência, pela própria natureza dessas atividades, requer condições nem sempre disponíveis ou viáveis nos cursos básicos de formação profissional" (MUELLER, 1989, p. 68).

---

[15] NA: Atividades de suporte ao usuário, tais como treinamento em base de dados, ensinar o usuário como se utiliza o catálogo online da Biblioteca.

Retomando as funções que os bibliotecários podem exercer, descritas por Mueller (1989), de preservação, de educação, de suporte ao estudo e à pesquisa e de planejamento e administração de recursos de informação, embora guardem entre si objetivos em comum, exigem profissionais bastante diferenciados. A preparação profissional para as áreas de informação não pode ser única. Para a autora (1989, p. 69), uma estrutura que permita a formação em vários níveis é indispensável, "[...] devendo ser considerada seriamente pelos responsáveis pela formação de bibliotecários".

Contudo, o curso deve listar com clareza as disciplinas núcleo da área. Segundo a Associação Brasileira de Profissionais da Informação (ASSOCIAÇÃO..., 2014), as diferentes demandas específicas devem ser tratadas como especializações, realizadas após a formação básica, bem como uma formação mista, com especificidades em várias áreas.

> Outra possibilidade vincula-se à maior oferta de disciplinas optativas abordando diferentes áreas do conhecimento (tecnológica, social etc.). Ainda dentro de trilhas alternativas, podemos incluir uma revisão curricular mais dinâmica, constante e frequente. De igual maneira, os cursos devem potencializar a autonomia dos alunos, transformando-os em corresponsáveis por sua formação (ASSOCIAÇÃO..., 2014).

E conclui que alguns problemas devem ser superados com um trabalho conjunto e harmônico no curso, pensando-se num novo modelo formativo para os alunos.

3.3 Sobre a noção de competência

O conceito de competência vem assumindo diferentes significados ao longo do seu uso e de acordo com o objetivo. No fim da Idade Média, a expressão era associada essencialmente à linguagem jurídica. Posteriormente, o termo foi utilizado como reconhecimento social sobre a capacidade de alguém pronunciar-se a respeito de determinado assunto. (PIRES et al., 2005). Mais tarde, com o advento da administração científica, passou a ser utilizado para qualificar o indivíduo capaz de realizar determinado trabalho (ISAMBERT-JAMATT, 1997 apud PIRES et al., 2005, p. 1; MCCLLEAND,1973 apud FLEURY; FLEURY, 2001).

Segundo Fleury e Fleury (2001) competência é um saber agir de maneira responsável que implica em mobilizar, integrar, transferir conhecimentos, recursos e habilidades que agreguem valor econômico à organização e valor social ao indivíduo. Esta competência pode ser mensurada quando comparada com padrões estabelecidos e também pode ser desenvolvida mediante atividade de treinamento.

São diversas as formas atribuídas ao conceito e a partir de várias pesquisas de escolas no tema, autores brasileiros também apresentaram estudos sobre o modelo de competências.

De acordo com Bitencourt (2010, p.179),

> [...] é possível observar pelo trabalho de alguns autores, que a noção de competência surge como parte de um discurso empresarial, com ausência da ideia de relação social, sendo uma espécie de contraponto ao conceito de qualificação.

Quando se menciona o termo competência, é possível observar a existência de competências básicas que segundo Chiavenato (2000, p. 166) "[...] são aquelas características pessoais essenciais para o desempenho das atividades e que diferenciam o desempenho das pessoas [...]". O autor continua dizendo que "[...] todo funcionário precisa possuir um conjunto de competências básicas para desenvolver suas atividades na empresa".

Acerca da palavra competência surgem muitas derivações, que são pertinentes. Cita-se uma delas em que Prahalad e Hamel 1995 (apud BITENCOURT, 2010, p. 298), discutem competências partindo de que:

> As competências essenciais constituem o aprendizado coletivo na organização especialmente como coordenar as diversas habilidades de produção e integrar as múltiplas correntes de tecnologia [...]. Ela também está associada à organização do trabalho e à entrega de valor [...], à comunicação, ao envolvimento e a um profundo comprometimento em trabalhar através das fronteiras organizacionais.

Apesar dos autores falarem em competências organizacionais, ressalta-se que pensando em um contexto onde uma biblioteca está inserida dentro de uma instituição, pode-se deduzir que ela faz parte da organização, podendo ser aplicado, por extensão, a competências pessoais.

De acordo ainda com Chiavenato (2003, p.6), competência significa qualidade que uma pessoa possui e que é percebida pelos outros. Ele ainda afirma que não adianta apenas possuir competências. É necessário que as outras pessoas reconheçam sua existência e que elas são dinâmicas, mudam, evoluem, são adquiridas ou perdidas. Pelo que se depreende das palavras do autor, pode-se perceber que a competência só é válida quando as outras pessoas a percebem.

Para Le Boterf (2003) competência pode ser definida como um conjunto de recursos ou capacidades que, quando articuladas e mobilizadas, permitem ao indivíduo enfrentar situações complexas, agir e atender às expectativas da organização. Segundo o autor, para que a competência individual seja expressa, as capacidades não podem estar restritas à dimensão cognitiva, devendo ser também considerado o saber realizar e o comportamento adequado do indivíduo.

Baseado na coletânea de diversos pesquisadores, o quadro 8 resume os conceitos de competência, de acordo com Bitencourt (2001):

Quadro 8: Resumo do histórico dos conceitos de competência

AUTOR	CONCEITO	AUTOR	CONCEITO
1. Boug (1991, p. 16)	"Competência é a qualidade de quem é capaz de apreciar e resolver certo assunto, fazer determinada coisa: significa capacidade, habilidade, aptidão e idoneidade".	5. Magalhães et al. (1997, p. 14)	"Conjunto de conhecimentos, habilidades e experiências que credenciam um profissional a exercer determinada função".
2. Spencer e Spencer (1993, p. 9)	"A competência refere-se a características intrínsecas ao indivíduo que influencia e serve de referencial para seu desempenho no trabalho".	6. Durand (1998, p. 3)	"Conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes interdependentes e necessária à consecução de determinado propósito".
3. Bruce (1996, p. 6)	"Competência é o resultado final da aprendizagem".	7. Fleury e Fleury (2000, p. 21)	"Competência: um saber agir responsável e reconhecido, que implica mobilizar, integrar, transferir conhecimentos, recursos, habilidades, que agreguem valor econômico à organização e valor social ao indivíduo".
4. Le Boterf (1997, p. 267)	"Competência é assumir responsabilidades frente a situações de trabalho complexas, buscando lidar com eventos inéditos, surpreendentes, de natureza singular".	8. Becker et al. (2001, p. 156)	"Competências referem-se a conhecimentos individuais, habilidades ou características de personalidade que influenciam diretamente o desempenho das pessoas".

Fonte: Adaptado de BITENCOURT (2001, p. 27).

Durand (1998, tradução nossa), divide as competências em três dimensões: conhecimentos (informação, saber o quê, saber o porquê); habilidades (técnica, capacidade, saber como); atitudes (querer fazer, identidade, determinação). Percebe-se então que a competência não se limita a um conjunto de habilidades que alguém possui, mas envolve todos os valores e crenças que influenciam sua conduta e direcionam todos os seus relacionamentos e decisões. Estas dimensões afetam a maior parte do trabalho de uma pessoa e podem ser melhoradas por meio de treinamento.

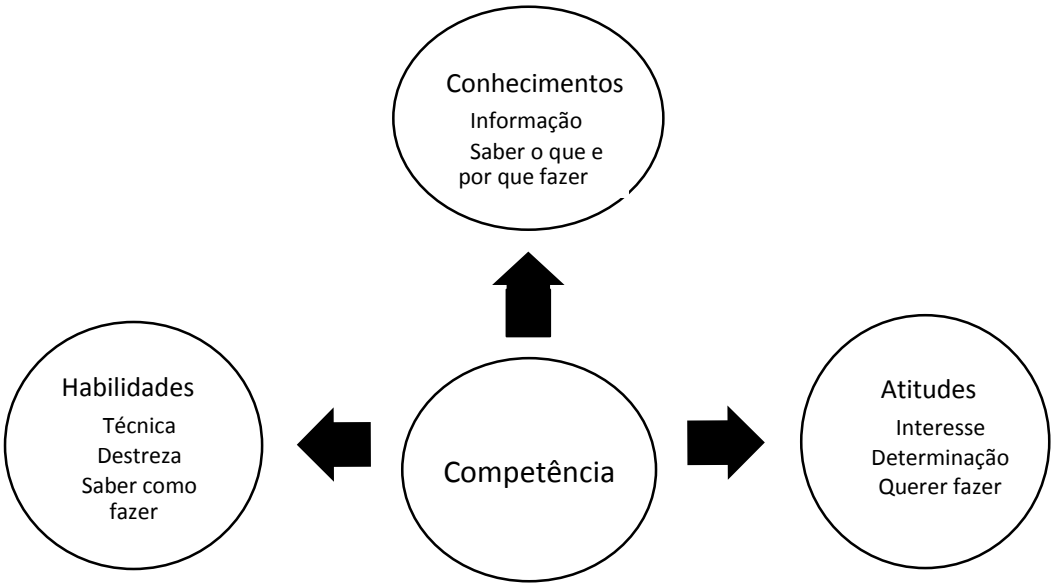
Leme (2005, p. 19) explica essas três dimensões mostradas por Durand (1998):

> O Conhecimento é o saber, é o que aprendemos na escola, nas universidades, nos livros, no trabalho, na escola da vida. Sabemos de muitas coisas, mas não utilizamos tudo o que sabemos. A Habilidade é o

> saber fazer, é tudo o que utilizamos dos nossos conhecimentos no dia-a-dia. Já a atitude é o que nos leva a exercitar nossa habilidade de um determinado conhecimento, pois ela é o quer fazer.

A figura 1 demonstra as dimensões da competência, evidenciando a interdependência e complementariedade entre conhecimentos, habilidades e atitudes, bem como a necessidade de aplicação conjunta dessas três em torno de um objetivo.

Figura 1: As três dimensões da competência



Fonte: Durand (1998 apud PIRES et al., 2005), com adaptações.

Assim, no próximo subitem serão descritas, de acordo com a literatura, as principais competências exigidas para os futuros egressos de Biblioteconomia.

3.3.1 Competências do bibliotecário

Segundo Bitencourt (2010) existem pelo menos, dois níveis de competência: as essenciais da organização e as individuais, sendo que a segunda forma a base das competências essenciais da organização.

Dessa forma, para que as organizações desenvolvam competências essenciais, faz-se necessário que seus funcionários obtenham competências individuais para se integrarem a um conjunto de habilidades e tecnologias, formando-se as competências essenciais que as empresas tanto almejam desenvolver, a fim de alcançarem vantagens competitivas no mercado.

Há 15 anos, Tomaél e Alvarenga (2000) atentavam-se para a importância de o bibliotecário ter grandes habilidades para apoiar outros profissionais nas necessidades informacionais em um curto espaço de tempo.

> O profissional [...] precisa entrar em sintonia com as transformações do mundo contemporâneo, principalmente no que se refere à tecnologia. É imprescindível que os cursos de graduação, responsáveis pela formação deste profissional, estejam preparados e em consonância com o exercício profissional no mercado de trabalho (TOMAÉL; ALVARENGA, 2000, p. 84).

As transformações que estão acontecendo na profissão e nas bibliotecas têm relação com o uso das tecnologias de informação e de comunicação, que representam um desafio sem precedentes (CUNHA, 2003). O mundo globalizado, que derrubou os muros existentes de comunicação do conhecimento entre Países, exige profissionais cada vez mais qualificados, com habilidades para a tomada de decisões e que tenha um bom relacionamento com os demais perfis profissionais.

Em 2003, a Special Libraries Association (SLA) elaborou um estudo sobre as competências e as habilidades que os bibliotecários deveriam apresentar àquela época. De acordo com esse relatório, as principais competências que os futuros bibliotecários do século XXI deveriam possuir eram: o conhecimento profundo em recursos informacionais impressos e eletrônicos e a capacidade de desenvolver e administrar serviços de informação que atendessem às necessidades de grupos de usuários. De forma a exercer todos esses papeis e atuar como um gestor de recursos informacionais, o relatório apontou três tipos principais de competências: profissionais, pessoais e essenciais.

As competências profissionais se relacionam com o conhecimento do bibliotecário de recursos de informação, acesso, tecnologia e gestão, e a capacidade de usar esse conhecimento como base para fornecer os melhores serviços de informação. Para a SLA (2003, tradução nossa), existem quatro competências principais, cada uma com um elenco de habilidades específicas:

A. Gestão de Informação Organizações;
B. Gerenciamento de Recursos de Informação;
C. Gerenciamento de Serviços de Informação;
D. Aplicação de Ferramentas e Tecnologias de Informação.

Segundo a SLA, as competências pessoais representam um conjunto de atitudes, habilidades e valores que permitem que os profissionais trabalhem de forma eficaz e contribuam positivamente para as suas organizações, clientes e profissão. Estas competências incluem desde serem comunicadores eficientes passando pela demonstração do valor agregado de suas contribuições, para se manterem flexíveis e com atitudes assertivas em um ambiente em constante mudança (SPECIAL..., 2003).

As competências essenciais, para a SLA, ancoram as competências profissionais e pessoais. Estas duas competências centrais são básicas para todos os bibliotecários. Eles devem compreender o valor de desenvolver e partilhar os

seus conhecimentos. Isso é feito por meio de redes de associação e de realização e compartilhamento de pesquisas em congressos, em publicações e em acordos de colaboração de todos os tipos. Profissionais da informação, de acordo com a SLA, devem também reconhecer e respeitar a ética da profissão. A importância destas competências nucleares não pode ser suficientemente enfatizada. Elas são fundamentais para o valor e a viabilidade da profissão (SPECIAL..., 2003).

A Resolução da Câmara de Educação Superior do MEC, nº 492, de 9 de julho de 2001, definiu as competências e habilidades que os graduados devem possuir ao final do curso de Biblioteconomia, que são de interagir e agregar valor nos processos de geração, transferência e uso da informação, em todo e qualquer ambiente; criticar, investigar, propor, planejar, executar e avaliar recursos e produtos de informação; trabalhar com fontes de informação de qualquer natureza; processar a informação registrada em diferentes tipos de suporte, mediante a aplicação de conhecimentos teóricos e práticos de coleta, processamento, armazenamento e difusão da informação; realizar pesquisas relativas a produtos, processamento, transferência e uso da informação (BRASIL, 2001a, p. 32-33).

Le Coadic (1996, p. 106), tratando da diversidade de atividades exercidas por profissionais da informação, inclui:

- avaliar, planejar, vender e implantar locais de comunicação de informação em instituições;
- implantar programas de gerenciamento de informação e de informatização de unidade de informação, bem como administrá-las (bibliotecas, museus, arquivos, centros de documentação etc.);
- preparar, resumir e editar informações de natureza científica e técnica;
- editar revistas científicas; e
- organizar (adquirir, registrar, recuperar) e distribuir informação em sua forma original ou como produtos elaborados a partir dela.

Esse elenco de atividades, relacionado por Le Coadic, guarda relação com as habilidades e competências listadas pela Resolução da Câmara de Educação Superior do MEC, anteriormente citada.

Valentim (2002, p. 122-123), citando o IV Encuentro de Directores de Escuelas de Bibliotecología y Ciência de La Información Del Mercosur, realizado em 2000 em Montevideu, Uruguai, após exaustivo debate sobre a questão da competência, informa que chegaram à seguinte conclusão: “[...] se entende o conjunto de habilidades, destrezas, atitudes e de conhecimentos téorico-práticos necessários para cumprir uma função especializada de um modo socialmente reconhecível e aceitável [...] que um profissional [...] precisa contar, para cumprir as atividades especializadas” .

No mesmo sentido, concordam Fialho et al. (2010, p. 95) que definem competência como uma “[...] combinação de conhecimentos, habilidades e características pessoais que resultam em atitudes e ações que podem ser observados e analisados”. Por conseguinte, o profissional, embasado em atitudes e decisões tomadas no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação, executa

ações que possivelmente são avaliadas por seus colegas de profissão, bem como pelos seus usuários.

Segundo Fialho et al. (2010), existem diversas categorias de competências profissionais:

a) competências técnicas, caracterizadas como “competências específicas”, são aquelas em que o bibliotecário exerce atividades de processamento técnico específicas, que determinam um alto grau de conhecimento, de ferramentas aplicativas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação (CI);
b) competências intelectuais, “[...] que estão relacionadas com aplicação de aptidões mentais [...]”, como o gerenciamento de sistemas integrados de bibliotecas, em que o processo de tomada de decisões (aquisição de *softwares*, padronização da informação) está presente;
c) competências cognitivas, que tratam da “capacidade intelectual” do indivíduo com o domínio do conhecimento adquirido. Exemplo: a divulgação de um serviço pelo bibliotecário perpassa pelos conhecimentos adquiridos no que tange ao *marketing* da informação e requer metodologias especificas da área;
d) competências relacionais, que envolvem “[...] habilidades de relações e interações entre seus pares, e entre os diversos setores e ou áreas”. Os conhecimentos do bibliotecário são direcionados ao usuário. Logo, a relação e interação entre os recursos de informação e o usuário se tornam primordiais no fluxo da unidade de informação;
e) competências sociais e políticas, que envolvem a interação da biblioteca com a sociedade. É de competência do bibliotecário fazer estudos dos usuários das comunidades locais para identificar o tipo de informação a ser disponibilizado;
f) competências didático-pedagógicas, que estão relacionados ao ensino. O bibliotecário deve organizar treinamentos de usuários sobre como utilizar os recursos de informação da biblioteca, como, por exemplo, as bases de dados;
g) competências metodológicas, que estão ligadas à aplicação de teorias. Essas competências são utilizadas, por exemplo, na elaboração de uma política de desenvolvimento de acervo;
h) competências de liderança, que tratam de uma habilidade pessoal, uma vez que o profissional as utiliza quando exerce um cargo gerencial que requer a capacidade de administrar uma unidade de informação;
i) competências empresarias e organizacionais, que traçam o relacionamento do bibliotecário com outros gestores da organização.

Para Castro Filho et al. (2011) o entendimento do conceito de competências do bibliotecário engloba todas estas supracitadas, estando inter-relacionadas, uma vez que são dependentes. "Essas competências são indissociáveis e representam a capacidade de atuação do profissional no mercado de trabalho” (CASTRO FILHO et al., 2011, p. 9). Ainda afirma o autor que o levantamento de competências envolve

as competências cognitivas, operativas e pessoais que o profissional tem para desempenhar seu trabalho de forma eficaz.

Miranda (2007) afirmou que o bibliotecário deve ter formação adequada para estar inserido no contexto da informação e conhecimento das tecnologias disponíveis. A autora sugeriu o estudo das competências nas dimensões: saber (conhecimento), saber-fazer (habilidade), saber-agir (atitudes).

A dimensão do saber está relacionada à identificação da estrutura do conhecimento e da informação, localizando os recursos informacionais, potenciais e limites dos meios de comunicação, incluindo saber sintetizar, interpretar e comunicar a informação ao usuário.

O saber-fazer refere-se à capacidade de utilizar novos processos e instrumentos tecnológicos, ter habilidades com as tecnologias existentes e que ainda serão construídas e ser um bom comunicador.

O saber-agir é demonstrar o valor agregado da informação, ter espírito crítico e sempre querer mudanças, buscando novos desafios e o que mundo oferece de melhor, fazer relações institucionais com outras unidades de informação, além de ter sensibilidade para as necessidades informacionais do usuário.

De maneira genérica, percebe-se que o conceito de competências se refere ao conjunto de habilidades, seus níveis de relação e aplicação nos diferentes âmbitos da vida individual ou social, que se expressa por meio das experiências de vida que cada profissional possui, produzindo um saber fazer consciente (FARIA, 2015). Porém, na aplicação de competências, existem diferentes papeis desempenhados pelos bibliotecários.

No IV Encuentro de Directores de Escuelas de Bibliotecología y Ciência de La Información Del Mercosur, realizado em Montevidéu em 2000, foram definidas várias competências para o profissional da informação, distribuídas em quatro categorias: de comunicação e expressão; as técnico-científicas; as gerenciais e; sociais e políticas (VALENTIM, 2002).

As competências de comunicação e expressão relacionam-se com a habilidade do bibliotecário na divulgação do seu meio de trabalho, seja na disseminação seletiva da informação, ou pela orientação do usuário na utilização dos serviços da biblioteca.

As técnico-científicas estão relacionadas às ferramentas que o bibliotecário deve saber manejar para processar a informação em qualquer suporte, além de disseminar para o usuário.

As gerenciais relacionam-se com a habilidade do bibliotecário em gerir uma unidade de informação, incluindo tanto o acervo quanto os recursos materiais e humanos.

As sociais e políticas requerem que o bibliotecário saiba avaliar qualquer tipo de informação e analisar quais se incorporam à missão da Biblioteca. Além disso, o bibliotecário deverá ter uma relação aberta com os diversos atores sociais e ser atuante no que tange à resolução de problemas sociais no meio em que a instituição está inserida.

Valentim (2002) explica que as competências de comunicação e expressão e gerenciais e técnico-científicas estão relacionadas aos procedimentos, destarte, envolvem as habilidades necessárias para o desempenho profissional, enquanto as sociais e políticas são atitudinais, relativas à determinação e ao querer fazer. Todos demandam por conhecimentos sobre o fazer de modo que viabilizam o saber porque fazer.

Resumindo, de acordo com Borges (2004), as competências que um bibliotecário necessita ter incluem uma formação teórica consistente, embasada em conceitos, teorias e metodologias; ter uma abordagem econômica direcionada à eficiência e lucratividade nos serviços públicos, à geração de recursos e voltada para clientes – no caso, os usuários; bem como ser um profissional interativo com as novas tendências do mundo, se especializando e se qualificando adequadamente; com a capacidade de trabalhar em equipe, somado à formação que inclui a educação continuada e o aprendizado autônomo.

3.4 Perfil do Bibliotecário: o moderno profissional da informação

> *[...] qual o perfil ou modelo ideal de profissional da informação? Quais os saberes que deve dominar? Qual o seu campo de atuação?* (CASTRO, 2000b, p. 4, grifo do autor)

A preocupação em definir um perfil para um profissional aparece não somente na Biblioteconomia, como em várias áreas. Em uma pesquisa realizada por Gondim (2002), ela explica que não há uma clara definição do perfil profissional exigido pelo mercado de trabalho. Para a autora, um perfil profissional desejável está dividido em três grandes grupos de habilidades, as cognitivas, as técnicas especializadas e as comportamentais e atitudinais, a saber:

> i) as cognitivas, comumente obtidas no processo de educação formal (raciocínio lógico e abstrato, resolução de problemas, criatividade, capacidade de compreensão, julgamento crítico e conhecimento geral);
> ii) as técnicas especializadas (informática, língua estrangeira, operação de equipamentos e processos de trabalho) e
> iii) as comportamentais e atitudinais - cooperação, iniciativa, empreendedorismo (como traço psicológico e como a habilidade pessoal de gerar rendas alternativas que não as oferecidas pelo mercado formal de trabalho, [...] motivação, responsabilidade, participação, disciplina, ética e a atitude permanente de aprender a aprender [...] (GONDIM, 2002, p. 300).

Verifica-se que estes conceitos apresentados pela autora, se parecem com o conceito de competência na administração, ilustrado por Dutra (2004), que explica que na década 1980 e início dos anos 1990, no Brasil, foi disseminado entre as corporações o conceito baseado em um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes de um indivíduo, necessário para exercer um determinado cargo.

Na Biblioteconomia existe uma preocupação em conhecer o perfil do bibliotecário. Há mais de 30 anos, Mueller (1989, p. 63) definia que o perfil profissional era "[...] o conjunto de conhecimentos, qualidades e competências próprias dos integrantes de uma profissão [...]". Foram realizados, ao longo dos anos, vários estudos sobre o perfil deste profissional, com destaque para os estudos de Oliveira (1980); Tarapanoff (1997); Baptista (1998); Valentim (2002); Walter (2008); Ferreira (2010); e Caldin (2011).

As mudanças recorrentes da sociedade deixam uma incerteza sobre quais competências, habilidades e atitudes são necessárias para um futuro bibliotecário exercer dentro das unidades de informação. Mueller (1995, p. 42) há vinte anos explicava essa incerteza, na qual:

> "[...] estamos vivendo, certamente, num mundo de profundas e céleres mudanças paradigmáticas nos campos científico, tecnológico, político e social. E neste mutável mundo de hoje, em que tudo acontece com uma rapidez incrível, só resta mesmo uma saída, tanto para as organizações como para os indivíduos – ousar/mudar...".

Decorridas duas décadas em que o texto foi escrito, as considerações da autora ainda são pertinentes, pois, na sociedade contemporânea, a atuação do bibliotecário vai se modificando e se adequando frente às tecnologias de informação e à globalização.

Castro (2000b) analisou que dominar os saberes biblioteconômicos tornou-se fator importante, mas não vital, para a permanência do profissional no mercado de trabalho. Santos (1996 apud CASTRO, 2000b) olhando a realidade dos Estados Unidos e de Países da Europa, que ainda possuem bibliotecas mais desenvolvidas que as brasileiras, julgou que o perfil esperado para o profissional da informação devia abranger os seguintes elementos:

> [...] habilidades gerenciais, capacidade de comunicação efetiva, habilidades no tratamento de pessoas e habilidades pedagógicas. Como conhecimentos fundamentais, além da teoria da informação, encontram-se as técnicas ligadas ao sistema de controle bibliográfico, estudos de usuários e comunidades, elementos de pedagogia. A complementação desse conjunto efetiva-se pelo conhecimento de línguas estrangeiras, estatística, metodologia da pesquisa e informática (SANTOS, 1996 apud CASTRO, 2000b, p. 9).

As profissões da informação se caracterizam pela variedade e pela multiplicidade de suas funções. "O campo informacional não é ocupado completamente por nenhum grupo profissional, mas continua a ser um campo

extremamente permeável que segue caminhos bastante diversificados" (CUNHA; CRIVELLARI, 2004, p. 49). O bibliotecário necessita se adequar à realidade, sempre se aperfeiçoando e aprendendo novas técnicas e métodos de trabalho, bem como descobrindo novas áreas de atuação, porque senão outros perfis podem se inserir, nem sempre de modo favorável ao usuário. É preciso estar preparado para as mudanças do mercado, sem ficar refém dele, e pensar no futuro da Biblioteconomia embasando-se nessas transformações.

Milanesi (2002, p. 8) expressou muito bem estas mudanças causadas no mundo da informação e da certa inadequação dos perfis do bibliotecário. Segundo ele, a partir das duas últimas décadas do século XX este perfil não podia corresponder às necessidades. "Houve distanciamento entre o profissional da informação e a tecnologia da informação. Os espaços vazios foram sendo ocupados por profissionais com outras habilitações que não a Biblioteconomia".

Textos dessa época trazem questões no mesmo sentido. Antecedendo um pouco Milanesi (2002), Baptista (2000) considerava que era importante que o bibliotecário tivesse consciência de que suas habilidades ultrapassam o ambiente da biblioteca. O bibliotecário, de acordo com Smit e Barreto (2002), se encontra em um ponto onde tem que preservar as técnicas tradicionais da profissão, mas se adequar à realidade do futuro, aprendendo com o novo e o inusitado, numa constante renovação de seus conhecimentos e do agir no trabalho.

Além de estar atento às mudanças recorrentes na sociedade, existe a competitividade entre as organizações e o avanço científico e tecnológico que apontam para novas habilidades e competências profissionais necessárias para trabalhar em ambientes inovadores, implicando em que o perfil do bibliotecário se torne mais diversificado.

Com isso, um conceito nasceu dentro da Biblioteconomia: o moderno profissional da informação (MIP)[16]. Apesar do tempo, este conceito ainda está difundido, sendo tratado por outros autores, como Santos (1996), Guimarães (1997), Tarapanoff (1997), Valentim (2000), dentre outros. Ponjuan (1993 apud Guimarães, 1997, p. 127) explicava que um moderno profissional da informação tinha as seguintes características: "[...] flexibilidade, inovação, imaginação e criatividade [...]". Guimarães (1997) pontuou que as atividades estavam centradas em algumas linhas básicas de atividades, as quais eram: a gerência de unidades de informação; tratamento da informação; e ação social[17].

Para Valentim (2002), ao incorporar essa postura, o bibliotecário – neste estudo o futuro egresso – deve atuar consciente de seis pontos fundamentais:

---

[16] NA: A sigla MIP é a sigla em inglês para *Modern Information Professional*. Em 1992, foi criado um grupo pela Federação Internacional de Informação e Documentação (FID), o *Special Interest Group* / MIP, que tinha como objetivo estudar as novas tendências do mercado

[17] Ver mais detalhes sobre as três linhas básicas de atividades do MIP, em Guimarães, 1997, p. 128-129.

realidade, identidade, foco, processos, recursos e perspectivas, junto com uma postura crítica de si mesmo e uma busca constante pela atualização e adequação às mudanças.

O conceito de moderno profissional da informação, segundo Valentim (2002), é amplo, um ideal que todos os profissionais que trabalham com a informação devem buscar alcançar.

Santos (1996) entendia que a ideia de MIP contemplava dois conceitos diferentes, sendo um de modernidade e o outro, de profissional da informação. Modernidade é entendida como uma melhora na situação existente, com o aproveitamento dos recursos e instrumentos à disposição da sociedade e profissional da informação é entendido como todos aqueles indivíduos que, direta ou indiretamente, fazem da informação seu objeto de trabalho.

A autora discorre em seu texto sobre as competências, habilidades e atitudes necessárias para este profissional, onde verifica que o perfil desejável dever conter os seguintes elementos: habilidades gerenciais, capacidade de comunicação efetiva, habilidades no tratamento de pessoas e habilidades pedagógicas. Como conhecimentos fundamentais ela aponta a teoria da informação, técnicas ligadas ao controle bibliográfico, estudos de usuários e comunidades, além de elementos de pedagogia (SANTOS, 1996)[18].

Dentre os perfis desejados para o moderno profissional da informação, Castro (2000b) enfatiza a criatividade, liderança, dinamismo, responsabilidade, visão interdisciplinar, profissionalismo, especialização dos conceitos de organização, habilidades de síntese, sensibilidade para assuntos de política de informação, uso da informação para vantagem competitiva e treinamento em recursos informacionais. Desse modo, o perfil e as atitudes desse profissional diferem, em vários aspectos, das características e das atividades do bibliotecário tradicional, conforme apresenta o Quadro 9.

[18] NA: Vale ressaltar que desde aquela época (1996), a preocupação em formar bibliotecários que soubessem de métodos pedagógicos já se fazia presente. O cuidado maior era na educação do usuário, principalmente nas bibliotecas públicas e escolares, onde essa habilidade é requerida ao bibliotecário pelo mercado de trabalho, conforme indicam os autores Salgado (1998); Corrêa et at. (2002); Caldin (2006); Pires (2012).

Quadro 9: Comparação entre os perfis e as atitudes dos tradicionais e dos modernos profissionais da informação

ASPECTOS DO TRADICIONAL PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO	ASPECTOS DO MODERNO PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO
• Demasiada atenção às técnicas biblioteconômicas	• Atenção às técnicas biblioteconômicas e documentais
• Atitudes gerenciais ativas	• Atitudes gerenciais proativas
• Desenvolvimento de práticas profissionais em espaços determinados: bibliotecas, centro de documentação	• Desenvolvimento de atividades em espaços onde haja necessidade de informação
• Tratamento e disseminação de informação impressa em suportes tradicionais	• Tratamento e disseminação de informação, independentemente do seu suporte físico
• Espírito crítico e bom senso	• Espírito crítico e bom senso
• Atendimento real ao usuário (relação sujeito x sujeito)	• Atendimento real e virtual ao cliente (sujeito x sujeito, sujeito x máquina)
• Uso tímido das tecnologias de informação	• Intenso uso das tecnologias de informação
• Domínio de línguas estrangeiras	• Domínio de línguas estrangeiras
• Práticas interdisciplinares pouco representativas	• Ativas práticas interdisciplinares
• Pesquisas centradas nas abordagens quantitativas	• Fusão entre as abordagens qualitativas e quantitativas
• Estudo das necessidades de informação dos usuários e avaliação de coleções de bibliotecas	• Estudo das necessidades de informação dos clientes e avaliação dos recursos dos sistemas de informação
• Relação biblioteca x sociedade	• Relação informação x sociedade
• Domínio acentuado nos saberes biblioteconômicos	• Domínio dos saberes biblioteconômicos e áreas afins
• Planejamento e gerenciamento de bibliotecas e centros de documentação	• Planejamento e gerenciamento de sistemas de informação
• Preocupação no armazenamento e conservação de documentação e objetos	• Preocupação na análise, comunicação e uso da informação
• Educação continuada esporádica	• Intenso processo de Educação continuada
• Treinamento em recursos bibliográficos	• Treinamento em recursos informacionais
• Tímida participação em políticas sociais, educacionais, científicas e tecnológicas	• Ativa participação nas políticas sociais, educacionais, científicas e tecnológicas

Fonte: Castro (2000b, p. 9).

Uma breve análise do quadro 9 mostra que apenas três aspectos continuam imutáveis: o domínio de línguas estrangeiras, tal como o espírito crítico e bom senso. No entanto, o que se ressalva é a importância dada à educação continuada, e a relações do objeto de estudo com o usuário, que passou da Biblioteca x sociedade para informação x sociedade.

Castro (2000b), porém, apontava ser difícil os cursos de Biblioteconomia no Brasil formarem profissionais com os perfis e as atitudes do MIP, pelos seguintes motivos:

> 1. carência de professores com domínio dos saberes e das regras do campo da Ciência da Informação;
> 2. nível pouco significativo de pesquisa e titulação dos professores do Cursos/Escolas de Biblioteconomia;
> 3. *ausência* de instrumentos e recursos tecnológicos na maioria dos Cursos/Escolas de Biblioteconomia;
> 4. faculdades/departamentos compostos essencialmente por professores com graduação em Biblioteconomia;
> 5. currículos voltados mais para as técnicas tradicionais do que para gestão de sistemas de informação e tratamento de informação, independentemente do seu suporte físico;
> 6. rigidez e inflexibilidade das leis que regulamentam a carreira bibliotecária no Brasil, o que gera um contrassenso entre as Escolas/Cursos que se denominam de Ciência da Informação enquanto a titulação dada é de Bacharel em Biblioteconomia (CASTRO, 2000b, p. 10, grifo do autor).

Souza (2014, p. 14), porém, discordava da r(evolução) conduzida com a inserção da MIP, apontando que: “[...] de fato, foi um discurso vazio para o contexto brasileiro”. Destarte, ele aponta algumas consequências positivas e negativas:

> – destruição da Associação de Ensino de Biblioteconomia – ABEBD – que a partir de 2001 foi substituída pela ABECIN;
> – caracterização equivocada da categoria bibliotecária na Classificação Brasileira de Ocupações;
> – definição das Diretrizes Curriculares Nacionais que tentam responder ora ao mercado empregador, por levar em conta a Classificação Brasileira de Ocupações ou a estudos sociais e econômicos; ora tenta dar força a um discurso academicista em torno do eixo habilidades e competências, alimentando o viés gerencialista;
> – ampliação da dissonância do discurso dos professores dos Cursos de Biblioteconomia, na medida em que esses em número cada vez maior nas equipes dos Departamentos de Biblioteconomia, ou Biblioteconomia e Documentação, ou Ciência da Informação, estão mais preocupados com suas pesquisas de temas da Ciência da Informação;
> – perda real de articulação orgânica entre Escola de Biblioteconomia e profissional bibliotecário, inviabilizando a percepção do benefício do controle do exercício profissional por associação classista ou sindical;
> – perda de sentido da regulamentação profissional por meio da estrutura legal de Conselho de Biblioteconomia, na medida em que não há mais a Escola de Biblioteconomia que estava também no centro da justificativa tácita de criação da Lei 4.084 (SOUZA, 2014, informação verbal).

Mesmo com os apontamentos mostrados por Castro (2000b) e Souza (2014), existem casos de professores que tentam modificar as metodologias de ensino oferecidas, para o melhor aprendizado dos alunos. Entretanto, o mais comum é utilizarem o formato tradicional centrado na fala do professor e os alunos recebendo as informações de forma passiva, sem interação (ALMEIDA, 2014).

Uma modernização, relatada por Araújo (2013), foi a utilização de *twitter* durante as aulas, para incentivar e dinamizar a participação dos alunos no processo

de ensino e aprendizagem, mesmo que o professor ainda exerça o papel centralizador neste contexto.

Valentim (2000, p. 20) explica que as escolas formadoras "[...] devem disponibilizar todo e qualquer tipo de tecnologias ao seu corpo docente e discente, buscando um ensino-aprendizagem que permita ao profissional atuar no mercado de trabalho de forma segura e competente". "Se a informação é o insumo fundamental para o desenvolvimento das atividades do bibliotecário, é importante que este profissional adquira habilidades necessárias para seu uso" (BURIN, 2009, p. 33).

De acordo com Burin (2009), com o incremento das tecnologias, outras funções vêm sendo exigidas deste profissional, aumentando suas responsabilidades, sendo necessárias novas competências para se adequar às realidades. Nesse sentido, segundo a autora e a partir do que foi pesquisado (BORGES, 2004; GUIMARÃES, 1997; JAMBEIRO e SILVA, 2004; VALENTIM, 2000a e 2002), é possível destacar as seguintes competências do bibliotecário na sociedade contemporânea:

- adaptabilidade;
- agilidade;
- capacidade critica frente às diversas fontes de informação;
- capacidade de trabalhar em equipes multidisciplinares;
- capacidade para trabalhar com tecnologia;
- criatividade;
- liderança;
- necessidade de entender, trabalhar e conhecer o seu objeto de trabalho;
- necessidade de ser flexível a mudanças;
- orientação para o usuário;
- habilidades de comunicação.

Observa-se que, na literatura estudada, os conceitos de habilidades e de competências são relacionados, podendo-se inferir que o primeiro está inserido no segundo. Conforme Dutra (2004) as competências de um indivíduo são baseadas em um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias para exercer um determinado cargo.

Diante deste fato, o bibliotecário precisa estar preparado para o mundo do trabalho que se configura no século XXI, utilizando-se de competências para buscar, gerenciar, acessar, organizar, avaliar e disseminar a informação em consonância com os requisitos dos usuários e com as mudanças impostas pelas tecnologias de informação e de comunicação. Assim, é preciso que a sua formação seja avaliada constantemente de forma que possa acompanhar as inevitáveis mudanças da sociedade desde sempre, e agora em um ritmo mais acelerado.

3.5 A relação entre a formação profissional e o ensino da UnB

Seremos nós capazes de realizar a travessia?
O desafio está lançado.
(VIEIRA, 1983, p.84)

Esta angústia expressada pela a autora ainda na década de 1980 reflete os medos e aflições que os egressos sentem em relação ao seu papel como interlocutor entre a informação e o usuário na sociedade.

> Mais do que um guardião de livros e documentos, o bacharel em biblioteconomia é, hoje, um agente de democratização do acesso à informação. [...] O profissional que trabalha nessa área deve ser receptivo, organizado e antenado com os avanços tecnológicos. A ideia é fornecer as informações que os usuários precisam com eficiência máxima (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 201?).

Esta citação retirada no *site* da UnB, faz refletir sobre a importância da profissão. Ela não é somente uma atividade meio para qualquer instituição, é a ferramenta para que o usuário possa ter um conhecimento de qualidade. E isso se faz, primeiramente, com um ensino de excelência, mas também com infraestrutura e subsídios necessários para um bom aprendizado.

O ensino de Biblioteconomia, tanto na UnB, como no País, durante décadas, foi dividido entre as disciplinas “técnicas” e “culturais”. Para Milanesi (2002, p. 17), existiam duas hipóteses para que isso acontecesse:

> A primeira indica que, ao sair de um simples treinamento para entrar na esfera do ensino superior, os cursos precisando de um perfil mais elevado, inclusive para atingir o número de horas regulamentares que as universidades, pela legislação, exigiam, recebeu o recheio de disciplinas como “Evolução do Pensamento Filosófico e Científico”. A segunda explicação aponta para um sincero desejo de obrigar o futuro bibliotecário a tomar conhecimento das disciplinas de caráter humanístico como a Filosofia e a História, uma vez que isso seria fundamental para o exercício da profissão.

E o resultado foi que as disciplinas “técnicas” eram mais centrais e as outras meros acessórios que se eliminadas não fariam a menor diferença. Por consequência, aconteceu que mesmo na universidade a Biblioteconomia permaneceu um curso técnico (MILANESI, 2002). Um exemplo observado no currículo é que as disciplinas de Catalogação, Classificação e Indexação, o aluno só pode cursar tendo sido aprovado em Controle Bibliográfico, enquanto que Biblioteconomia e Sociedade, que é de cunho mais “cultural”, pode ser cursada sem qualquer tipo de pré-requisito, não sendo oferecida todos os semestres.

A forma como está estruturado ou mesmo que se desenvolve o currículo tem suas consequências, visto que:

> A estrutura educacional formal neste ambiente de mudanças dificilmente acompanha na mesma velocidade, as demandas de pessoal qualificado que surgem a todo o momento forçando as organizações a buscarem em

> seus quadros indivíduos que possuam um conjunto de competências mínimas requeridas e ao mesmo tempo buscam a qualificação de seus recursos humanos com novas habilidades no sentido da realização eficiente de tarefas (BAPTISTA; ESPANTOSO, 2008. p. 1).

Castro (2000b) observa que as escolas de Biblioteconomia deveriam ter a preocupação em olhar a realidade brasileira, ao invés de simplesmente importar as ideias e as soluções de Países industrializados, ou conforme Vieira (1983, p. 82) alertava, contratar seus "dogmáticos consultores relâmpagos", que não necessariamente trariam respostas a problemas de natureza nem sempre similar ao que ocorria em seus Países de origem, em função das diferenças culturais, educacionais, econômicas e sociais para o Brasil.

Por outro lado, as escolas devem demonstrar ao graduando a sua importância para a sociedade, para que ele tenha segurança sobre suas competências, já que muitas vezes o bibliotecário não se valoriza "[...] seja pelo simplismo de sua proposta profissional seja pelo seu [alheamento] às questões sociais e políticas relevantes à comunidade ao País ou mesmo pela baixa qualificação desse profissional para o diálogo substantivo com os usuários de áreas especializadas" (VIEIRA, 1983, p. 82).

Segundo Valentim (2002, p. 118),

> Os profissionais da informação precisam, cada vez mais, ter uma formação que permita atender uma determinada demanda social. No entanto, só a formação também não resolve a questão, ou seja, para que os profissionais da informação ocupem os espaços a eles destinados no mercado de trabalho, é necessário que a formação defina um perfil de profissional que deseja e tão importante quanto a formação é que haja ações que divulguem o profissional para o mercado empregador.

Ao longo do tempo, a concepção do tradicional profissional da informação, que concebia apenas o suporte físico como meio de conhecimento, se transformou completamente. No século XXI, o suporte não tem mais esse valor. É a informação o 'pote de ouro' a ser cultuado.

Deve-se lembrar que a formação básica para o profissional da informação é fundamental. Milanesi (2002, p. 16) lembrava que:

> Para projetar e implantar um curso formador de profissionais da informação é fundamental obter um conhecimento amplo e profundo da situação dos mecanismos informacionais disponíveis na sociedade. Pouco se conhece da situação das bibliotecas universitárias, públicas ou escolares; muito menos, ainda, se sabe o que ocorre nas corporações. Poucas pesquisas [...] dedicaram-se à compreensão do panorama. [...] O resultado é a formatação de cursos que produzem um profissional cujo papel não foi determinado com clareza. Não se sabe qual função terá e a quem ele servirá.

A formação profissional baseada em currículos precisa ser amplamente discutida, compreendida, para, enfim, ser reconstruída (VALENTIM, 2002), uma vez que é no momento da graduação que se deve aliar a teoria e a prática relacionando-

as para melhor preparação do bibliotecário de acordo com os requisitos do mercado de trabalho e de forma que possa cumprir o seu papel na sociedade (RUBI; EUCLIDES; SANTOS, 2006).

3.6 A relação entre a formação profissional e o mercado de trabalho

> *[...] qual o profissional que está preparado para enfrentar esse novo quadro? Como encarar a pródiga produção de novas possibilidades de armazenamento e da criação de instrumentos refinados de busca?*
> (MILANESI, 2002, p. 8)

O tópico começa com um questionamento feito por Milanesi em 2002 acerca de a formação dos bibliotecários estar condizente com o mercado de trabalho. Decorridos 13 anos, entretanto, percebe-se que algumas coisas foram modificadas, tais como a utilização de tecnologias de informação, o que possibilitou a interação da biblioteca com o usuário (em redes sociais, por exemplo, como a página institucional de uma biblioteca ou serviço oferecido).

Embora se constitua um ponto importante para área, as pesquisas sobre o tema formação profissional em relação ao mercado de trabalho são mais setoriais, focalizando estados brasileiros ou segmentos específicos (BURIN, 2009; FARIA, 2015; SAMPAIO, 2010; SILVA, 2015). De todo modo, com relação à delimitação do mercado de trabalho para o bibliotecário, optou-se por adotar a classificação de Valentim (2000, p. 21-22). Segundo a autora, é possível distribuir o mercado de trabalho do bibliotecário em três grupos:

a) “Mercado informacional tradicional” – em que predominam as organizações que recebem a denominação de grandes empregadoras dos profissionais da informação; estão presentes nos diversos setores da economia e se concentram majoritariamente no ramo da administração pública, que no geral, assiste à população no acesso à cultura, lazer e recreação. Compreende as bibliotecas em geral (públicas, escolares, infanto-juvenis, especializadas, universitárias) centros de cultura, arquivos e museus;

b) “Mercado informacional existente e pouco ocupado” – em que predominam instituições cuja atividade principal é voltada para organização e recuperação da informação. O que se pode observar desta fatia do mercado é que poucas organizações que buscam este tipo de serviço contratam profissionais da informação, em função do desconhecimento da profissão, dos benefícios do serviço e dos custos, considerados na maioria das vezes, supérfluos. Neste ramo mercadológico estão as editoras, livrarias, jornais, locadoras (de vídeo, DVD e livros) e empresas privadas.

c) “Mercado informacional de tendências” – considerando um mercado de fronteiras em que profissionais de diferentes nichos podem competir.

> Destaca-se neste grupo a vantagem dos que trabalham com tecnologia da informação, pois o foco do mercado está direcionado para estes profissionais, com atuação em: base de dados, intranet e serviços de consultoria.

O que se percebe é com a entrada de serviços de *streaming*[19], como Netflix e Soundcloud, entre outros, alguns locais identificados como mercado informacional existente e pouco ocupado explicado por Valentim (2000), alguns locais, como as locadoras, por exemplo, estejam, na verdade, em declínio. O que não se pode deixar de considerar, porém, é a adaptabilidade que os bibliotecários podem ter trabalhando nesse meio, seja organizando o conteúdo disponível nestes *sites*, ou por atuar na arquitetura da informação disponível.

Aparentemente, mesmo as possibilidades de mercado sendo amplas e diversificadas, as pesquisas de Baptista (1998), Walter (2008) e Faria (2015) indicam que os maiores empregadores são as bibliotecas tradicionais, vinculadas ao serviço público.

Já em 1999, Cunha ressaltava a necessidade de trabalho em parceria com outras áreas, dependendo da realidade de cada instituição. Retomando a segmentação proposta para o mercado de tendência, em que se pode observar a realidade de trabalho inter e multidisciplinar, é preciso que os futuros egressos estejam preparados para essas mudanças e se especializando ao longo da carreira profissional. “Neste sentido, é fundamental investir nesta educação, um processo de formação permanente” (CUNHA, 1999, p. 3).

Valentim (2002, p. 118) defende que “[...] a educação continuada, elemento fundamental para que as competências e habilidades profissionais sejam mantidas também devem ser objetos de reflexão [...]”, pela constituição de um ambiente favorável para que alunos de graduação e pós-graduação possam trocar experiências e refletir criticamente sobre o curso, permitindo assim “[...] a interlocução entre a universidade e a sociedade”.

A autora conclui que é papel da escola fornecer competências e habilidades ao aluno, mas é dever dele manter essas competências e habilidades profissionais, após sua formação. “O profissional da informação do futuro é aquele que sabe reconhecer os anseios sociais; para isso, simplesmente precisa observar e compreender o mundo em que vive” (VALENTIM, 2002, p. 130).

Com a utilização de tecnologias de informação e de comunicação, mais evidenciadas a partir do século XXI, há necessidade de disseminar a informação com mais rapidez e qualidade, o que leva alguns bibliotecários a pensar que a profissão pode ser extinta, em decorrência da facilidade de acesso direto pelo usuário. Ainda não se tem nenhum estudo que analise o impacto da internet na oferta de trabalho para o bibliotecário, mas talvez seja exatamente o contrário e a

---

[19] NA: Serviço *on-line* disponível para o acesso a conteúdos variados, com o requisito de ter uma assinatura mensal, no mínimo.

internet abra novos campos de trabalho e o bibliotecário tiver competência, poderá ter um espaço maior a ocupar, em áreas, inclusive, com as quais lida tradicionalmente, como organização e recuperação de informação, só que em ambientes digitais.

Evidencia-se que:

> [...] os bibliotecários fazem parte de um grupo cada vez mais diversificado de profissionais que lidam com informação, tais como arquivistas, documentalistas, gerentes de bases de dados, consultores de informação, profissionais da comunicação, analista de informação e assim por diante (PIGGOT, 1996 apud FERREIRA, 2003, p. 43).

Além disso, é consensual que o uso da informação estratégica seja um recurso essencial para o processo de gestão da competitividade e do conhecimento nas organizações (FERREIRA, 2003).

As mudanças na profissão, reforçadas e impulsionadas pelas tecnologias de informação e de comunicação – representam um grande desafio a ser vencido. Além de trabalhar em bibliotecas sem muros, cada vez mais em conexão com o mundo e em redes integradas de bibliotecas, a valorização profissional, que tem relação com a maior competitividade, depende muito de uma postura aberta por parte dos novos bibliotecários, junto com a capacidade de buscar o novo, ser criativo, estar em contato constante com outros profissionais e o principal: não ter medo de inovar.

4 Metodologia

Neste capítulo, apresenta-se a caracterização da pesquisa, seu universo e delimitação.

4.1 Caracterização da pesquisa

Entende-se pesquisa como sendo “[...] um procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos, relações ou leis, em qualquer campo do conhecimento [...]” (ANDER-EGG, 1978 apud MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 139). Ela é, portanto, um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para a descoberta de fatos verídicos sobre algo ou apenas partes da verdade.

Segundo Creswell (2010), a seleção de um projeto de pesquisa depende da decisão geral que envolve qual método deve ser utilizado para se estudar um tópico, e é “[...] baseada na natureza do problema ou na questão de pesquisa que está sendo tratada, nas experiências pessoais [...] e no público ao qual o estudo se dirige” (CRESWELL, 2010, p. 25).

Em razão do tema sobre a percepção dos alunos em relação ao mercado de trabalho à luz do currículo acadêmico ter poucos trabalhos na literatura brasileira da Biblioteconomia, essa pesquisa, então, caracteriza-se como um estudo de caso de natureza descritiva. Para Triviños (1987 apud Silveira & Córdona, 2009, p. 35), a pesquisa descritiva "[...] exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade". Do ponto de vista da análise dos dados e demonstração dos resultados foi utilizada abordagem mista, em razão de haver dados quantitativos e qualitativos.

Para Gil (2010), o estudo de caso consiste no estudo profundo e exaustivo de poucos objetos, de maneira a permitir um amplo e detalhado conhecimento. Utiliza-se questionários ou entrevistas estruturadas para a coleta de dados, com a intenção de generalizar a uma população, a partir de uma amostra.

Segundo os procedimentos de coleta, este estudo se caracteriza como um levantamento (*survey*). Acrescenta Gil (2010, p. 35) que estas pesquisas,

> [...] caracterizam-se pela interrogação direta das pessoas cujos comportamentos se deseja conhecer. Basicamente, procede-se à solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado para, em seguida, mediante análise quantitativa, obterem-se as conclusões correspondentes aos dados coletados.

Gil (2010, p. 36) cita as vantagens do tipo *survey*, entre elas, em primeiro lugar, esse tipo de levantamento permite uma quantidade maior de dados sejam obtidos em um curto espaço de tempo. Além do mais, esses dados podem ser agrupados em quadros, facilitando a análise estatística.

A abordagem de pesquisa adotada, de métodos mistos, é concebida por pragmatismo e coleta de dados quantitativos e qualitativos. "O pesquisador baseia a investigação na suposição de que a coleta de diversos tipos de dados proporciona um melhor entendimento do problema de pesquisa" (CRESWELL, 2010, p. 43).

Ainda de acordo com Creswell (2010, p. 42), os métodos mistos vão além da análise de dados estatísticos, pois, tratam as formas múltiplas de dados baseados em todas as possibilidades: texto junto à análise estatística.

A fase da análise e interpretação dos dados em uma pesquisa constitui uma tarefa complexa, por envolver aspectos éticos, emocionais, subjetivos e técnicos, entre outros. De acordo com Minayo (1996, p.197) a análise de dados busca atingir três objetivos:

> [...] compreender em profundidade os conteúdos, sentidos e estruturas contidos nos dados; compreender os dados na relação com o meio social; e buscar a validade do que é percebido. Como maior dificuldade e desafio, procura ultrapassar o nível aparente dos dados e alcançar a compreensão mais profunda de seus significados.

Para tanto, é necessário adotar uma técnica de análise de dados quantitativos e qualitativos. Para os dados quantitativos, as autoras Silveira & Córdona (2009, p. 33) explicam que "[...] a pesquisa quantitativa, que tem suas raízes no pensamento positivista lógico, tende a enfatizar o raciocínio dedutivo, as regras da lógica e os atributos mensuráveis da experiência humana".

Esclarece Fonseca (2002, p. 20) que,

> A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros. A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc. A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente.

Os dados quantitativos coletados por meio de questionário foram analisados utilizando frequência simples, sem cruzamento de variáveis. Para os dados qualitativos, adotou-se a técnica de análise de conteúdo de Bardin (2004, p. 42) que é,

> [...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

A análise de conteúdo agrupa as ideias semelhantes, de forma a possibilitar identificar o alinhamento das opiniões do grupo pesquisado ou as diferenças de respostas para as questões propostas, utilizando palavras-chave sobre o tema.

No âmbito desta pesquisa entende-se que estes tipos de análises são mais adequados para um levantamento de dados com respostas abertas e fechadas. (CRESWELL, 2010).

Os dados foram coletados sobre o perfil, competências, habilidades, além de outros pontos como a avaliação dos professores e dos colegas dos futuros egressos do curso de Biblioteconomia da UnB.

Por perfil do futuro egresso entende-se como "[...] o conjunto de conhecimentos, qualidades e competências próprias dos integrantes de uma profissão" (MUELLER, 1989, p. 63). Competências, por sua vez, será adotado o conceito apresentado por Valentim (2002, p. 122-123) que se entende como "[...] o conjunto de habilidades, destrezas, atitudes e de conhecimentos téorico-práticos necessários para cumprir uma função especializada de um modo socialmente reconhecível e aceitável [...] que um profissional [...] precisa contar, para cumprir as atividades especializadas". Por último, o conceito de habilidade é "[...] o saber fazer, é tudo o que utilizamos dos nossos conhecimentos no dia-a-dia" (LEME, 2005, p. 19).

4.2 Universo da pesquisa

No Brasil, segundo dados da Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação[20], existem 37 cursos superiores de Biblioteconomia, Documentação, Ciência da Informação ou Gestão da Informação, que são oferecidos em 21 Estados mais o Distrito Federal. Constam, também, cursos específicos e isolados em faculdades específicas de Museologia e Arquivologia que não foram incluídos neste total, para este estudo.

Esta pesquisa foi realizada na Universidade de Brasília, com os prováveis formandos do segundo semestre de 2015 e primeiro semestre de 2016, devido a três fatores:

- acesso fácil para o pesquisador, podendo a informação ser obtida com maior rapidez;

- o período de tempo para pesquisa ser de apenas um semestre para a elaboração da monografia;

- como estes estudantes estão se formando, supõe-se que tenham cursado a maioria das disciplinas e espera-se que tenham uma maior maturidade para opinar sobre o que estudaram e, provavelmente, uma opinião formada acerca do que foi estudado em relação à inserção no mercado de trabalho.

Segundo Barbetta (2010, p. 41) a população de pesquisa é "[...] o conjunto de elementos para os quais desejamos que as conclusões da pesquisa sejam válidas, com a restrição de que esses elementos possam ser observados ou mensurados sob as mesmas condições".

O curso de Biblioteconomia da UnB terá potencialmente 14 alunos, no segundo semestre de 2015, e 21, no primeiro semestre de 2016 que completarão a graduação, totalizando 35. Os dados foram obtidos junto à Secretaria de Administração Acadêmica (SAA).

Para Gil (2010, p. 35), em grande parte dos levantamentos, não se chega a obter os dados de todos os integrantes da população.

> Antes seleciona-se, mediante procedimentos estatísticos, uma amostra significativa de todo o universo, que é tomada como objeto de investigação. As conclusões obtidas com base nessa amostra são projetadas para a totalidade do universo, levando em consideração a margem de erro, que é obtida mediante cálculos estatísticos.

---

[20] ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 2015. **Gerais – Relação Escolas Brasil**. Disponível em: <http://www.abecin.org.br/abecin_conteudo.php?id=20>. Acesso em: 4 ago. 2015.

A ideia seria fazer a pesquisa com a totalidade dos potenciais egressos, entretanto foram obtidos 15 participantes, ou seja, 42% da população total definida para esse trabalho. Foi informado ao secretário do SAA que os dados seriam apenas para o uso acadêmico, respeitando-se o sigilo das informações destes alunos.

4.3 Instrumento de coleta de dados

Segundo Gil (2010, p. 102), em pesquisas do tipo *survey* as técnicas de interrogação mais utilizadas são o questionário, a entrevista e o formulário. Como falado anteriormente, nesta pesquisa foi utilizado o questionário, que se trata de um "[...] instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador" (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 184).

O questionário desta pesquisa foi composto de 15 perguntas fechadas e 4 perguntas abertas, o que possibilitou a utilização de método misto, quantitativo e qualitativo para o tratamento e análise dos dados.

Para a elaboração das perguntas, além da busca dentre os autores com relação aos conceitos-chave acerca de cada tema, também foi fundamentado no trabalho de Faria (2015, p. 19) que teve o objetivo de "[...] identificar as competências necessárias e os fatores que influenciam a inserção dos bibliotecários, formados no período compreendido entre os anos de 2010 e 2014 nas universidades públicas da região sudeste".

Utilizou-se a Escala de *Likert* para mensurar os dados e atribuir grau de importância a cada afirmativa proposta. A escala *Likert* é uma escala psicométrica que registra o nível de concordância ou discordância com uma declaração dada ou a avaliação de uma afirmação. Ela mede atitudes e comportamentos utilizando opções de resposta que variam de um extremo a outro, descobrindo assim, níveis de opinião. Segundo Vieira (2009, p. 75) nesse tipo de escala, os sujeitos assinalam cada item de uma categoria e esse item recebe um valor de zero a três, isto é: concordo plenamente: três; concordo um pouco: dois; discordo um pouco: um; discordo completamente: zero.

O questionário foi elaborado com base nos textos lidos e em pesquisas anteriores sobre mercado de trabalho:

- a seção sobre formação acadêmica, as perguntas foram baseadas em Castro (2000a), Guimarães (2002), Russo (2010), Oliveira; Carvalho; Souza (2009);
- a seção sobre formação profissional, os apontamentos foram baseados em Milanesi (2002), Silva e Cunha (2002), Walter (2005);

- a seção sobre perfil, os apontamentos foram baseados em Mueller (1989), Castro (2000b), Burin (2009);
- a seção sobre competências, os apontamentos foram baseados em Valentim (2002), Miranda (2007), Fialho et al. (2010),.

Dois pré-testes foram realizados: o primeiro ocorreu na primeira quinzena de setembro de 2015 com um estudante de Biblioteconomia do último período da Universidade Estadual do Rio de Janeiro e com um bibliotecário recém-formado no semestre anterior à pesquisa. O objetivo deste pré-teste era avaliar o próprio instrumento, se as afirmativas estavam compreensíveis e se havia alguma outra sugestão de tópico a ser incluído. Foram sugeridas mudanças em alguns termos e nos valores quantitativos de algumas perguntas a fim de facilitar o entendimento dos respondentes.

O segundo pré-teste, realizado após fazer os ajustes sugeridos anteriormente, ocorreu com futuros egressos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, com o objetivo de avaliar, pelas respostas obtidas, se de fato o questionário conseguiria coletar as informações necessárias para responder aos objetivos da pesquisa. Não houve sugestão de modificação por parte dos respondentes e foi realizado dois dias após a aplicação do primeiro pré-teste.

Em geral, deve-se mandar uma nota ou carta explicando a natureza da pesquisa, de forma que os respondentes se sintam seguros quanto à privacidade das informações e o respeito ao sigilo de suas respostas e isso foi agregado ao instrumento desta pesquisa. O questionário (Apêndice) foi criado por meio da ferramenta *on-line Google Forms*, do provedor *Google Drive*[21].

Para convidar os participantes foi inserido um *link* no grupo fechado do *Facebook* “Biblioteconomia UnB”, assim como foi utilizado o contato dos futuros egressos no *WhatsApp*, e enviado um *e-mail* para os demais. O questionário ficou aberto para resposta de 23 de outubro até 06 de novembro de 2015 e após as sucessivas tentativas de obter mais respostas foi encerrado. Alguns alunos comentaram que acharam o questionário longo e supõe-se que estão entre os não respondentes. Esse dado é interessante, pois em nenhum dos pré-testes aplicados os respondentes levantaram essa questão.

Ressalte-se, ainda, que não havia controle e identificação de respondente, então, em tese, uma pessoa poderia responder mais de uma vez, embora, pelo número de pessoas da população total (35), imagina-se que isso não tenha ocorrido.

Assim, conforme dito anteriormente, foram respondidos 15 questionários (42%), número considerado aceitável para a população total de 35 estudantes.

---

[21] NA: *Google Forms* disponível em: <https://docs.google.com/forms/d/1COVQa7TIwAFMkaa0qeR33EM2FD_tNw0ygeGFxoGUoes/edit?usp=drive_web>. Acesso em 09 dez. 2015.

A análise de dados envolveu as etapas de tabulação de dados (realizada por meio do *Google Forms,* sistema operacional Windows 10), utilizando uma planilha eletrônica para a tabulação de dados e elaboração de gráficos e os cálculos foram feitos automaticamente pela a ferramenta do próprio Google.

O *survey*, como explicitado por Gil (2010), possui vantagens e limitações. Nesta pesquisa, a limitação se deveu ao fato de o pesquisador não ter os contatos de todos os participantes para enviar o *link* do questionário e não ter todo sucesso em obtê-los junto à SAA.

5 Análise de dados

Os dados desta pesquisa referem-se apenas à população estudada e não refletem o retrato de estudantes em fase de finalização do curso em outras universidades do País, nem mesmo da região Centro-Oeste. Foram coletados por meio da aplicação de questionário (Apêndice A) e tabulados utilizando o *Google Forms*. O questionário foi dividido em quatro seções (Quadro 10):

1) Identificação: Idade, gênero e ano de ingresso no curso;
2) Formação profissional: Nível de formação adquirido, o estágio extracurricular/curricular, motivo pelo qual ingressou no curso;
3) Perfil: Percepção dos alunos em relação ao perfil do bibliotecário e em relação a eles mesmos, quanto ao ingresso no mercado de trabalho;
4) Competências: Competências de comunicação e expressão; técnico científicas; gerenciais; sociais e políticas.

Para maior facilidade de análise e não identificação dos participantes da pesquisa, os questionários foram numerados como “Respondente 1” até “Respondente 15”.

O quadro 10 apresenta a relação das questões com os objetivos da pesquisa.

Quadro 10: Questões e objetivos da pesquisa

Seção	Questão	Objetivo (s) específico (s)
Identificação	1-3	- Identificar o perfil dos estudantes em fase de conclusão do curso no período compreendido entre o segundo semestre de 2015 e primeiro semestre de 2016.
Perfil	13/19	
Formação profissional	12; 18/19	- Identificar os fatores de influência dos estudantes acerca de sua formação profissional: universidade, estágios extracurriculares, professores, profissionais do mercado. - Levantar as opiniões dos estudantes, sobre a grade curricular do curso de Biblioteconomia da UnB.
Competências	14-17	- Levantar as opiniões dos estudantes sobre as próprias competências de comunicação e expressão, técnico-científicas, gerenciais, social e política.

Fonte: O autor.

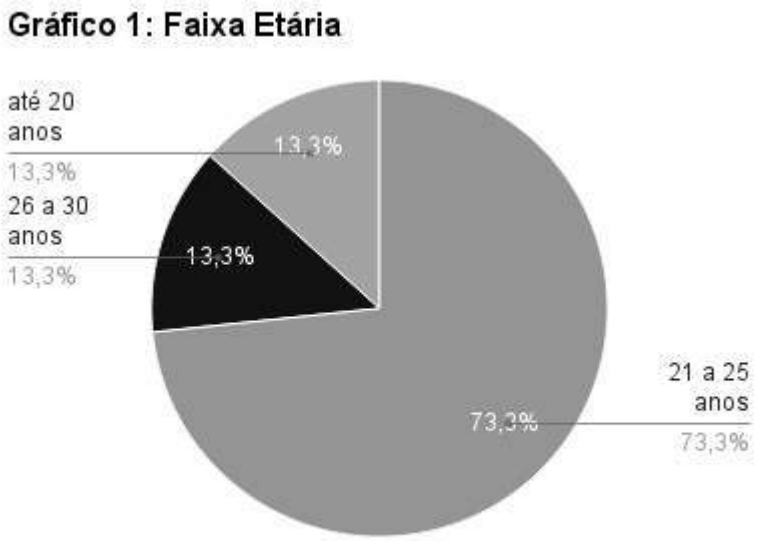
5.1 Identificação

Neste tópico, é apresentada a caracterização do futuro egresso do curso de Biblioteconomia da UnB. Para tanto, foram analisadas as respostas referentes a gênero e idade.

O resultado da pesquisa mostra que 13 (86,7%) respondentes eram do sexo feminino e 2 (13,3%) do sexo masculino. A maioria de mulheres reflete um dado percebido intuitivamente pelas pessoas quando afirmam que a profissão tem predominância feminina, confirmado quando são resgatados os dados obtidos por Oliveira (1980) – 88%; Baptista (1998) – 94,9%; Walter (2008) – 88%, que igualmente constataram que a maior parte de bibliotecários dessas pesquisas era do sexo feminino.

No gráfico 1 a seguir, apresenta-se a faixa etária dos futuros egressos da Biblioteconomia UnB. A resposta evidencia que a maioria, com 11 (73,3%) respondentes, são jovens[22] e situa-se na faixa compreendida entre 21 e 25 anos. Observa-se também a coincidência de alunos com a faixa etária até 20 e de 26 a 30 anos, com 2 (13,3%) em cada faixa.

[22] NA: Jovem, de acordo com a definição adotada pela Assembleia Geral da Organizações das Nações Unidas, em 1985, no Ano Internacional da Juventude, compreende as pessoas entre 15 e 24 anos. (BARRIENTOS-PARRA, 2004. p. 133)



Fonte: O autor

Após, foi perguntado o ano de ingresso e verificou-se que os estudantes que ingressaram na Universidade em 2012 tiveram maior incidência, o que se compreende, devido à duração do curso de 4 anos. Isso significa que eles estão formando no período normal, sem problemas de atrasos, conforme a tabela 1 mostra. Chama a atenção dois fatos: o primeiro, do estudante que levará sete/oito anos para se formar; segundo o estudante que levará dois/três anos a se formar.

Tabela 1: Em que ano você ingressou no curso?

Ano de ingresso na UnB	Quantidade	Porcentagem
2009	1	6,7%
2010	2	13,3%
2011	1	6,7%
2012	10	66,7%
2013	1	6,7%
Total	**15**	**100%**

Fonte: O autor.

Embora não tenha sido perguntado, para o primeiro caso, algumas razões podem ser levantadas, como, por exemplo, trancamento de disciplinas ou semestres, reprovações em disciplinas, greves ou mesmo questões pessoais.

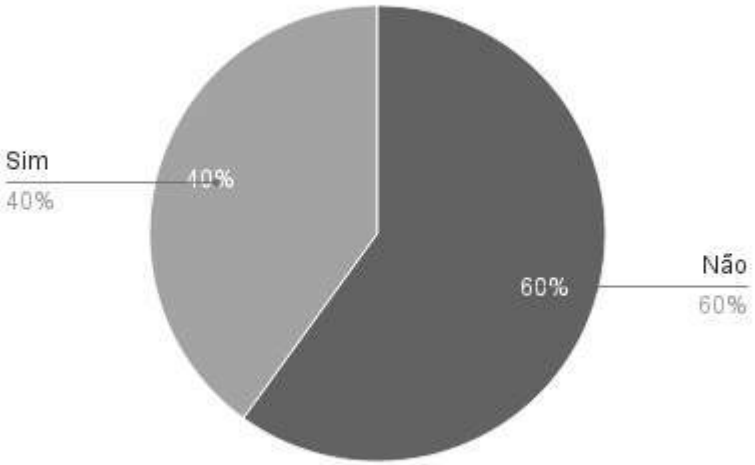
Para o segundo caso, uma razão pode ser que o aluno aproveitou créditos de outros cursos – o chamado na UnB de crédito concedido, o que o levou a se formar antes. Mas igualmente, como não foi perguntado, não se pode afirmar que a razão tenha sido efetivamente esta.

5.2 Formação profissional

A seguir são apresentados os dados relacionados com a formação acadêmica do grupo pesquisado, como se deu o ingresso no curso, de que maneira analisam a metodologia dos professores e as disciplinas ofertadas no curso de Biblioteconomia, o nível de satisfação com o curso e se o indicariam para outras pessoas cursarem.

Na pesquisa, foi perguntado se a escolha do curso de Biblioteconomia foi a primeira opção de carreira profissional. O gráfico 2 mostra que a maior parte dos respondentes não escolheram o curso como primeira opção, sendo citados: Psicologia, Nutrição, Economia, Letras, Ciência da Computação e Publicidade, como opções anteriores.

Gráfico 2: Biblioteconomia foi sua primeira opção de carreira profissional?



Fonte: O autor.

A pergunta número 7 do questionário visava identificar as razões da escolha de Biblioteconomia como carreira profissional, cujos resultados constam na tabela 2:

Tabela 2: Razões de escolha de Biblioteconomia como carreira profissional

Afirmação do questionário	Quantidade	Porcentagem
Facilidade de ingresso na universidade	1	6,7%
Conhecimento anterior da profissão	1	6,7%
Indicação de amigos, parentes	6	40%
Não tinha outra opção em mente	1	6,7%
Gosto pela leitura e/ou pesquisa	5	33,3%
Outro: Sempre quis a profissão	1	6,7%
TOTAL	15	100%

Fonte: O autor.

De acordo com a tabela 2, percebe-se que a indicação de parentes e o gosto da leitura, foram os itens apontados como os que mais motivaram os alunos a ingressarem no curso. Com relação ao gosto pela leitura, este dado é comparável à pesquisa de Walter (2008, p. 186) cujos respondentes, bibliotecários formados, também indicaram majoritariamente este item como motivação da escolha da carreira.

Para os que não escolheram Biblioteconomia como primeira opção de carreira, foi feita a pergunta aberta: “Por que decidiu prosseguir no curso de Biblioteconomia? ”. As respostas foram variadas com destaque para “mercado de trabalho”. Como indica o respondente 6, que sintetiza: “Pelas oportunidades de trabalho”. Outros motivos foram apontados, como, por exemplo, o respondente 13 que indicou: “Por ‘medo de me arriscar’ em Publicidade pois li a respeito em vários lugares que o mercado de Publicidade estava saturado [...]”. Outra razão foi o gosto pelo curso, conforme outro participante, “[...] porque acabei gostando [...]” (Respondente 2). Concordando com este, o respondente 12 disse: “Por gosto pela área [...]”, complementado pelo respondente 3:

> Porque depois que conheci o que era de fato o curso, especificamente no 3° semestre, me interessei pelo aspecto interdisciplinar que possibilita trabalhar em diferentes frentes de trabalho.

Entre as afirmativas da questão 19 do questionário, que tinha por objetivo verificar a opinião dos alunos sobre o curso de Biblioteconomia, sobre os colegas e sobre eles mesmos, ressalta-se que com relação à afirmativa “Me entusiasmei com a profissão”, pelo gráfico 3, a razão pela qual os estudantes não desistiram do curso é porque 8 (53,3%) deles se entusiasmaram com a Biblioteconomia. Considerando-se os discursos dos alunos na questão aberta sobre a permanência no curso, aparentemente o conhecimento adquirido na faculdade, em disciplinas mais

específicas e técnicas, além da vivência nos estágios parecem ter influenciado os alunos para prosseguirem na carreira.

Fonte: O autor

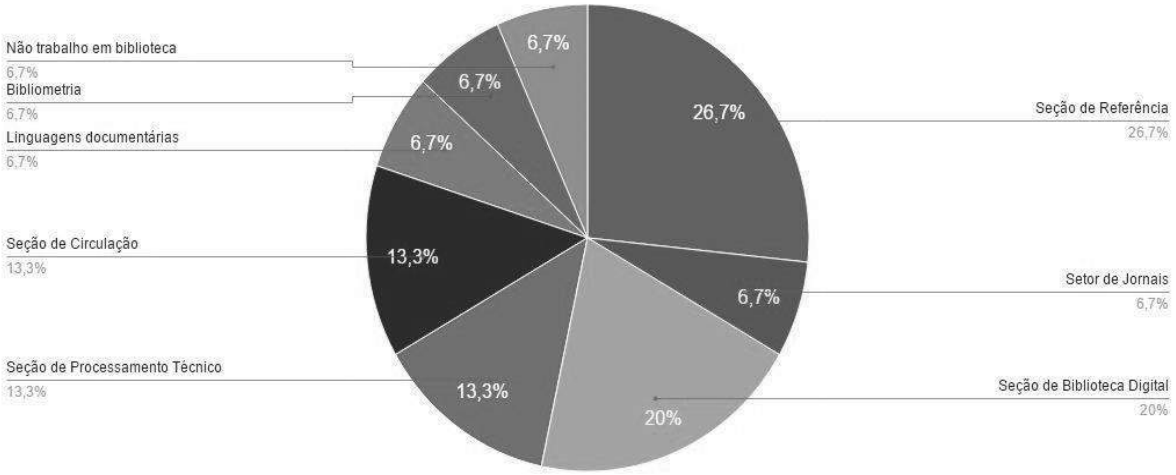
Quando se colocou a questão se recomendaria aos jovens em fase de escolha, seguir a carreira de bibliotecário, nove respondentes (60%) concordaram totalmente, o que pode significar uma divulgação positiva para jovens, que em muitos casos não sabem por qual curso optar, entre outras razões, pelo próprio desconhecimento do curso.

A pergunta seguinte tinha intenção de verificar se os respondentes faziam ou fizeram estágio extracurricular. Todos responderam que sim. Os locais de trabalho não se apresentaram dos mais variados, sendo que 13 (86,7%) respondentes fazem ou estão fazendo estágio em biblioteca especializada de órgão público e os outros dois, totalizando 13,3%, um respondeu que faz estágio em biblioteca especializada em instituição privada e o outro que não estagia em biblioteca.

Percebe-se que a grande maioria dos respondentes faz estágio em bibliotecas, confirmando o que Valentim (2000) explica acerca do mercado informacional tradicional onde trabalha a maior parte dos bibliotecários. Neste caso estagiam, mas isso pode indicar uma tendência mesmo na fase de formação profissional.

Com relação ao respondente que indicou não estagiar em biblioteca, no Gráfico 4, não foi possível identificar a área, pelas opções propostas na afirmativa. O que pode ser inferido disto é que como as opções mostradas foram setores tradicionais de uma biblioteca, ele não se situou em nenhum deles.

Gráfico 4: Setor de trabalho na Biblioteca



Fonte: O autor

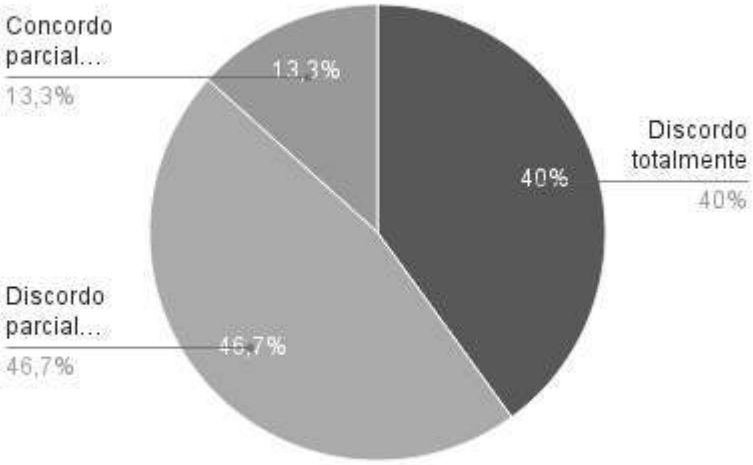
Verifica-se uma heterogeneidade de setores onde os respondentes estagiam, tornando a pesquisa mais interessante devido à diversidade das visões em relação às suas competências, habilidades, e quais atitudes desenvolveram. Percebe-se, também, que os setores de referência e de biblioteca digital (respectivamente 4 - 26,7% e 3 - 20%), são os locais de estágio da maioria dos respondentes.

Fazendo um paralelo com o currículo do curso de Biblioteconomia da UnB, identifica-se que serviço de referência é uma disciplina obrigatória do curso. Entretanto, não existe uma disciplina obrigatória específica para estudo das bibliotecas digitais. As disciplinas que poderiam ser consideradas mais próximas de incluir este conteúdo seriam as de Planejamento e Elaboração de Bases de Dados e a de Introdução à Microinformática. Considerando-se a evolução e a inserção das tecnologias e comunicação, como citado por Castro (2000b, p. 10), onde explicava que os currículos eram “[...] voltados mais para as técnicas tradicionais do que para gestão de sistemas de informação e tratamento de informação, independentemente do seu suporte físico”, seria interessante pensar sobre a inclusão de uma disciplina específica sobre bibliotecas digitais. Observa-se que houve pouca alteração desde então.

Prosseguindo na análise do currículo, foram feitas afirmativas para identificar a visão dos futuros egressos com relação à grade curricular do curso, sobre a metodologia das aulas e a percepção acerca das competências para o ingresso no mercado de trabalho, que serão analisadas a seguir.

O Gráfico 5 mostra o que alunos pensam acerca da grade curricular e se percebem que foi suficiente para o futuro ingresso no mercado de trabalho.

Gráfico 5: A grade curricular do curso é suficiente para minha preparação e ingresso no mercado de trabalho.

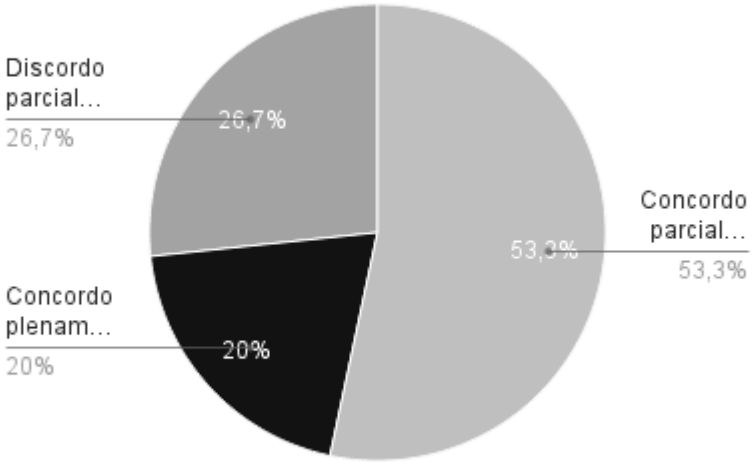


Fonte: O autor

O índice total de respondentes que discordaram total ou parcialmente da questão ultrapassa 80%, destacando-se que 2 (13,3%) respondentes indicaram apenas concordar parcialmente com a questão. Ressaltando sempre que não se pode extrapolar os dados, pois a amostra não foi probabilística, chama a atenção que uma maioria tão expressiva dos respondentes, 13 (86,7%), não se considere preparada por esta grade curricular. No mínimo faz pensar sobre as disciplinas e seus conteúdos.

O Gráfico 6 mostra a percepção dos alunos com relação ao conteúdo das disciplinas e à maior ou à menor facilidade na sua inserção futura no mercado. A pergunta visava identificar se os conteúdos das disciplinas eram muito teóricos e sem aplicação prática:

Gráfico 6: As disciplinas que estou cursando durante a faculdade são muito aplicadas (teóricas), o que dificultará a minha atuação profissional.



Fonte: O autor

A maioria dos respondentes, totalizando 11 pessoas (73,3%), concordaram plenamente e parcialmente com a afirmativa das disciplinas cursadas serem muito teóricas. Vale ressaltar que as disciplinas de Estágio Supervisionado I e II são oferecidas justamente para os alunos terem esta prática ensinada nas disciplinas.

Indo mais adiante com a pesquisa, foi perguntado aos respondentes com relação a cursar disciplinas optativas, de áreas específicas dentro da Universidade, se favorecerá a inserção no mercado de trabalho. Houve um equilíbrio entre as respostas, onde 5 respondentes (33,3%) discordaram parcialmente da afirmativa, 4 (26,7%) não concordaram nem discordaram, 4 (26,7%) concordaram parcialmente. Apenas 2 (13,3%) discordaram totalmente da afirmativa.

O objetivo desta questão era verificar se os alunos percebiam a influência de uma graduação diversificada no exercício futuro na profissão. Como houve uma incerteza nos resultados, onde a opção “concordo totalmente” não foi escolhida, não se pode avaliar se os respondentes percebem vantagens em cursar disciplinas mais diversificadas. Essa resposta, associada ao ambiente em que majoritariamente fazem estágio, seções de referência e de biblioteca digital, talvez tenha influenciado a opinião, ainda que biblioteca digital não seja uma disciplina contida na grade. Talvez se tivessem passado por alguma experiência dentro das unidades de informação que estagiaram, isso despertasse o interesse pela diversidade de conhecimento, o que parece não ter acontecido.

Embora não se trate especificamente de diversidade de conhecimentos adquiridos na Universidade, é interessante notar que em pesquisas anteriores (Faria, 2015, p. 87) os bibliotecários indicaram que as disciplinas cursadas de algum

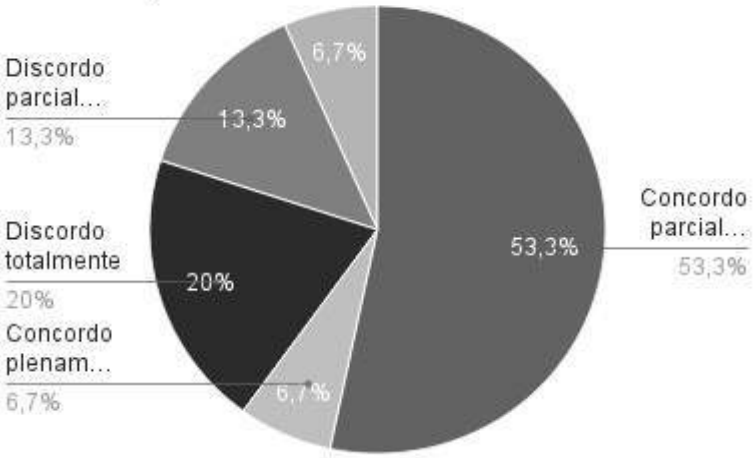
modo direcionaram a atuação profissional “[...] 6,2% dos bibliotecários afirmaram que as disciplinas cursadas na graduação direcionam a área de atuação profissional”. Do mesmo modo, na pesquisa de Faria (2015), os respondentes consideraram que conhecimentos específicos podem ser indispensáveis para o exercício profissional “4,6% [...] que o conhecimento específico da área de atuação é indispensável para o exercício da profissão”.

Quando se questionou o fato das disciplinas estarem defasadas com a realidade dos estágios extracurriculares, houve uma incidência maior na opção “concordo totalmente” e “concordo parcialmente” com, respectivamente, 6 (40%) e 4 (26,7%) de respostas. Ressalta-se que nenhum respondente discordou totalmente desta afirmativa, o que talvez possa ser considerado importante quando da discussão de mudanças no currículo vigente.

Isso pode indicar que em relação ao conhecimento adquirido na Universidade, eles não se sentem seguros para enfrentar o mercado de trabalho. Primeiro, porque os respondentes disseram que a grade curricular está defasada em relação à realidade dos estágios extracurriculares. Segundo, pelo fato de eles assinalarem concordar que as disciplinas são teóricas e quando chegarem no mercado de trabalho podem sentir dificuldades pela falta de disciplinas aplicadas.

Voltando à questão da grade curricular, foi perguntado se puderam escolher disciplinas em áreas com as quais tinham mais afinidade, entre as disciplinas optativas e de módulo livre, conforme gráfico 7:

Gráfico 7: Devido ao leque de disciplinas optativas ofertadas, pude escolher qual área das ciências que tenho mais afinidade.



Fonte: O autor

De acordo com o gráfico 7, 9 (60%) respondentes concordaram plenamente ou parcialmente com a questão. Talvez pela forma como está estruturado, o currículo de Biblioteconomia da UnB, com a possibilidade de cursar disciplinas

optativas e de módulo livre, isso favoreça uma liberdade de escolha de assuntos ou disciplinas além da própria Ciência da Informação, ou seja, o aluno pode moldar a sua formação de acordo com a área com a qual tenha mais afinidade.

A segunda parte deste bloco foi direcionada à grade curricular do curso. Houve quatro perguntas acerca da falta de disciplinas das áreas: social, técnica, tecnológica e gerencial. Esta análise se baseia no que citam Oliveira, Carvalho e Silva (2009) sobre a generalização da grade curricular de Biblioteconomia, conforme a Tabela 3:

Tabela 3: Afirmações acerca da falta das disciplinas na grade curricular do curso de Biblioteconomia da UnB

Afirmações do questionário	**Concordo plenamente**	**Concordo parcialmente**	**Não concordo nem discordo**	**Discordo parcialmente**	**Discordo totalmente**	**TOTAL**
Faltam disciplinas de cunho social	9 (60%)	4 (26,7%)	0 (0%)	2 (13,3%)	0 (0%)	15 (100%)
Faltam disciplinas de cunho técnico	10 (66,7%)	2 (13,3%)	2 (13,3%)	1 (6,7%)	0 (0%)	15 (100%)
Faltam disciplinas de cunho tecnológico	11 (73,3%)	3 (20%)	0 (0%)	1 (6,7%)	0 (0%)	15 (100%)
Faltam disciplinas de cunho gerencial	5 (33,3%)	4 (26,7%)	3 (20%)	1 (6,7%)	2 (13,3%)	15 (100%)

Fonte: O autor.

Percebe-se que a quantidade de respondentes que sentem a falta de disciplinas das áreas social, técnica e tecnológica é bastante grande. Considerando-se as respostas sobre as disciplinas serem teóricas (Gráfico 6) e que a grade curricular do curso, conforme Gráfico 5, não foi considerada suficiente para o ingresso no mercado de trabalho, esses dados podem igualmente ser importantes para repensar o currículo de Biblioteconomia da UnB, na visão destes estudantes. Acrescente-se a essas questões a constatação dos respondentes (10 - 66,7%) de que as disciplinas cursadas estão defasadas em relação à realidade dos estágios.

No entanto, na afirmativa de que faltam disciplinas de cunho gerencial, a incerteza se mostrou novamente, talvez por serem estudantes e não exercerem papeis de liderança em seus estágios. Entretanto, os números mostram que a maior porcentagem concorda com a questão, o que pode indicar que há a preocupação deles em conhecer aspectos de gerência de unidades de informação, papel que eles podem vir a desempenhar futuramente nos ambientes de trabalho.

Em linhas gerais, com base nas respostas obtidas, percebe-se que para os respondentes:

- a grade curricular não os deixa seguros para enfrentar o mercado de trabalho;
- como o currículo de Biblioteconomia na UnB oferece um leque de disciplinas optativas a serem cursadas, os alunos podem moldar a formação acadêmica, o que pode ser um facilitador para inserção no mercado de trabalho;
- os alunos indicam que sentem falta de disciplinas nas áreas técnica, social e tecnológica, sendo que a área tecnológica foi a que teve uma maior incidência 11 (73,3%) de respostas, enquanto que na área de gerência essa percepção não foi elevada 5 (33,3%).

A tabela 4 mostra a opinião dos alunos acerca da prática pedagógica dos professores:

Tabela 4: Opinião sobre a prática pedagógica dos professores

Afirmações do questionário	**Concordo plenamente**	**Concordo parcialmente**	**Não concordo nem discordo**	**Discordo parcialmente**	**Discordo totalmente**	**TOTAL**
Os professores trazem as principais novidades da área para a discussão em sala.	0 (0%)	8 (53,3%)	1 (6,7%)	5 (33,3%)	1 (6,7%)	15 (100%)
As práticas pedagógicas utilizadas pelos professores fazem com que eu não me interesse pelas aulas.	2 (13,3%)	7 (46,7%)	1 (6,7%)	5 (33,3%)	0 (0%)	15 (100%)
A metodologia [de ensino] utilizada pelos professores não me torna mais crítico em relação à realidade vivida da área.	2 (13,3%)	3 (20%)	2 (13,3%)	5 (33,3%)	3 (20%)	15 (100%)
Os conteúdos das disciplinas estão em consonância com o que observo nos estágios curriculares e extracurriculares que faço/fiz.	0 (0%)	7 (46,7%)	0 (0%)	4 (26,7%)	4 (26,7%)	15 (100%)

Fonte: O autor.

Há que se fazer um paralelo entre os dados da Tabela 4 (p. 56) com o que foi dito por Lemos (1973), Vieira (1983) e Milanesi (2002) com relação às práticas pedagógicas dos professores em sala de aula, e os resultados da pesquisa:

- os professores, na percepção dos respondentes, mas ao contrário do que colocaram os autores, trazem as principais novidades para a sala de aula, de acordo com oito respondentes (53,3%), que assinalaram "concordo parcialmente" com a afirmativa. Porém, não são todos que têm essa percepção, já que cinco respondentes (33,3%) indicaram discordar parcialmente dessa afirmativa.
- outro ponto foi que as práticas pedagógicas dos professores fazem os respondentes se interessarem pelas aulas, de acordo com nove (60%). Talvez estes alunos se encontrem entre os mesmos nove respondentes (60%), conforme Tabela 5, página 63 que indicaram serem desmotivados para assistir às aulas;
- é interessante observar que apesar de as práticas pedagógicas dos professores não motivar os alunos a se interessarem pelas aulas, 8 respondentes (53%) reconhecem que a metodologia utilizada pelos professores os tornam críticos diante da realidade vivida na área, o que parece paradoxal;
- com relação à pergunta sobre as disciplinas terem consonância com as realidades dos estágios, parte dos respondentes discordam da afirmativa, dividindo-se entre "discordo parcialmente" e "discordo totalmente" (53,4%) e "concordo parcialmente" (46,7%). Vale ressaltar que anteriormente, eles também haviam concordado de que a realidade dos estágios era diferente do que era ensinada nas aulas, tendo uma coerência entre as duas questões.
- por último, observa-se que a maioria dos respondentes se posicionou de maneira positiva ou negativa em relação às afirmativas, poucos tendo marcado a opção neutra – nem concordam nem discordam.

Na pergunta aberta, "De acordo com a formação acadêmica adquirida até o momento, explique por que você se sente, ou não, preparado para ingressar no mercado de trabalho?", os participantes responderam em sua maioria que não se sentem preparados para o mercado de trabalho, e os que se sentem preparados é devido à experiência vivida nos estágios e não ao curso feito.

Essa afirmação é ilustrada pelo depoimento do respondente 2 que disse se sentir mais preparado: "[...] pela experiência adquirida nos estágios não obrigatórios", ou pelo respondente 13, que explicou que somente se sentiu preparado após iniciar o estágio remunerado: "[...] acho o curso de Biblioteconomia muito teórico [...]", e o respondente 3 complementou dizendo que:

> [...] minhas experiências nos estágios curriculares e extracurriculares me proporcionaram uma visão holística de como é a realidade fora da universidade, isto é, como é a Biblioteconomia na prática e qual postura profissional eu preciso ter para exercer a profissão (Respondente 3).

O respondente 8 explicou que se sente preparado por causa do estágio que começou no segundo semestre, considerando que ao invés do curso dar os insumos necessários ao estágio, que é o complemento do estudo da Faculdade, aconteceu o contrário, o estágio que apoiou o ensino na Faculdade.

Sobre o conteúdo das disciplinas, os respondentes foram muito contundentes ao avaliar que o curso estava defasado em relação aos estágios extracurriculares. Uns explicaram que as demandas estão voltadas à tecnologia da informação e áreas afins, e que precisarão fazer um curso à parte para se qualificarem; outros que sentem falta do conhecimento das teorias e das fontes de informação. Eles perceberam que o enfoque do mercado não está centrado apenas no trabalho com livros e periódicos em papel, mas sim na informação registrada independente do suporte, visão esta que encontramos na literatura explicada por Baptista (2000), Castro (2000b), Milanesi (2002) e Valentim (2002).

Assim explica o respondente 9:

> O curso precisa de uma reformulação de currículo, as disciplinas obrigatórias estão defasadas, não tem matérias direcionadas para a área de tecnologia e direto autoral, por exemplo; falta matérias de cunho social e profissional; não se tem muitas opções de disciplinas optativas mais direcionadas para o curso, como bibliografia brasileira, CDD, CDU, catalogação de materiais especiais, etc., o que prejudica a formação dos novos profissionais.

E complementa o respondente 15 que o curso se mostra generalista e superficial demais. “Competências que deveriam ser trabalhadas durante o curso foram pouco ou superficialmente desenvolvidas, talvez pela falta de professores, por exemplo”.

A falta de professores foi apontada pelos respondentes, como uma das causas de o curso estar superficial e generalista, como explica o respondente 7:

> O currículo de graduação do curso de Biblioteconomia **é extremamente superficial e já não conta com profissionais qualificados dando aula.** Encontramos professores especializados em TI dando aula de epistemologia. IBCI[23], por exemplo, tem alto número de rotatividade porque atualmente não existe nenhum (a) professor (a) que esteja preparado para lecioná-la. **OTI[24] e Infodoc[25] são disciplinas que são ministradas de tal forma que os estudantes a fazem apenas quando não têm outra opção**. Minha formação acadêmica não me preparou para o MUNDO do trabalho e muito menos para entrar no universo da pesquisa. O estágio extracurricular

[23] NA: IBCI: Introdução à Biblioteconomia e Ciência da Informação.

[24] NA: OTI: Organização do Trabalho Intelectual. Disciplina oferecida pela FCI como optativa, que tem como ementa a linguagem cientifica, a produção do trabalho científico, seu histórico e o passo a passo da produção de um texto.

[25] NA: Redução do nome da disciplina obrigatória Informática Documentária, oferecida pela FCI como obrigatória, cuja ementa diz que tratará do Uso das tecnologias e métodos relacionados com a informática aplicada aos processos documentários. Princípios de análise funcional. Automação de serviços de informação. Automação dos processos de bibliotecas. Tem como pré-requisito a disciplina de Planejamento e Elaboração de Base de Dados e Arquivo Corrente 1.

> e os Congressos deixaram isso claro em diversos momentos, que a FCI-UnB sobrevive de um passado de profissionais que já se foram e posturas que na época eram revolucionárias e hoje se mostram conservadoras. (grifo nosso).

A possível explicação para a escassez de professores talvez esteja relacionada com a aposentadoria de aproximadamente 10 docentes da FCI a partir de 2013, que até 2015, não foram substituídos. Assim sendo, há uma lacuna de docentes do quadro efetivo em tempo integral. Seria interessante um estudo acerca da renovação dos quadros discentes da FCI/UnB para identificar o perfis e formações básicos ao longo dos anos.

Sobre a formação acadêmica, os respondentes a julgaram superficial e generalista, e que necessita de uma reformulação na grade curricular, a fim de acrescentar matérias de cunho social, tecnológico e técnico, de forma mais evidenciada, mas também gerencial, ainda que não tão contundente, conforme Tabela 3 (p. 55). Eles também indicaram que as práticas pedagógicas adotadas pelos professores são atuais, que os tornam mais críticos, porém não os incentivam a participar das aulas.

5.3 Perfil profissional do bibliotecário

Conforme mostrado no tópico 5.1 do questionário de identificação dos participantes da pesquisa, a maioria dos respondentes é formada por mulheres, que estão na faixa etária entre 21 a 25 anos. A análise a partir desse grupo de perguntas detalhará um pouco mais o perfil em relação à imagem dos alunos em geral e como eles percebem o perfil profissional do bibliotecário.

Fazendo uma ligação acerca da importância dada pelos respondentes aos estágios curriculares e extracurriculares, percebe-se que eles contribuem para a formação do perfil profissional do bibliotecário. Mais de 85% dos respondentes concordaram plenamente com a questão, o que indica que, para este grupo, o estágio é um fator determinante para o perfil do futuro egresso de Biblioteconomia. Esta constatação pode ser complementada pelas respostas na afirmativa do item 19, na qual 10 (66,7%) e 5 (33,3%) concordaram totalmente ou parcialmente que “nos estágios, tive bons profissionais como exemplos positivos de bibliotecário”, o que mostrou que todos os participantes tiveram ou têm bons exemplos a seguir, o que é bom para a profissão, e que provavelmente os incentiva a continuar nela.

Em contraste à concordância maciça de estudantes da afirmativa anterior, quando se tratou da formação acadêmica recebida na graduação, o Gráfico 8 mostrou que:

Fonte: O autor

Como mostrado em questões anteriores e de acordo com os resultados analisados até então, houve uma certa divisão nas afirmativas. Juntando as respostas “concordo” e “concordo parcialmente”, a maioria dos respondentes, (8 - 53,3%) concordam que o perfil profissional do bibliotecário é constituído a partir do ensino dado na Universidade. De acordo com a literatura estudada, o conhecimento adquirido na Faculdade é um pilar de formação do perfil profissional.

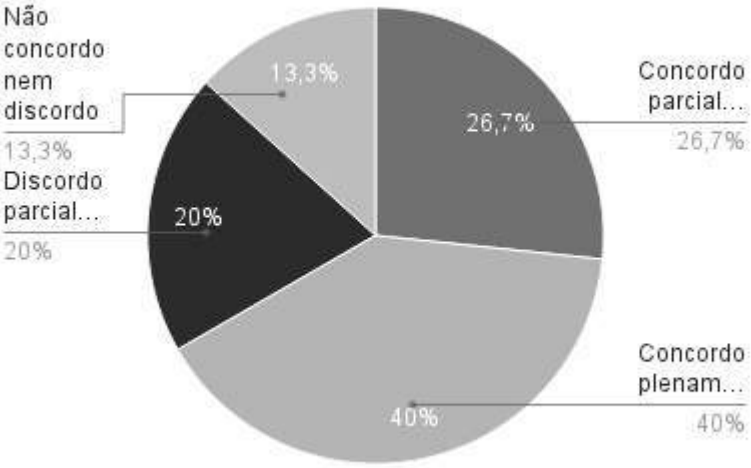
Nas afirmativas do grupo “perfil profissional”, item 13, foram abordados dois temas em que houve uma distribuição de respostas entre “concordo plenamente” e “concordo parcialmente”, sem nenhuma outra opção marcada. Na afirmativa “Certamente o perfil de um bibliotecário deve estar ligado à participação nos processos de geração, disseminação, recuperação, gerenciamento, conservação e utilização da informação”, 9 (60%) e 6 (40%) respondentes, respectivamente, concordaram. Este tema se relaciona com o que Mueller (1989) apontava que o bibliotecário deve estar apto a participar de todos os processos de uma biblioteca.

Com relação à afirmativa “Os perfis profissionais são compostos por conhecimentos e aptidões relacionadas aos aspectos comportamental e intelectual do profissional’, igualmente 8 (53,3%) e 7 (46,7%) respondentes concordaram ou concordaram parcialmente, corroborando Fialho et al. (2010) que relaciona as competências intelectuais e cognitivas como desejáveis para os bibliotecários.

Ainda no grupo de afirmativas 13 do questionário, duas delas se relacionavam à influência das associações profissionais (Associação de Bibliotecários, Conselhos Regionais e Federal de Biblioteconomia) e Centro Acadêmico (CA) e Diretório Central de Estudantes (DCE) na formação do perfil profissional do bibliotecário. O que se queria verificar era a percepção dos alunos

em relação à influência dessas entidades na própria formação profissional. Os gráficos 9 e 10 mostram os resultados da pesquisa:

Gráfico 9: As associações profissionais contribuem para a formação do perfil profissional do bibliotecário.



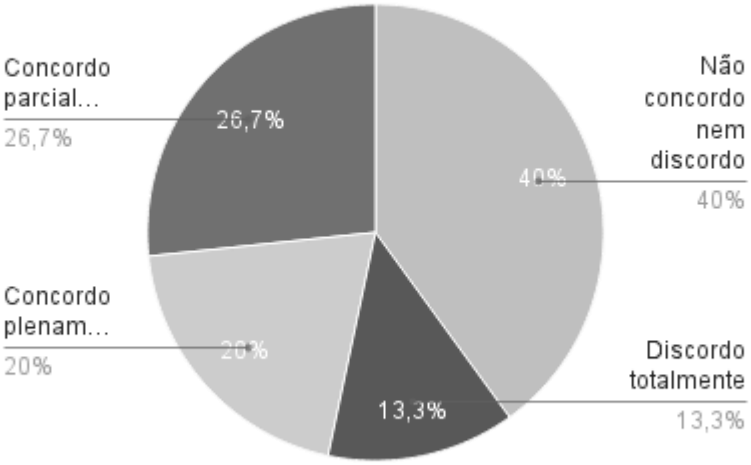
Fonte: O autor

De acordo com 10 (66,7%) dos participantes estas entidades contribuem para a formação do perfil profissional do bibliotecário, contrariando a visão dos bibliotecários no trabalho de Walter (2008), onde 71,4% consideraram que não houve influência na formação nem na visão profissional advinda dessas organizações.

Vale ressaltar o trabalho das entidades profissionais dentro do curso, lembradas pela maioria dos respondentes, quando fazem a promoção de eventos dentro da Faculdade, como por exemplo Encontros Nacionais, Recepção de Calouro, o que deve ter contribuído para a visão dos estudantes acerca dessa influência. Essa mudança de percepção deve ser estudada, pois certamente é importante que as entidades de classe integrem a vida do estudante positivamente, a fim de que, no futuro, ele venha a se interessar em participar e atuar nesses órgãos.

A afirmativa seguinte do item 13 do questionário tinha por objetivo, então, identificar a percepção dos estudantes acerca da influência da participação no CA, DCE ou Conselhos da Faculdade na própria formação e na construção do perfil profissional.

Gráfico 10: A participação do aluno no Centro Acadêmico, DCE ou Conselhos da Faculdade contribui para a formação do perfil profissional do bibliotecário.



Fonte: O autor

De acordo com o ex-integrante do Centro Acadêmico (CA) de Biblioteconomia da UnB, Henrique Sertão[26], a vivência total do aluno dentro de uma Universidade só é feita quando ele passa por todos os campos da Universidade: conhecimento, social e político. O campo do conhecimento, com o ensino e pesquisa; o social, com os projetos de extensão; e o político, com a militância. Somados os que concordam e concordam parcialmente estão 7 (46,7%) dos respondentes. De todo modo, considerando-se o alto número de alunos que assinalaram nem concordar nem discordar, o resultado é inconclusivo.

Fazendo um paralelo com a afirmativa anterior, perguntou-se, no item 19, se a participação em CA tornava um profissional mais atuante na Biblioteconomia futuramente. Seis pessoas (26,7%) discordavam da questão, enquanto outros seis concordavam (26,7%), igualmente tornando inconclusivo para este grupo estudado. A questão da participação política do aluno de Biblioteconomia poderia ser pensada em pesquisas futuras: de como isso pode ter influência na formação do perfil profissional e em sua atuação futura; qual o motivo do CA ser ou não importante para a formação do perfil de um aluno; se existe a visão de que quem se engaja no CA é um desocupado; se aquele que atua se torna um forte militante na área, entre outros pontos.

Prosseguindo, foram feitas perguntas em relação à participação em classe. A Tabela 5 mostra abaixo os resultados:

[26] Palestra proferida na plenária final do XXXVII Encontro Nacional de Estudantes de Biblioteconomia e Documentação – ENEBD 2014, ocorrido na Faculdade de Ciência da Informação – UnB.

Tabela 5: Postura dos alunos em sala de aula

Afirmações do questionário	**Concordo plenamente**	**Concordo parcialmente**	**Não concordo nem discordo**	**Discordo parcialmente**	**Discordo totalmente**	**TOTAL**
Os alunos não são interessados em participar das dinâmicas promovidas pelo professor.	3 (20%)	10 (66,7%)	1 (6,7%)	1 (6,7%)	0 (0%)	15 (100%)
Os alunos são desmotivados para assistir às aulas.	4 (26,7%)	9 (60%)	1 (6,7%)	1 (6,7%)	0 (0%)	15 (100%)
Eu sou desmotivado.	3 (20%)	3 (20%)	0 (0%)	6 (40%)	3 (20%)	15 (100%)
Pela minha percepção, os alunos estão interessados apenas em passar em algum concurso público para bibliotecário.	11 (73,3%)	2 (13,3%)	1 (6,7%)	1 (6,7%)	0 (0%)	15 (100%)
Estou apenas interessado em passar em algum concurso público para bibliotecário.	3 (20%)	3 (20%)	1 (6,7%)	3 (20%)	5 (33,3%)	15 (100%)

Fonte: O autor.

Do quadro acima, pode-se analisar que:

- De acordo com os respondentes, há uma clara evidência que os alunos não são interessados em participar das dinâmicas promovidas pelo professor. Mas a pergunta que paira é: será que essa não participação tem relação com as práticas pedagógicas dos professores, ou mesmo o professor mudando o estilo de aula, eles não participariam nas dinâmicas? Talvez isso tenha sido constatado pelo fato dos respondentes 13 (86,7%) julgarem que os colegas são desmotivados e também tenham se autoanalisado como desmotivados 6 (40%). Então, o retrato, para esse grupo de pesquisa é de que a maioria não participa das propostas dos professores de dinâmicas em sala de aula e que são desmotivados para o curso;
- É interessante notar que o mesmo fato ocorre nas duas afirmativas seguintes, onde eles percebem que os alunos somente fazem o curso para passar em concurso público, mas a maioria, discorda quando afirma que o próprio interesse no curso é passar em concurso público para bibliotecário. Considerando que uma grande parte da administração pública federal está situada em Brasília, como por exemplo os tribunais superiores e os órgãos do

> Poder Legislativo federal, e que o ingresso nessas carreiras, por determinação da Constituição Federal de 1988 (Art. 37), se faz por aprovação em concursos públicos, essa é uma questão sensível para os profissionais da região. Aliado a isso, por pesquisas anteriores (BAPTISTA, 1998; FARIA, 2015; WALTER, 2008) os bibliotecários majoritariamente estão empregados no serviço público, o que torna esse ponto relevante para a formação dos bibliotecários.

Ao fim deste tópico, houve a questão aberta para os estudantes: “De que forma considera que perfil do bibliotecário o distingue de outros profissionais, facilitando, ou não, o ingresso no mercado de trabalho?”.

Houve quatro respondentes que não souberam informar ou não tinham ideia formada a respeito do assunto. Mas também tiveram respostas nas quais o diferencial era o bibliotecário saber tratar a informação de uma maneira distinta de outros; pelas técnicas aprendidas; que pode atuar em vários campos de trabalho, fato que comprova o que Castro (2000b) e Valentim (2002) explicaram acerca das várias áreas de atuação do bibliotecário e do moderno profissional da informação; que é um organizador da informação.

Dois pontos devem ser destacados: um é que dois respondentes perceberam a importância do bibliotecário dentro da instituição, conforme respondente 5:

> Acredito que o bibliotecário bem preparado possui competências que nenhum outro profissional tem, pois disponibiliza a informação ao usuário, fator crucial para o desenvolvimento de qualquer outra profissão. É como se fosse o "ponto de partida".

Outro identificou um dos papeis sociais do bibliotecário, que em sentido amplo, é traduzir uma necessidade de informação e passar a seus usuários, seja em qual ambiente for:

> Por meio das competências de compreender as necessidades informacionais de indivíduos, o que serve o cunho social da área, e traduzir estas necessidades em produtos e serviços de informação úteis e acessíveis para desenvolvimento pessoal do indivíduo, seja cultural ou cientificamente, o que resulta num impacto em toda a sociedade (RESPONDENTE 15).

Mas para isso, o bibliotecário deve ser “[...] proativo e cooperativo, além de estar buscando sempre os meios de inovar no mercado de trabalho” (Respondente 14). E para o respondente 8 ele pode “[...] atuar em diversos espaços/campos o que pode contribuir [...] para inserção no mercado de trabalho”.

Os respondentes indicaram que somente a graduação não prepara totalmente para o mercado de trabalho, o que foi explicitado pelo respondente 5: “É preciso educar continuamente, fazer uma pós-graduação, dentre outras opções”.

No grupo de afirmativas 19, em que foi solicitada a opinião dos respondentes sobre diversos itens, um deles tratava da indicação do curso para outras pessoas, de pensarem sobre a possibilidade de cursarem mestrado/doutorado e de questões relacionadas com estágios, incluindo a opinião sobre os exemplos dos bibliotecários com os quais tiveram contato.

Sobre a continuidade da educação, que Valentim (2002) fala para a adequação às novas realidades da sociedade, foram, então, colocadas duas afirmativas acerca de fazer um mestrado/doutorado futuramente. Apenas um (6,7%) participante não se imagina fazendo pós-graduação no futuro e três (20%) não sabem se farão. Para estes, a fase de final de curso, onde existe aquele sentimento de apreensão de um trabalho de conclusão de curso chegando, junto com a ansiedade de se formar e sair da Universidade onde estudou por quatro anos pode ter influenciado na resposta quanto a este questionamento[27].

Dos 11 respondentes (73,4%) que pensam fazer mestrado e doutorado, este dado é compatível com o resultado encontrado por Faria (2015), onde os bibliotecários com a graduação esperam cursar logo uma pós-graduação, pela gratificação incorporada no salário e também para se aperfeiçoarem na profissão e estarem atualizados com as mudanças.

Cinco respondentes (33,3%) discordaram da afirmativa onde apenas fariam pós-graduação se estivessem com estabilidade financeira, talvez por perceberem a importância da educação continuada, mas não sentirem que o mestrado ou doutorado poderiam ser uma ponte para essa almejada estabilidade financeira. Para sete estudantes (46,7%), apenas com estabilidade financeira é que farão suas qualificações.

Mas foi identificada, também, a percepção de que a escola de Biblioteconomia não é suficiente para a preparação profissional: “Nenhum curso de graduação é completo para o mercado de trabalho sendo necessário atuar na prática e uma educação continuada” (Respondente 10).

Em relação ao perfil profissional, eles se percebem como um meio importante para o desenvolvimento de outras profissões, sendo que o bibliotecário, para a maioria dos respondentes, é o único que pode disseminar a informação de uma forma correta ao usuário. Consideraram, também, que a atuação das entidades de classe e a experiência vivida em estágios extracurriculares são fatores de influência para a formação do perfil do bibliotecário.

[27] NA: Conversa informal com três respondentes da pesquisa, acerca da expectativa final de se formar, dentre outros assuntos.

5.4 Competências

Este bloco focalizou as competências dos futuros egressos nas quatro grandes áreas de competências, de acordo com a divisão proposta por Faria (2015), comunicação e expressão; técnico-científico; gerenciais; sociais e políticas do bibliotecário, apresentadas nas tabelas 6 a 9.

Tabela 6: Competências de comunicação e expressão do bibliotecário

Afirmações do questionário	Excelente	Bom	Regular	Péssimo	Não sei	TOTAL
Capacidade de orientar os usuários para um melhor uso dos recursos de informação.	2 (13,3%)	11 (73,3%)	2 (13,3%)	0 (0%)	0 (0%)	15 (100%)
Capacidade de comunicação e interação com os usuários da informação.	4 (26,7%)	9 (60%)	2 (13,3%)	0 (0%)	0 (0%)	15 (100%)
Capacidade de comunicação e interação com os colegas de serviço (estagiários, servidores).	7 (46,7%)	6 (40%)	2 (13,3%)	0 (0%)	0 (0%)	15 (100%)
Capacidade de disseminação da informação independente do suporte.	3 (20%)	9 (60%)	3 (20%)	0 (0%)	0 (0%)	15 (100%)
Capacidade de disseminação de produtos e serviços oferecidos pela biblioteca.	5 (33,3%)	6 (40%)	3 (20%)	1 (6,7%)	0 (0%)	15 (100%)

Fonte: O autor.

Quando questionados sobre suas competências de comunicação e expressão, a maioria respondeu ter:

- ➢ Boa capacidade de orientar os usuários para um melhor uso dos recursos de informação (11 - 73,3%);

- ➢ Boa capacidade de comunicação de comunicação e interação com os usuários da informação (9 - 60%);
- ➢ Excelente capacidade de comunicação e interação com os colegas de serviço (7 - 46,7%);
- ➢ Boa capacidade de disseminação da informação independente do suporte (9 - 60%);
- ➢ Boa capacidade de disseminação de produtos e serviços oferecidos pela biblioteca (6 - 40%).

Percebe-se que os respondentes tendem a confiar nas próprias competências de comunicação adquiridas, já que se consideraram, em média, bons.

Com relação à competência em disseminação da informação, a maioria 10 (66,7%) se considerou bom, diferente do trabalho de Faria (2015), em que houve 21 bibliotecários que responderam “não sei” em relação à disseminação da informação.

Tabela 7: Competências técnico-científicas do bibliotecário

Afirmações do questionário	**Excelente**	**Bom**	**Regular**	**Péssimo**	**Não sei**	**TOTAL**
Capacidade de processar documentos em diversos suportes.	3 (20%)	7 (46,7%)	5 (33,3%)	0 (0%)	0 (0%)	15 (100%)
Capacidade de elaborar produtos de informação.	2 (13,3%)	5 (33,3%)	7 (46,7%)	1 (6,7%)	0 (0%)	15 (100%)
Capacidade de utilizar fontes, produtos e recursos de informação em diferentes suportes.	2 (13,3%)	12 (80%)	1 (6,7%)	0 (0%)	0 (0%)	15 (100%)
Capacidade de administrar as diversas fontes de informação.	2 (13,3%)	9 (60%)	4 (26,7%)	0 (0%)	0 (0%)	15 (100%)
Capacidade de disseminar fontes, produtos e recursos de informação em diferentes suportes.	2 (13,3%)	10 (66,7%)	3 (20%)	0 (0%)	0 (0%)	15 (100%)

Fonte: O autor.

Apesar dos respondentes assinalarem que têm boa capacidade de processar documentos em diversos suportes 7 (46,7%), vale ressaltar um fato: em algumas respostas na questão aberta em relação à formação acadêmica, houve participantes

que disseram que houve uma concentração de disciplinas que tratam do livro em suporte tradicional, mas que a informação está disponível em vários suportes. Considerando-se os estágios feitos e a constatação da defasagem das disciplinas com essa realidade vivenciada nos órgãos, seria interessante pesquisar se essas capacidades foram adquiridas durante o período de estágio e não na faculdade.

Quanto às competências técnico científicas, a maioria dos futuros egressos se autoanalisou como bom. Isso se torna incoerente pelo fato de eles terem marcado que faltam disciplinas técnicas, falta prática e o ensino é defasado. Vem novamente à tona o quesito do ensino x estágio e se mostra uma questão interessante de estudo, pois em teoria é o ensino que deve dar insumos para o aluno aplicá-los no estágio, e o que a pesquisa mostra é que na percepção desses alunos, tem ocorrido o contrário. Isso remete a Milanesi (2002) que disse, que a Biblioteconomia era, ou poderia ser um curso técnico disfarçado de curso de graduação, e que os alunos pouco ligam para as teorias, se não vão ser aplicadas no dia-a-dia de trabalho – no caso, estágio.

A capacidade de elaboração de produtos de informação foi um item que a maioria de respondentes assinalou “regular” (7 - 46,7%). Isso provavelmente se deve ao fato de que este tipo de competência vai evoluindo de acordo com a aquisição de experiência de trabalho. Não obstante, a prática em sala de aula pode fazer com que os futuros egressos desenvolvam melhor essa aptidão.

Tabela 8: Competências gerenciais do bibliotecário

Afirmações do questionário	Excelente	Bom	Regular	Péssimo	Não sei	TOTAL
Capacidade de gerenciar unidades, sistemas e serviços de informação	1 (6,7%)	7 (46,7%)	6 (40%)	1 (6,7%)	0 (0%)	15 (100%)
Capacidade de gerenciar projetos de gestão da informação.	1 (6,7%)	8 (53,3%)	3 (20%)	3 (20%)	0 (0%)	15 (100%)
Capacidade de aplicar técnicas de *marketing*, de liderança e de relações públicas.	2 (13,3%)	2 (13,3%)	8 (53,3%)	1 (6,7%)	2 (13,3%)	15 (100%)
Capacidade de gerenciar recursos econômicos, financeiros e humanos.	0 (0%)	2 (13,3%)	7 (46,7%)	5 (33,3%)	1 (6,7%)	15 (100%)
Capacidade de planejar e/ou coordenar a preservação e conservação documental.	0 (0%)	5 (33,3%)	7 (46,7%)	2 (13,3%)	1 (6,7%)	15 (100%)
Capacidade de desenvolver estudos de usuários da informação.	4 (26,7%)	5 (33,3%)	5 (33,3%)	1 (6,7%)	0 (0%)	15 (100%)
Capacidade de gerenciar redes colaborativas de informação.	2 (13,3%)	4 (26,7%)	4 (26,7%)	3 (20%)	2 (13,3%)	15 (100%)

Fonte: O autor.

Quanto às competências gerenciais, a maioria dos futuros egressos acreditam que suas capacidades de gerenciar unidades, sistemas e serviços de informação e projetos de gestão da informação são boas, mas existe uma proximidade com os que se acham com menor capacidade (6 - 40%).

Para as capacidades de aplicar técnicas de *marketing*, de gerenciar recursos econômicos, financeiros e humanos e de coordenar a preservação e conservação documental, a auto avaliação como regular foi predominante. Vale ressaltar que

como os respondentes provavelmente não têm experiência como gerentes de uma unidade de informação, a marcação pode indicar que o aluno sabe das técnicas, mas que não sabe aplicá-las. Futuramente, pode ser perguntado a estes respondentes quando estiverem em um ambiente de trabalho, se esse indicador mudou ou não.

Para a capacidade de aplicação de técnicas de *marketing*, um fator que pode ter influenciado o índice regular ser alto é que o curso não oferece disciplinas envolvendo o *marketing* da informação. Este tema é incluído como tópico na disciplina de Serviços de Informação, como mostra o conteúdo programático:

> Programa:
> [...]
> 5.0 – FILOSOFIA DA PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS
> 5.1 – Avaliação de serviços; 5.2
> – Qualidade e produtividade;
> 5.3 – [*Marketing*][28].

Como o *marketing* é aplicado na disseminação, criação e divulgação de produtos e serviços da biblioteca, não se tem uma atenção necessária, na FCI, para esta área que tem um conteúdo tão amplo – caso também de Bibliometria. Por consequência, novamente a prática vem antes da teoria, como o respondente 8 explica que o estágio "[...] mais apoiou a faculdade do que as disciplinas me ajudaram no campo profissional".

Para a capacidade de gerenciamento de recursos humanos e materiais e de planejamento, parece coerente que os respondentes tenham colocado como regular, pois provavelmente eles não têm a experiência real de gerenciar uma biblioteca. Do mesmo modo, o planejamento ou coordenação da preservação e conservação documental, onde a maioria dos respondentes (7 - 46,7%) indicou o grau regular para essa capacidade, como ninguém indicou atuar nesse segmento nos estágios, esse resultado é compatível com o pouco contato com essas questões.

Por fim, os respondentes indicaram serem bons ou medianos no que tange à preparação de um estudo de seus usuários e para gerenciar redes colaborativas de bibliotecas.

Na tabela 9, perguntou-se aos futuros egressos da possibilidade de ao ser contratado para atuar como gestor de uma biblioteca ou unidade de informação, ao se formar, como seriam as suas competências sociais e políticas.

---

[28] Conteúdo programático da disciplina 182583 - Serviços de Informação, retirado do site do Matrícula Web da UnB. Disponível em: <https://condoc.unb.br/matriculaweb/graduacao/disciplina.aspx?cod=182583>. Acesso em: 8 nov. 2015.

Tabela 9: Competências sociais e políticas do bibliotecário

Afirmações do questionário	Excelente	Bom	Regular	Péssimo	Não sei	TOTAL
Capacidade de formular políticas de informação.	1 (6,7%)	7 (46,7%)	6 (40%)	1 (6,7%)	0 (0%)	15 (100%)
Capacidade de fomentar a interação entre a biblioteca e os diversos tipos de usuários.	3 (20%)	9 (60%)	2 (13,3%)	0 (0%)	1 (6,7%)	15 (100%)
Capacidade de identificar demandas sociais de informação.	1 (6,7%)	9 (60%)	5 (33,3%)	0 (0%)	0 (0%)	15 (100%)
Capacidade de atuar para promover a profissão.	1 (6,7%)	9 (60%)	3 (20%)	1 (6,7%)	1 (6,7%)	15 (100%)
Capacidade de promover ações de incentivo à leitura.	4 (26,7%)	10 (66,7%)	1 (6,7%)	0 (0%)	0 (0%)	15 (100%)
Capacidade de desenvolver ações de incentivo à pesquisa científica.	2 (13,3%)	7 (46,7%)	6 (40%)	0 (0%)	0 (0%)	15 (100%)

Fonte: O autor.

Quanto às competências sociais e políticas, a maioria dos futuros egressos acreditam que suas competências são boas em todas as capacidades citadas na Tabela 9. Não houve respostas com maiores divergências na escala, apesar de que vale a ressalva de um respondente que assinalou que seria péssimo com relação à capacidade de formular políticas de informação e atuar para promoção da profissão. Como não foi pedida explicação sobre a resposta, não é possível identificar a causa desse julgamento de incapacidade assinalado pelo estudante.

A partir das respostas dos alunos acerca das próprias competências, pode-se resumir que:

- No grupo de competências de comunicação e expressão, o destaque positivo foi a capacidade de orientar os usuários para um melhor uso dos recursos de informação (11 - 73,3%). No geral, não houve ponto negativo neste grupo, o que mostra que os respondentes se sentem confiantes nestes quesitos;

- No grupo técnico-científico, o destaque positivo foi para a capacidade de utilizar fontes, produtos e recursos de informação em diferentes suportes (12 - 80%). O destaque negativo é para a capacidade de elaborar produtos de informação (7 - 46,7%);
- No grupo gerencial, o destaque positivo foi a capacidade de gerenciar projetos de gestão da informação (8 - 53,3%). O destaque negativo, porém, foi a capacidade de aplicar técnicas de *marketing*, de liderança e de relações públicas (8 - 53,3%).
- No grupo social e político, o ponto positivo foi para a capacidade de promover ações de leitura (10 - 66,7%). O ponto negativo, foi a capacidade de formular políticas de informação (6 - 40%).

6 Considerações finais

Os resultados do questionário e das perguntas abertas foram satisfatórios para responder ao problema e aos objetivos propostos para esta pesquisa.

O problema que motivou esta pesquisa consistia em responder à pergunta: Qual é a percepção dos potenciais egressos do curso de Biblioteconomia da Universidade de Brasília, no período compreendido entre o segundo semestre de 2015 e o primeiro semestre de 2016, em relação à própria competência para ingresso no mercado de trabalho?

Tendo em vista as respostas dadas, em relação à formação acadêmica, eles não se sentem preparados para enfrentar o mercado de trabalho, como mostrou a pergunta aberta na seção de grade curricular. Porém, no que concerne aos estágios, verificou-se que a experiência adquirida os ajuda a se prepararem para o mercado de trabalho.

Entretanto, pelos dados obtidos na parte relacionada com a avaliação das próprias competências de acordo com a subdivisão proposta por Faria (2015) e adotada nesta pesquisa: competências em comunicação e expressão, técnico científicas, gerencial e social e política, os alunos, em média, para as afirmativas propostas enquadraram-se na opção bom na maioria dos casos, com exceção de: capacidade de formular políticas de informação; capacidade de gerenciar recursos econômicos, financeiros e humanos; capacidade de elaborar produtos de informação.

O objetivo geral proposto foi verificar a percepção dos potenciais egressos do curso de Biblioteconomia da UnB, no período compreendido entre o segundo semestre de 2015 e o primeiro semestre de 2016, em relação à própria competência para ingresso no mercado de trabalho.

Com relação aos objetivos específicos observou-se que:

a) identificar o perfil dos estudantes em fase de conclusão do curso no período compreendido entre o segundo semestre de 2015 e primeiro semestre de 2016:

- O perfil do grupo pesquisado é formado por uma maioria de mulheres jovens, com faixa etária entre 21 e 25 anos, com o ano de ingresso em 2012, o que indica que seguiram corretamente o fluxo do curso, que recomenda a conclusão em quatro anos; se entusiasmaram com o curso, já que a maioria deles o indicaria a jovens em fase de seleção de carreira; e quase todos fizeram estágios extracurriculares;

b) identificar os fatores de influência, de acordo com os estudantes, acerca de sua formação profissional: universidade, estágios extracurriculares, professores, profissionais do mercado:

- Os fatores de influência acerca da formação profissional são a universidade, os estágios extracurriculares, as entidades de classe bibliotecária, e os profissionais da área foram exemplos positivos de profissionais, para os respondentes.

c) levantar as opiniões dos estudantes sobre a grade curricular do curso de Biblioteconomia da UnB:

- Para o grupo pesquisado a grade do curso não os preparou para o ingresso no mercado de trabalho e está defasada em relação ao que aprenderam nos estágios. Consideram que a sua formação se deu muito pelo aprendizado nos estágios, que os fizeram compreender mais como funciona uma biblioteca, e que proporcionou uma visão ampla de como é a realidade da Biblioteconomia e a postura profissional que se deve adotar. Reconhecem que os professores trazem as novidades da área para a sala de aula, mas isso não parece motivá-los já que avaliaram tanto os colegas quanto eles próprios como desmotivados. Avaliaram que seus colegas de curso estão mais interessados em prestar algum concurso público e que faltam disciplinas de todas áreas relacionadas à Biblioteconomia, com ênfase nas áreas social, aplicadas e tecnológicas;

d) levantar as opiniões dos estudantes sobre as próprias competências de comunicação e expressão, técnico-científicas, gerenciais, social e política:

- No que tange às competências profissionais que serviram de base para a pesquisa, além das propostas por Valentim (2002), eles se avaliaram como bons nas competências de comunicação e expressão, técnico-científicas, social e políticas e gerenciais. Mas se assinalaram como regulares na elaboração de produtos de informação e nas competências gerenciais em geral, além do planejamento de políticas de conservação e preservação documental. O grupo pesquisado acrescentou, ainda, que o bibliotecário tem que ser proativo e cooperativo, lidar com a informação em diversos meios, fazendo o tratamento e a organização desta informação.

Com relação aos motivos para o ingresso destes estudantes no curso de Biblioteconomia e dos motivos que os fizeram permanecer, passam por interesse no mercado de trabalho por gostar da área.

Em resumo, os respondentes indicaram que a grade curricular é um ponto a ser refletido e está generalista e superficial, além de defasada em relação ao que aprendem nos estágios, apesar de segundo eles, os professores levarem novidades da área às aulas. Além disso, disseram que o curso é teórico demais, que somente farão pós-graduação após adquirirem estabilidade financeira, mas que a graduação, por mais completa que seja, nunca oferecerá uma preparação completa para o aluno ingressar no mercado de trabalho e que é a soma das experiências nos estágios que os tornam mais completos.

Outro ponto a ser discutido é a necessidade de verificação se realmente as práticas pedagógicas dos professores são defasadas, antiquadas, uma vez que os

respondentes indicaram que os colegas são desmotivados e 6 (40%) se autoanalisaram como desmotivados, ainda que a maioria 9 (60%) tenha discordado quando da afirmativa “sou desmotivado”. Isso remete à pesquisa de Walter (2008) sobre a auto avaliação dos bibliotecários, no qual o outro está desmotivado, mas ele próprio não se percebe assim. Assim, a pergunta que fica é: se ocorre essa desmotivação, quais seriam os fatores?

Percebe-se, ao final desta pesquisa, que na visão destes estudantes são vários os fatores influenciadores na sua formação como bibliotecários: o ensino, a vivência em estágios e órgãos representativos da categoria.

O problema de pesquisa que era a percepção dos alunos em relação ao ingresso no mercado segundo suas próprias competências, aponta que eles não se sentem preparados para encarar o mercado de trabalho, se considerada apenas a grade curricular, mas que avaliam positivamente suas competências assim como os conhecimentos adquiridos devido aos estágios realizados.

Um ponto a ser estudado é a questão da participação política do aluno de Biblioteconomia no CA, no DCE e nos Conselhos da Faculdade, que poderia ser pensada em pesquisas futuras e de como isso pode ter influência na formação do perfil profissional e em sua atuação futura.

Finalizando, sugere-se uma discussão mais profunda sobre o aprendizado no curso, dialogando com professores, entidades de classe e alunos, a fim de construir uma grade mais completa e de acordo com as necessidades de mercado, mas não se prendendo totalmente a ele, pensar além, delineando-se o perfil do bibliotecário dos próximos 20 anos.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (Org.). **Gerais** – Relação Escolas Brasil. 2015. Disponível em: < http://www.abecin.org.br/abecin_conteudo.php?id=20>. Acesso em 4 ago. 2015.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROFISSIONAIS DA INFORMAÇÃO (São Paulo) (Org.). **Carta Aberta:** Fórum Formação do Profissional da Informação. 2014. Disponível em: <http://www.abrainfo.org.br/noticia/carta-aberta-forumformacao-do-profissional-da-informacao>. Acesso em: 14 nov. 2015.

ALMEIDA, Alex Serrano de. A epistemologia da prática docente: uma análise sobre os professores do curso de biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). **REBECIN**, v. 1, n. 2, p. 37-56, jul. /dez. 2014. Disponível em: < http://www.abecin.org.br/revista/index.php/rebecin/article/view/12/pdf_11>. Acesso em: 14 nov. 2015.

ALMEIDA, Neilia Barros Ferreira de. **Biblioteconomia no Brasil**: análise dos fatos históricos da criação e desenvolvimento do ensino. 2012. 160 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

ALMEIDA, Neilia Barros Ferreira de; BAPTISTA, Sofia Galvão. Breve histórico da Biblioteconomia brasileira: formação do profissional. In: CBBD. Bibliotecas, informação, usuários: abordagens de transformação para a biblioteconomia e ciência da informação, 25., 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: FEBAB, 2013. p. 3450-3462. Disponível em:<http://portal.febab.org.br/anais/article/view/1508>. Acesso em: 22 set. 2015.

ARAÚJO, Ronaldo Ferreira. A prática pedagógica no ensino de biblioteconomia: interação e colaboração no contexto da web 2.0. **Encontros Bibli:** revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v. 18, n. 36, p. 129-156, abr. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/15182924.2013v18n36p129>. Acesso em: 19 nov. 2015.

BAPTISTA, Sofia Galvão. **Bibliotecário autônomo *versus* institucionalizado**: carreira, mercado de trabalho e comprometimento organizacional. 1998. 234 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 1998.

BAPTISTA, Sofia Galvão. Profissional da informação, autônomo ou empresário, novas perspectivas de mercado de trabalho. **Perspectivas em ciência da informação**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 91 - 98, jan./jun. 2000. Disponível em: <portaldeperiodicos.eci.ufmg.br>. Acesso em: 22 set. 2015.

BAPTISTA, Sofia Galvão. PEON ESPANTOSO, Jose Juan. O trabalho do bibliotecário e outros profissionais da informação na organização e projeto de espaços de informação digitais. **DataGramaZero** - Revista de Ciência da Informação, v. 9, n. 2, abr. 2008. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/abr08/Art_05.htm>. Acesso em: 14 nov. 2015.

BAPTISTA, Sofia Galvão; BRANDT, Mariana Baptista. Do manuscrito ao digital: a longa sobrevivência das bibliotecas e dos profissionais envolvidos. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n. esp., p. 21-40, 2006.

BARBOSA, Ricardo Rodrigues. Perspectivas profissionais e educacionais em biblioteconomia e ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 1, p. 53-60, jan./abr. 1998. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ci/v27n1/07.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2015.

BARDIN, Laurence. **Analise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BARBETTA, Pedro Alberto. **Estatística aplicada às ciências sociais.** 7. ed. rev. Florianópolis, SC: Ed. da UFSC, 2010. 315p.

BARRIENTOS-PARRA, Jorge. **O estatuto da juventude**: instrumento para o desenvolvimento integral do jovem. Disponível em: <http://www.uje.com.br/estatutodajuventude/arquivos/EstatutodaJuventudecomentado.pdf>. Acesso em: 8 dez. 2015.

BITENCOURT, Cláudia. **A gestão de competências gerenciais**: a contribuição da aprendizagem organizacional. 2001. 319 f. Tese (Doutorado em Administração) - Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/1793/000308546.pdf?sequence=1>. Acesso em: 22 set. 2015.

BITENCOURT, Cláudia. **Gestão contemporânea de pessoas***:* novas práticas, conceitos tradicionais. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

BORGES, Maria Alice Guimarães. O profissional da informação: somatório de formações, competências e habilidades. In: BAPTISTA, Sofia Galvão; MUELLER, Suzana Pinheiro Machado (Org.). **Profissional da informação**: o espaço de trabalho. Brasília: Thesaurus, 2004. (Estudos avançados em Ciência da Informação, v.3) p. 55 - 69.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/atividade/const/con1988/CON1988_15.09.2015/ind.asp>. Acesso em: 22 set. 2015.

BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as ementas e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] União**. Brasília, 27 dez. 1961, seção 1. p. 11429. Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=75529&norma=102346>. Acesso em: 4 set. 2015.

BRASIL. Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962. Dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício. **Diário Oficial [da] União**. Brasília, 2 jul. 1962. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L4084.htm>. Acesso em: 4 set. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Decreto nº 20.673, de 17 de novembro de 1931. Restabelece, na Biblioteca Nacional, o curso de Biblioteconomia e dá outras providências. **Diário Oficial [da] União**. Brasília, 20 nov. 1931, seção 1, p. 18475. Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=27921&norma=43432>. Acesso em: 4 set. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Parecer da Câmara de Educação Superior nº 492, de 9 de julho de 2001. Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. **Diário Oficial [da] União.** Brasília, 9 jul. 2001a, Seção 1e, p. 50. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>. Acesso em: 4 set. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Proposta de diretrizes curriculares**: área: ciência da informação. Brasília: MEC, 2001b. Disponível em: < http://www.abecin.org.br/documentos/documentos_governamentais/DiretrizesCIMec Versao1.pdf >. Acesso em 19 set. 2015.

BURIN, Camila Koerich. **O ensino de biblioteconomia na região sul**: análise dos projetos pedagógicos dos cursos à luz das diretrizes curriculares nacionais. 2009. 121 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

CALDIN, Clarice Fortkamp. Atuação bibliotecária diante da globalização da informação. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v.16, n.1, p. 381-390, jan./jun., 2011. Disponível em: <http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/785/pdf_56>. Acesso em: 22 set. 2015.

CASTRO, César Augusto. **História da Biblioteconomia Brasileira**: perspectiva histórica. Brasília, DF: Thesaurus, 2000a. 287 p.

CASTRO, César Augusto. Profissional da informação: perfis e atitudes desejadas. **Informação e Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v. 10, n. 1, 2000b. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/346/268>. Acesso em 19 set. 2015.

CASTRO, César Augusto. História e evolução curricular na área de Biblioteconomia no Brasil. In: VALENTIM, M. L. (Org.). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002. p. 25-48.

CASTRO FILHO, C. M. de et al. Os campos de atuação dos profissionais bibliotecários no município de Ribeirão Preto. In: ENANCIB. Políticas de informação para a sociedade, 12., 2011, Brasília. **Anais...** Brasília: UnB, 2011.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gerenciando Pessoas**. 4. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2003.

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à teoria geral da administração**. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. Resolução nº 08/82, de 29 de outubro de 1982. Fixa os Mínimos de Conteúdo e Duração do Curso de Biblioteconomia. **Documenta**, Brasília, n. 265, p. 246, dez. 1982.

CONSELHO REGIONAL DE BIBLIOTECONOMIA (São Paulo) (Org.). **Fiscalização CRB-8**. [201?]. Disponível em: <http://www.crb8.org.br/fiscalizacao.php>. Acesso em 19 set. 2015.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. 296 p.

CUNHA, Miriam Vieira da. O papel social do bibliotecário. **Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 15, p. 41-46, 1. sem. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/1518-2924.2003v8n15p41/5234>. Acesso em: 03 out. 2015.

CUNHA, Miriam Vieira da. O profissional da informação e o mercado de trabalho. **Informação e Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v. 10, n. 1, 1999. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/347/269>. Acesso em: 19 set. 2015.

CUNHA, Miriam Vieira da. O profissional da informação e o sistema das profissões: um olhar sobre competências. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 3. n. 2, p. 94-108, ago. 2009. Disponível em: < www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/viewFile/3263/2612>. Acesso em: 19 set. 2015.

CUNHA, Miriam Vieira da; CRIVELLARI, Helena Maria Tarchi. O mundo do trabalho na sociedade do conhecimento e os paradoxos das profissões da informação. In: VALENTIM, Maria Lígia Pomin (org.). **Atuação profissional na área de informação**. São Paulo: Polis, 2004. p. 39-54.

DURAND, Thomas. Forms of incompetence. In: FOURTH INTERNATIONAL CONFERENCE ON COMPETENCE-BASED MANAGEMENT, 1998, Oslo. **Proceedings...** Oslo: Norwegian School of Management, 1998. Disponível em:

<http://www.cmi-strategies.com/wp-content/uploads/2012/05/Thomas-Durand-2000-Forms-of-Incompetence.pdf>. Acesso em: 22 set. 2015

DUTRA, José Souza. **Competências**: conceitos e instrumentos para a gestão de pessoas na empresa moderna. São Paulo: Atlas, 2004. 208 p.

FARIA, Ana Carolina. **A inserção do bibliotecário no mercado de trabalho**: fatores de influência e competências. 2015. 133 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

FERREIRA, Danielle Thiago. Profissional da informação: perfil de habilidades demandadas pelo mercado de trabalho. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 42-49, jan./abr. 2003. Disponível em: <revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/125>. Acesso em: 14 nov. 2015.

FERREIRA, Maria Mary. Profissões femininas e Profissões masculinas: o que é ser bibliotecário no universo de uma profissão feminina. In: Encuentro LatinoAmericano de Bibliotecários, Archivistas y Museólogos – EBAM 2, Perú, 2010. **Anais eletrônicos....** Perú: EBAM, 2010. Disponível em: <http://ebam.gesbi.com.ar/reservorio10/ponencias2EBAM/2EBAM-E4-P2a.pdf>. Acesso em: 22 set. 2015.

FIALHO, F. et al. **Gestão do conhecimento organizacional**. Florianópolis: UFSC, 2010.

FLEURY, Maria Tereza Leme; FLEURY, Afonso. Construindo o conceito de competência. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 5, p. 183-196, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-65552001000500010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 set. 2015.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. 127 p. Apostila. Disponível em: <http://www.ia.ufrrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2012-1/1SF/Sandra/apostilaMetodologia.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2015

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. Perfil profissional e mercado de trabalho: relação com a formação acadêmica pela perspectiva de estudantes universitários. **Estudos de Psicologia (Natal)**, Natal v. 7, n. 4, p. 299-309, jul. /dez. 2002. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n2/a11v07n2.pdf>. Acesso em 04 set. 2015.

GUEDES, Marina Zeni. A formação profissional do bibliotecário no curso de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal do Paraná. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 4, p. 159-183, dez. 1985. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40601985000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 nov. 2015.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Estudos Curriculares em Biblioteconomia no MERCOSUL: reflexões sobre uma trajetória. In: VALENTIM, M. L. (Org.). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Moderno profissional da informação: elementos para sua formação no Brasil. **Transinformação**, Campinas, SP, v. 9, n. 1, p. 124-137, jan. /abr. 1997.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Profissional da Informação: desafios e perspectivas para sua formação. In: BAPTISTA, Sofia Galvão; MUELLER, Suzana Pinheiro. **Profissionais da Informação**: o espaço de trabalho. Brasilia: Thesaurus, 2004.

JAMBEIRO, Othon; SILVA, Helena Pereira da. A informação e suas profissões: a sobrevivência ao alcance de todos. **DataGramaZero** – Revista de Ciência da Informação, v. 5, n. 4, ago. 2004. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/ago04/Art_03.htm>. Acesso em: 04 set. 2015.

LE BOTERF, Guy. **Desenvolvendo a competência dos profissionais**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003. 278p.

LE COADIC, Yves-François. As profissões da informação. In: _____. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 1996. p. 106-108.

LEME, Rogério. **Aplicação prática de gestão de pessoas por competências**: mapeamento, treinamento, seleção, avaliação e mensuração de resultados de treinamento. Qualitymark: Rio de Janeiro, 2005. 204 p.

LEMOS, Antônio Agenor Briquet de. Estado atual do ensino da Biblioteconomia no Brasil e a questão da Ciência da Informação. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 1, n. 1, jan./jun. 1973. Disponível em: <http://164.41.105.3/portalnesp/ojs-2.1.1/index.php/RBB/article/view/14/7>. Acesso em: 04 set. 2015

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 320 p.

MILANESI, Luís. A formação do informador. **Inf.&Inf**. , Londrina, v. 7, n. 1, p. 07-40, jan. /jun. 2002. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1694>. Acesso em: 03 set. 2015.

MINAYO, M. C. de S. (org). **Pesquisa social***:* teoria, metodo e criatividade. Rio de janeiro: Vozes, 1996.

MIRANDA, Marcos. **100 anos de biblioteconomia no Brasil.** Entrevistador: Emília Sandrinelli. Rio de Janeiro, 02 ago. 2011. Disponível em: <http://biblioo.info/100-anosde-biblioteconomia-no-brasil/>. Acesso em: 04 set. 2015.

MIRANDA, Silvânia Vieira. **Identificação de necessidades de informação e sua relação com competências informacionais**: o caso da supervisão indireta de

instituições financeiras no Brasil. 2007. 292 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

MUELLER, Mary Stela. Mudar é preciso... **Informação & Informação,** Londrina, v.0, n.0, p.42-46, jul./dez. 1995.

MUELLER, Suzana. Perfil do bibliotecário, serviços e reponsabilidades na área de informação e formação profissional. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 17, n. 1, p. 63-70, jan./ jun. 1989.

OLIVEIRA, Marlene; CARVALHO, Gabrielle Francinne; SOUZA, Gustavo Tanus. Trajetória histórica do ensino da Biblioteconomia no Brasil. **Informação &Soc**iedade: Estudos, João Pessoa, v.19, n.3, p. 13-24, set./dez. 2009. Disponível em: < www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/download/3754/3167>. Acesso em 04 set. 2009.

OLIVEIRA, Zita Catarina Prates de. **Um estudo da auto-imagem profissional do bibliotecário**. 1980. 109 f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia e Documentação) - Departamento de Biblioteconomia e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 1980.

PIRES, Alexandre Kalil et al. **Gestão por competências em organizações de governo**. Brasília: ENAP, 2005. 100 p.

RUBI, Milena Polsinelli; EUCLIDES, Maria Luzinete; SANTOS, Juliana Cardoso dos. Profissional da informação: aspectos de formação, atuação profissional e marketing para o mercado de trabalho. **Informação & Sociedade**: Estudos., João Pessoa, v.16, n.1, p.79-89, jan./jun. 2006. Disponível em: <www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=12845>. Acesso em: 05 nov. 2015.

RUSSO, Mariza. **Fundamentos em biblioteconomia e ciência da informação**. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

SAMPAIO, Larissa Amorim Catunda. **Mapeamento das competências gerenciais necessárias aos gerentes das unidades de informação dos Tribunais Superiores do Poder Judiciário Brasileiro**. 2010. 224 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

SANTOS, Jussara Pereira. Reflexões sobre currículo e legislação na área da Biblioteconomia. **Encontros Bibli:** revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v. 3, n. 6, p. 35-47, jan. 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/17/62>. Acesso em: 05 set. 2015.

SANTOS, Jussara Pereira. O moderno profissional da informação: o bibliotecário e seu perfil face aos novos tempos. **Informação & Informação**, Londrina, v. 1, n. 1, p. 5-13, jan./jun. 1996. Disponível em:

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/download/1613/1367>. Acesso em: 05 nov. 2015.

SERTÃO, Henrique Mascarenhas. **Plenária final**. Palestra proferida no XXXVII Encontro Nacional de Estudantes de Biblioteconomia e Documentação (ENEBD), Brasília, Universidade de Brasília, 2014.

SILVA, Cecília Morena Maria da. **Perfil e competências dos bibliotecários que atuam na Rede Federal de Ensino Profissional e Tecnológico do Distrito Federal**. 2015. 124 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

SILVA, Edna Lúcia da; CUNHA, Miriam Vieira da. A formação profissional no século XXI: desafios e dilemas. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 3, p. 77-82, set./dez. 2002. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ci/v31n3/a08v31n3.pdf>. Acesso em: 4 set. 2015.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDONA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 120 p. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 4 set. 2015.

SMIT, Johanna W.; BARRETO, Aldo de Albuquerque. Ciência da Informação: base conceitual para a formação do profissional. In: VALENTIM, Maria Lígia Pomím (org.). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002.

SOUZA, Francisco das Chagas de. **A construção do bibliotecário brasileiro formado em nível superior**: projeto do ano 2022. Palestra proferida no XXXVII Encontro Nacional de Estudantes de Biblioteconomia e Documentação (ENEBD), Brasília, Universidade de Brasília, 2014. Disponível em: <http://bibli-etica.blogspot.com.br/2014/07/aconstrucao-do-bibliotecario.html>. Acesso em 14 nov. 2015.

SOUZA, Francisco das Chagas de. A escola de Biblioteconomia e a ancoragem da profissão de bibliotecário. **Revista Informação & Sociedade**: Estudos, v. 11, n. 2, 2001. Disponível em: <http://www.informacaoesociedade.ufpb.br/issuev.11n.201.html>. Acesso em: 4 set. 2015.

SOUZA, Francisco das Chagas de. A formação acadêmica de bibliotecários e cientistas da informação e sua visibilidade, identidade e reconhecimento social no Brasil. **Informação & Sociedade:** Estudos, João Pessoa, v. 16, n. 1, p. 23-34, jan./jun. 2006. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/439>. Acesso em: 4 set. 2015.

SPECIAL LIBRARIES ASSOCIATION (SLA). **Competencies**: competencies for information professionals of the 21st Century. Disponível em: <https://www.sla.org/about-sla/competencies/>. Acesso em: 3 out. 2015.

TARAPANOFF, Kira. **Perfil do Profissional da Informação no Brasil**: diagnóstico de necessidades de treinamento e educação continuada. Brasilia: IEL/DF, 1997.

TOMAÉL, Maria Inês; ALVARENGA, Georfravia Montoza. Profissional da informação: seu espaço e atuação em empresas industriais. **Perspect. cienc. inf**., Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 81 - 90, jan./jun. 2000. Disponível em: < http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/549>. Acesso em: 3 out. 2015.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. (Org.). Currículo de Habilitação – Graduação: Biblioteconomia. In: **Matrícula Web | UnB | Graduação**. [201?]. Disponível em: <https://condoc.unb.br/matriculaweb/graduacao/curriculo.aspx?cod=8222>. Acesso em 5 set. 2015.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. (Org.). Index. In: **Biblioteconomia.** [201?]. Disponível em: <http://www.unb.br/aluno_de_graduacao/cursos/biblioteconomia>. Acesso em: 5 set. 2015.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. (Org.). O curso de Biblioteconomia. In: **Biblioteconomia.** [201?]. Disponível em: <http://www.biblioteconomia.fci.unb.br/index.php/curso.html>. Acesso em: 5 set. 2015.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Formação: competências e habilidades do profissional da informação. In: _____. (org.). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002. p. 117-132.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim. O moderno profissional da informação: formação e perspectiva profissional. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, Brasil, n.9, p.16-28, 2000.

VIEIRA, Anna da Soledade. Repensando a biblioteconomia. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 12, n. 2: p. 81-85, jul./dez. 1983. Disponível em: < http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/1500>. Acesso em: 04/09/2015.

VIEIRA, Sonia. **Como elaborar questionários**. São Paulo: Atlas, 2009.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles. **Bibliotecários no Brasil:** representações da profissão. 2008. 344 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: <http://bdtd.bce.unb.br/tedesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4037>. Acesso em: 02 ago. 2015.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles. A formação do profissional da informação relacionada às tecnologias de informação: os bibliotecários na perspectiva da literatura, reflexões. **Ci. Inf.**, Florianópolis, n. 19, 1º sem. 2005. Disponível em: < https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2005v10n19p1>. Acesso em: 04 set. 2015.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles; BAPTISTA, Sofia Galvão. Formação profissional do bibliotecário. **Encontros Bibli:** Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 13, n. 25, p. 84-103, jan. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/15182924.2008v13n25p84/885>. Acesso em: 02 ago. 2015.

WEITZEL, Simone da Rocha. **Relatório final do projeto de pesquisa**: origem e fundamentos do ensino do Desenvolvimento de Coleções no Brasil, a partir da 1ª fase do Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2009. 120 p.

APÊNDICE

Editar este formulário

Percepção de competências dos prováveis egressos de Biblioteconomia da UnB (2015/2016) para ingresso no mercado de trabalho

Prezado (a), Colega.

Meu nome é Lityz Ravel H. B. S. Mendes e estou no 7º semestre de Biblioteconomia, na Universidade de Brasília, realizando pesquisa de TCC, sob orientação da Profª. Dra. Maria Tereza Machado Teles Walter.

O objetivo geral do estudo é verificar a percepção dos prováveis egressos do curso de Biblioteconomia da UnB 2015/2016 em relação às próprias competências para ingresso no mercado de trabalho.

Não existem respostas certas ou erradas, pois o que interessa é a sua opinião acerca das afirmativas propostas. Assim, sua ajuda e participação respondendo este questionário são fundamentais, o que pode ser feito em poucos minutos. A sua opinião será contabilizada apenas para fins estatísticos, não havendo identificação do respondente. Pretende-se, com o conjunto das respostas obtidas, identificar a opinião acerca das próprias competências e mapear o perfil dos futuros egressos do curso de Biblioteconomia da UnB 2015/2016.

Agradeço antecipadamente a colaboração e coloco-me à disposição para quaisquer esclarecimentos adicionais que precisar: lityzhendrix@gmail.com.

*Obrigatório

1) Qual a sua faixa etária? *

- ○ até 20 anos
- ○ 21 a 25 anos
- ○ 26 a 30 anos
- ○ 31 anos ou mais

2) Sexo: *

- ○ Feminino
- ○ Masculino

3) Ano de ingresso no curso: *

- ○ até 2007
- ○ 2008
- ○ 2009
- ○ 2010
- ○ Outro: _____

4) Biblioteconomia foi sua primeira opção para um curso universitário? *

Se responder positivamente à questão 4, passe a questão 7.

- Sim
- Não

5) Qual foi sua primeira opção para um curso universitário? Especifique.

6) Por que decidiu prosseguir no curso de Biblioteconomia?

7) Qual o motivo de ter escolhido Biblioteconomia como profissão? *

- Facilidade de ingresso na universidade
- Conhecimento anterior da profissão
- Indicação de amigos, parentes
- Não tinha outra opção em mente
- Gosto pela leitura e/ou pesquisa
- Outro:

8) Ao longo do curso, fez algum estágio curricular? *

Se estiver fazendo estágio extracurricular no momento de responder o questionário, passe direto à questão 10.

- Sim
- Não

9) Se não fez nenhum estágio extracurricular ao longo do curso, indique a razão:

- Falta de tempo, pois trabalho e estudo
- Não tenho interesse em prosseguir na área
- Só tenho interesse no diploma, mas não na carreira de bibliotecário
- Outro:

10) Se respondeu sim à questão 8, indique o tipo de biblioteca que trabalha:

- Pública
- Escolar pública
- Escolar privada
- Universitária pública
- Universitária privada
- Especializada pública
- Especializada privada
- Outro:

11) Em que setor da biblioteca está estagiando?

- Seção de Referência

- Seção de Circulação
- Seção de Processamento Técnico
- Seção de Biblioteca Digital
- Outro: _____

12) FORMAÇÃO PROFISSIONAL E MERCADO DE TRABALHO *

	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo plenamente
A grade curricular do curso é suficiente para minha preparação e ingresso no mercado de trabalho.					
As disciplinas que estou cursando durante a faculdade são muito aplicadas (teóricas), o que dificultará a minha atuação profissional.					
No meu curso, tive a oportunidade de cursar disciplinas específicas, voltadas para uma determinada área do conhecimento e certamente isso direcionará e favorecerá minha inserção no mercado de trabalho.					
Quando cursei, as disciplinas estavam defasadas se comparadas com a realidade dos estágios extracurriculares.					
Competências distinguem os bibliotecários de outros profissionais da informação (Museólogos, Arquivistas, Analistas de TI)					
Devido ao leque de disciplinas					

optativas ofertadas, pude escolher qual área das ciências que tenho mais afinidade.					
Faltam disciplinas de cunho social (Exemplo: Ações culturais em bibliotecas).					
Faltam disciplinas de cunho técnico (Exemplo: Mais matérias de processamento técnico).					
Faltam disciplinas de cunho tecnológico (Exemplo: Arquitetura da Informação).					
Faltam disciplinas de cunho gerencial (Exemplo: Mais matérias de planejamento e administração em bibliotecas e unidades de informação).					

De acordo com a formação acadêmica adquirida até o momento, explique por que você se sente, ou não, preparado para ingressar no mercado de trabalho? *

13) PERFIL PROFISSIONAL DO BIBLIOTECÁRIO *

	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo plenamente
O perfil profissional é constituído a partir da formação acadêmica recebida na graduação.					
Não há um perfil único para o bibliotecário.					
Certamente o perfil de um bibliotecário deve estar ligado à					

participação nos processos de geração, disseminação, recuperação, gerenciamento, conservação e utilização da informação.	○	○	○	○	○
Os perfis profissionais são compostos por conhecimentos e aptidões relacionadas aos aspectos comportamental e intelectual do profissional.	○	○	○	○	○
Os estágios curriculares e extracurriculares contribuem para a formação do perfil profissional do bibliotecário.	○	○	○	○	○
As associações profissionais contribuem para a formação do perfil profissional do bibliotecário.	○	○	○	○	○
A participação do aluno no Centro Acadêmico, DCE ou Conselhos da Faculdade contribuem para a formação do perfil profissional do bibliotecário.	○	○	○	○	○

De que forma considera que perfil do bibliotecário o distingue de outros profissionais, facilitando, ou não, o ingresso no mercado de trabalho? *

14) COMPETÊNCIAS DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO DO BIBLIOTECÁRIO *

Considere as suas competências de comunicação e expressão.

	Excelente	Bom	Regular	Péssimo	Não sei
Capacidade de orientar os usuários para um melhor uso dos recursos de informação.	○	○	○	○	○
Capacidade de comunicação e interação com os usuários da informação.	○	○	○	○	○

Capacidade de comunicação e interação com os colegas de serviço (estagiários, servidores).	○	○	○	○	○
Capacidade de disseminação da informação independente do suporte.	○	○	○	○	○
Capacidade de disseminação de produtos e serviços oferecidos pela biblioteca.	○	○	○	○	○

15) COMPETÊNCIAS TÉCNICO-CIENTÍFICAS DO BIBLIOTECÁRIO *

Considere as suas competências técnico-científicas.

	Excelente	Bom	Regular	Péssimo	Não sei
Capacidade de processar documentos em diversos suportes.	○	○	○	○	○
Capacidade de elaborar produtos de informação.	○	○	○	○	○
Capacidade de utilizar fontes, produtos e recursos de informação em diferentes suportes.	○	○	○	○	○
Capacidade de administrar as diversas fontes de informação.	○	○	○	○	○
Capacidade de disseminar fontes, produtos e recursos de informação em diferentes suportes.	○	○	○	○	○

16) COMPETÊNCIAS GERENCIAIS DO BIBLIOTECÁRIO *

Considere, para avaliar este conjunto de afirmativas, a possibilidade de ser contratado para atuar como gestor de uma Biblioteca ou Unidade de Informação ao se formar.

	Excelente	Bom	Regular	Péssimo	Não sei
Capacidade de gerenciar unidades, sistemas e serviços de	○	○	○	○	○

informação.					
Capacidade de gerenciar projetos de gestão da informação.	○	○	○	○	○
Capacidade de aplicar técnicas de marketing, de liderança e de relações públicas.	○	○	○	○	○
Capacidade de gerenciar recursos econômicos, financeiros e humanos.	○	○	○	○	○
Capacidade de planejar e/ou coordenar a preservação e conservação documental.	○	○	○	○	○
Capacidade de desenvolver estudos de usuários da informação.	○	○	○	○	○
Capacidade de gerenciar redes colaborativas de informação.	○	○	○	○	○

17) COMPETÊNCIAS SOCIAIS E POLÍTICAS DO BIBLIOTECÁRIO *

Considere, para avaliar este conjunto de afirmativas, a possibilidade de ser contratado para atuar como gestor de uma Biblioteca ou Unidade de Informação ao se formar.

	Excelente	Bom	Regular	Péssimo	Não sei.
Capacidade de formular políticas de informação.	○	○	○	○	○
Capacidade de fomentar a interação entre a biblioteca e os diversos tipos de usuários.	○	○	○	○	○
Capacidade de identificar demandas sociais de informação.	○	○	○	○	○
Capacidade de atuar para promover a profissão.	○	○	○	○	○
Capacidade de promover ações de incentivo à leitura.	○	○	○	○	○
Capacidade de desenvolver ações de	○	○	○	○	○

incentivo à pesquisa científica.					

18) Sobre a metodologia de aulas dos professores, julgue as afirmativas abaixo. *

	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo plenamente
Os professores trazem as principais novidades da área para a discussão em sala.					
As práticas pedagógicas utilizadas pelos professores fazem com que eu não me interesse pelas aulas.					
A metodologia utilizada pelos professores não me torna mais crítico em relação à realidade vivida da área.					
Os conteúdos das disciplinas estão em consonância com o que observo nos estágios curriculares e extracurriculares que faço/fiz.					

19) Sobre você e os alunos em geral, julgue as afirmações abaixo. *

	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
A participação em Centro Acadêmico, me tornará um profissional mais atuante na Biblioteconomia.					
Os alunos não são interessados em participar das dinâmicas promovidas pelo professor.					
Os alunos são					

desmotivados para assistir as aulas.	○	○	○	○	○
Eu sou desmotivado.	○	○	○	○	○
Pela minha percepção, os alunos estão interessados apenas em passar em algum concurso público para bibliotecário.	○	○	○	○	○
Estou apenas interessado em passar em algum concurso público para bibliotecário.	○	○	○	○	○
Imagino que vá fazer mestrado/doutorado.	○	○	○	○	○
Farei mestrado/doutorado apenas se conseguir estabilidade financeira na profissão.	○	○	○	○	○
Se eu pudesse, teria mudado de curso.	○	○	○	○	○
Me entusiasmei com a profissão.	○	○	○	○	○
Recomendaria a jovens que estão em fase de escolha, seguir a carreira de bibliotecário.	○	○	○	○	○
Nos estágios, tive bons profissionais como exemplos positivos de bibliotecário.	○	○	○	○	○

Enviar

100% concluído.

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Powered by

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Denunciar abuso - Termos de Serviço - Termos Adicionais